

GARTH NIX

A SÉTIMA TORRE IV

ACIMA
DO VÉU

 SCHOLASTIC

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A SÉTIMA TORRE IV

ACIMA DO VÉU

Garth Nix

SINOPSE

O Povo Inferior é incansável. Por muito tempo, essa gente se manteve quieta, ocupando os níveis mais baixos do Castelo. Mas, agora, vai se fazer ouvir...

Tal e Milla não estão mais sozinhos na busca da verdade sobre seu mundo. O Corvo, um renegado do Povo Inferior, aliou-se a eles, juntamente com seu bando de rebeldes. Eles conhecem muitos segredos sobre o Castelo – e estão prestes a descobrir o maior de todos.

A escuridão está ficando cada vez mais intensa. As sombras estão se tornando mais fortes. E, mais que nunca, Tal e Milla estão correndo perigo.

Era raro os Escolhidos penetrarem nos níveis do Castelo habitados pelo Povo Inferior. Contanto que estes continuassem a trabalhar como criados, os Escolhidos os ignoravam. Há muito tempo atrás, havia capatazes que inspecionavam regularmente todos os sete níveis dos Inferiores, e até mesmo os aposentos e oficinas vazios que ficavam abaixo do último desses níveis. Entretanto, há cerca de cem anos, ou mais, só ocasionalmente Escolhidos adultos apareciam por ali, embora grupos de crianças passassem, às vezes, algumas horas explorando o local.

De um momento para outro, tudo isso mudou. Subitamente, milhares de Escolhidos se espalharam por todo o sétimo e último nível ocupado pelo Povo Inferior. Vários deles usavam os braçais de ouro com Pedras-do-Sol da Guarda Imperial, e empunhavam espadas.

Empurravam portas e corriam pelos corredores, seus gritos enchendo o ar e seus Espíritos-Sombra deslizando pelas paredes e pelo chão. Pedras-do-Sol emitiam clarões brilhantes, iluminando os cantos mais escuros e qualquer possível esconderijo. Se algo se movesse, à luz seguiam-se raios incandescentes que incineravam cavaratas, ratos e o que mais tentasse escapar àquela busca minuciosa.

Os Inferiores paravam e ficavam imóveis como estátuas, enquanto aqueles pelotões de caçadores vasculhavam suas oficinas e cavernas. Sabiam que essa era a coisa mais segura a fazer. Mas nem todos se deram conta do perigo, ou foram rápidos o bastante para parar e se identificar. Uma velha, muito surda, que andava com dificuldade por um corredor fracamente iluminado, não ouviu quando lhe mandaram parar. O guarda não gritou duas vezes; limitou-se a disparar um Raio Vermelho da Destruição, com sua Pedra-do-Sol.

Quando se viu que o corpo era de uma velha — e não de um dos fugitivos que estavam procurando —, não houve desculpas ou explicações. Simplesmente, os guardas seguiram em frente, com seus Espíritos-Sombra de cintura fina deslizando atrás deles. O corpo, como tudo o que era destruído, estragado ou jogado fora pelos Escolhidos, seria retirado dali pelos Inferiores.

No aposento onde terminava a rampa de lavanderia do quinquagésimo-sexto nível do Castelo, o Escolhido que comandava essa caçada sem precedentes pelo território do Povo Inferior sentou-se tranquilamente numa pilha de sacos de roupas para comer camarões secos que trazia num dos bolsos de sua manga.

À primeira vista, parecia um Escolhido bem comum. Suas Pedras-do-Sol e seu bastão luminoso indicavam que era um Ofuscador, Representante Lumenor da Ordem Laranja, e Mestre-das-Sombras da Imperatriz. Seu rosto era rechonchudo, sua boca pequena e cruel, mas, afora isso, não tinha qualquer traço muito característico.

Seu Espírito-Sombra era mais imponente. Uma coisa angulosa e pontuda, mais alta que um homem. Tinha dois chifres na cabeça e, além de uma boca com várias presas, todos os seus quatro membros superiores tinham, na extremidade, um feixe de garras recurvadas. A criatura se pôs de pé, por trás de seu amo, apoiando-se nas patas com menos garras, e ficou andando de um lado para o outro como se estivesse mais preocupado com o objeto da caçada do que com seu senhor. À luz de tantas Pedras-do-Sol, ele mais parecia feito de carne negra que de sombra.

O homem gordo que comia camarões não era um Escolhido comum. Dava ordens aos guardas que iam e vinham, e todos eles eram de Ordens e níveis superiores. Havia Escolhidos das Ordens Azul, Anil e Violeta, mas todos baixavam a cabeça diante desse Escolhido da Ordem

Laranja e, respeitosamente, ofereciam-lhe luz de suas Pedras-do-Sol.

Vários deles curvavam-se um pouco mais para não ter de encarar a ferida aberta em seu peito, um buraco medonho, do tamanho de um punho fechado, e que atravessava seu corpo de um lado a outro. O ferimento não estava sangrando, e aquele estranho Escolhido não parecia nem um pouco incomodado com ele, embora a espada de chifre de Merwin, que traspassara ossos e carne com tanta facilidade, houvesse sido retirada dali há menos de uma hora.

A espada jazia agora a seus pés, brilhando suavemente. E não havia sangue nela.

O Mestre-das-Sombras Sushin se recostou um pouco mais em sua poltrona improvisada e comeu o último camarão seco. Depois, limpou as mãos numa túnica amarela que estava num dos sacos de roupa suja, e olhou para o último guarda que vinha lhe fazer um relatório — era uma mulher, Senhora-das-Sombras da Ordem Violeta.

— Nós os perdemos —, disse ela, inclinando a cabeça. — Eles foram para uma floresta de raízes Belish, e desapareceram. Estamos removendo as raízes, mas não há sinal deles.

Enquanto a guarda falava, seu Espírito-Sombra foi se encolhendo, a ponto de ficar quase escondido atrás dela, embora seus ombros fossem pelo menos um trecho mais largos que os de qualquer ser humano.

Sushin franziu a testa.

— Continuem procurando, Ethar — disse ele. — Faça com que os Inferiores entendam que devem informar sobre qualquer pista dos fugitivos. Vou voltar lá para cima, para tratar de... outros assuntos. Lembre-se, quero os dois mortos, e seus corpos e roupas destruídos. Mas suas Pedras-do-Sol devem ser devolvidas a mim. Isto é muito importante. Não podemos correr o risco de perder suas Pedras-do-Sol.

Ethar ergueu os olhos, fitando diretamente o buraco no peito de Sushin. Pareceu que ia dizer alguma coisa, mas Sushin a interrompeu. Ergueu a mão, ostentando um anel com uma Pedra-do-Sol particularmente grande e vibrante, que emitiu a mais pura luz Violeta e ofuscou a luz dos outros anéis que havia em sua mão.

— Vai discutir minhas ordens, Senhora-das-Sombras, ou minha autoridade?

Ethar continuou a fitá-lo por mais um segundo e, depois, desviou os olhos.

— Não, Sushin — disse ela, afinal. — Sei em nome de quem você está falando.

Ela se afastou e gesticulou para os guardas que se mantinham a uma distância respeitosa. Quando todos se foram, Sushin riu e murmurou algo, baixo o bastante para que Ethar não o ouvisse.

— Sabe mesmo, Ethar? Tem certeza?

— Você tem de empurrar e girar ao mesmo tempo — disse Tal, enquanto Adras, seu Espírito-Sombra, tentava mais uma vez, inutilmente, fechar o alçapão. — Veja, é assim.

Começou a subir de volta mas, finalmente, Adras conseguiu mover a alavanca da tampa. E a escotilha se fechou atrás deles.

— Agora, quero que você torça a alavanca — disse Tal. Não havia nenhum ferrolho mas, se Adras tentasse torcer a alavanca, certamente emperraria o mecanismo. Ninguém conseguiria descer atrás deles.

— Preciso de luz — disse Adras, bufando e fazendo o maior esforço para torcer a alavanca. — Não tenho força suficiente.

Antes de erguer a mão, Tal verificou se seus pés estavam bem firmes. A Pedra-do-Sol de seu anel emitiu luz laranja e depois branca, tornando-se cada vez mais brilhante.

Com a luz, Adras ficou mais claramente definido. Um Pastor de Tempestades do mundo dos espíritos de Aenir que, aqui, no Mundo das Trevas, era um Espírito-Sombra livre, fadado a estar com Tal mas não necessariamente a obedecer-lhe. Situação que Tal lamentava a maior parte do tempo.

A nuvem de sombra ondulante tinha uma forma vagamente humana mas era duas vezes mais alta que Tal. Um braço possante deu um puxão e a alavanca se soltou em suas mãos. Estava prestes a deixá-la cair quando Tal gritou:

— Não! Dê isso aqui! Lembre-se que Milla e Odris estão ali em baixo!

— Desculpe — disse Adras estendendo a alavanca para Tal. O menino a pôs no bolso, deu um suspiro e recomeçou a descer.

Foi por puro acaso que Tal encontrou o alçapão. Tropeçou em sua tampa enquanto corriam por uma das enormes cavernas onde os Inferiores cultivavam centenas de fileiras de uma raiz vegetal que eles chamavam Belish. Tal nunca tinha gostado de Belish, e abrir caminho através de uma espessa floresta dessas raízes lamacentas também não era nada agradável. Mas sua descoberta acidental fez com que aquilo tudo valesse a pena. Os guardas estavam fechando o cerco.

Agora, Tal estava dentro de um tubo estreito que descia formando um ângulo de quarenta e cinco graus. Não havia propriamente uma escada, mas ferros encravados na rocha, próximos o bastante uns dos outros para serem usados como apoio para as mãos e para os pés. Tampouco havia iluminação, pois não se viam Pedras-do-Sol nas paredes, no teto ou no chão. Para ter alguma luz, Tal dirigia sua Pedra-do-Sol para baixo e, de lá, vinha a resposta de Milla, fazendo brilhar a Pedra-do-Sol que era gêmea da sua.

Milla ia descendo bem depressa, sem perder tempo. Agora, pensava apenas em deixar o Castelo e voltar para o Gelo. Acreditava que tinha tomado decisões erradas e se desviado do caminho certo. O Espírito-Sombra a seu lado era um lembrete constante de seu orgulho e de seu fracasso. Só no Gelo poderia reparar os seus erros.

Aquele Espírito-Sombra a estava seguindo agora. Como Adras, até menos de um dia atrás Odris era uma Pastora de Tempestades, mas aquilo fora no mundo dos espíritos de Aenir. Aqui, no Mundo das Trevas, ela era o Espírito-Sombra de Milla — e ter um Espírito-Sombra

contrariava todas as regras e costumes dos Homens-do-Gelo.

Milla estava convencida que a perda de sua sombra natural significava o fim de seu sonho de se tornar uma Donzela Guerreira... e provavelmente, também, o fim de sua vida. Só a necessidade de informar as Matriarcas acerca do que estava ocorrendo no Castelo e em Aenir a impediria de se lançar ao Gelo tão logo saísse dali.

Antes disso, porém, precisavam escapar de Sushin e dos guardas. Tinham de encontrar Ebbitt, o tio-avô de Tal, e tentar entender tudo o que haviam descoberto. Não que Ebbitt fosse lá muito bom em ajudar a entender coisas, pensava Tal. Mas poderia ser capaz de explicar o que vinham a ser as Grandes Pedras, como elas controlavam o Vêu, e como o pai de Tal, Rerem, podia ser afetado pela Grande Pedra Laranja... O que significava aquilo que o Códex tinha dito?

Ele é o Guardião da Grande Pedra Laranja. Ela foi violada e, portanto, seu Guardião não pode viver. Até que, ou a menos que a Grande Pedra Laranja volte a ser lacrada, ele não deve viver. Se ela for lacrada, seu Guardião voltará a viver.

Também não podiam esquecer Gref, o irmão de Tal. Tal quase tinha conseguido salvá-lo, mas no último minuto o resgate foi frustrado pelas artimanhas de Sushin. De algum modo, Gref havia sido envenenado ou posto em coma. Exatamente como Graile, sua mãe... se bem que ela já estivesse doente há bastante tempo.

Tal tinha se esforçado muito para ajudar sua família, e cumprir o desejo manifestado por seu pai, de que tomasse conta de todos. Mas tudo o que fazia acabava dando errado. No começo, achava que tudo o que precisava fazer era conseguir uma nova Pedra-do-Sol, e isso já era bastante difícil.

Agora, viver era bem mais difícil.

Distraído em seus pensamentos, Tal nem ouviu que Milla o estava chamando, mais lá de baixo, até que seu Espírito-Sombra lhe deu um tapa bem forte na cabeça.

— Ai!

— Milla está dizendo que esse tubo acaba na água — repetiu Adras, falando alto demais, como sempre. Mesmo sendo um Espírito-Sombra, ele conservava as características de um Pastor de Tempestades. Mais trovejava que falava, e relâmpagos de sombra crepitavam ao redor de seus olhos e de seus dedos.

Tal olhou para baixo, fazendo brilhar a Pedra-do-Sol. Milla tinha parado e estava iluminando o túnel, mais à frente, com a sua. Alguma coisa refletia a luz, a uma boa distância de onde ela estava. Que água poderia ser essa? Tal franziu a testa, tentando lembrar das aulas que tinha tido, há muito tempo, sobre a planta do Castelo.

O lugar para onde estavam descendo ficava além do sétimo nível do Povo Inferior, onde havia inúmeras oficinas, culturas de legumes e cogumelos, e manufaturas. Aquele era o último nível completo do Povo Inferior, a não ser por algumas forjas isoladas e... os tanques de peixes.

Era isso que estava lá embaixo. Um dos imensos tanques onde os Inferiores criavam peixes: marlins e cações para a mesa dos Escolhidos, e os camarões translúcidos que, quando secos, eram uma iguaria tão apreciada. Às vezes, havia também enguias naqueles lagos, mas os Escolhidos tinham nojo daquilo e, portanto, só os Inferiores as comiam.

— É raso! — gritou ele para Milla. — Não mergulhe.

Milla franziu a testa, e pulou assim mesmo.

Mas pulou agarrada a Odris. Como Espíritos-Sombra, eles conservavam algumas de suas características de nuvens. Milla flutuou como uma pluma, com Odris toda esparramada, como uma grande onda de escuridão acima dela.

A menina caiu suavemente na água que lhe batia pela cintura. Ergueu a mão e aumentou a luz de sua Pedra-do-Sol. Não fazia muito tempo que possuía uma, mas Tal notou que ela estava aprendendo a controlá-la bem depressa, embora ele só lhe houvesse dado uma aula das mais elementares a este respeito. Achou aquilo preocupante. Supostamente, só os Escolhidos eram capazes de usar Pedras-do-Sol.

Era mais uma parte de seu mundo e de suas crenças que começava a não se encaixar muito bem. Tal já não sabia mais o que era verdade. Boa parte das coisas que lhe haviam ensinado no Lectorium parecia resumir-se a meias-verdades, ou ser apenas uma parcela do todo. Era quase como se o objetivo principal de seus estudos fosse o de incapacitá-lo para um conhecimento mais amplo, em vez de ensinar-lhe algo.

— Venham! — ordenou Milla.

Tal suspirou e desceu para o último ferro engravado naquele tubo. Estendeu, então, o braço para pegar a mão de Adras. O Espírito-Sombra aceitou aquilo, distraído, e o soltou exatamente no momento em que Tal ia pular.

— Segure-se em mim! — disse Tal. — E você precisa se afofar mais para podermos flutuar até lá embaixo.

— Desculpe — tropejou Adras. — Estava pensando em minha terra.

— Bem, é melhor não fazer isso — resmungou Tal.

Desta vez, o Espírito-Sombra obedeceu, segurando Tal e afofando-se para fazerem uma descida controlada.

Mesmo assim, Tal gritou quando chegaram na água. Na pressa de escapar, esqueceram, momentaneamente, a dor da queimadura com ácido de Vêsborá. O contato com a água e o frio fizeram-no sentir uma dor violenta. Ele caiu para a frente e quase afundou.

Adras o ergueu, e Milla e Odris voltaram-se para eles.

— Você está bem? — perguntou Odris. Bem a seu jeito, Milla não disse nada. Tal sabia que ela jamais gritaria por causa de algo tão simples quanto uma dor. Ele cerrou os dentes e se pôs de pé, estremecendo porque sua perna se contraiu num espasmo.

— Tudo bem — disse ele, embora precisasse fazer um esforço para falar. — Vamos.

— Para onde? — perguntou Milla. Ela estava erguendo bem alto o anel de Pedra-do-Sol, de sorte que sua luz se espalhava em torno deles todos, iluminando um vasto círculo e fazendo tremeluzir a água. Fora deste círculo, estava tudo escuro.

Tal virou a cabeça, olhando para todos os lados. Sabia que os tanques de peixes eram muito grandes, alguns deles chegando a ter duzentos ou trezentos trechos de diâmetro. Mas, em algum ponto, haveria um cais ou uma plataforma para que os peixes, depois de pescados, pudessem ser encaixotados e transportados para os armazéns e as cozinhas.

O único problema era saber para que lado ficava o cais.

— Apague sua luz — disse Milla, de súbito. Fitou seu anel de Pedra-do-Sol. Como a luz não se reduziu rápido o bastante, ela a encobriu com a outra mão. Tal, que tinha tido um treinamento adequado, fez a sua pedra se apagar num segundo.

— Por quê? — sussurrou ele quando ficaram no escuro. Por alguma razão, a caverna toda parecia muito mais silenciosa sem a luz e ele não queria perturbar aquele silêncio.

A única resposta de Milla foi um ruído bem leve. Ela estava andando.

— Não gosto nada disso — disse Adras. — Sinto-me fraco.

— E eu me sinto mal — disse Odris. — É como estar com sede, lá em Aenir.

— É só um momentinho — disse Milla. Tal se surpreendeu com aquela voz que vinha de trás dele, e de muito mais longe do que imaginava. — Ah! Agora entendi.

Sua pedra voltou a se acender. Tal deixou a sua brilhar, em resposta.

— Entendeu o quê? — perguntou ele.

— Há luz daquele lado — disse Milla, apontando com o dedo. — E também ouvi algo. Mas ao longe. Essa caverna... esse tanque de peixes... é muito grande.

— Talvez seja o maior deles — disse Tal. — Acho que são três.

Lembranças vagas e desagradáveis de histórias infantis estavam passando por sua mente. Alguma coisa sobre o grande tanque e enguias imensas, cada uma com dez trechos de comprimento e um apetite igualmente grande.

Lembrava-se de rir, em criança, imaginando um Inferior surpreendido por uma enguia gigante. Não parecia tão engraçado, agora que era ele que estava andando pelo tanque de peixes.

Alguma coisa roçou em sua cintura e Tal soltou um ganido, dando um pulo para trás. No mesmo instante, porém, viu o que era. Uma planta: uma tira fina de uma erva marinha, com enormes bulbos cheios de ar que a faziam boiar na superfície da água.

Milla pegou uma daquelas tiras.

— E diferente das ervas marinhas que colhemos sob o Gelo. Acho que essas não se comem.

— Não mesmo —, disse Tal, com uma careta de nojo. Empurrou a planta para longe. Ela era pegajosa, cheirava mal — e havia muitas outras por onde tinham de passar.

Quando afastou a planta, Tal viu um rosto na água. Já ia se encolhendo, achando que alguma coisa estava subindo por trás dele, quando compreendeu o que era.

Era o seu próprio reflexo. No entanto, era tão diferente da última vez que se olhara num espelho de verdade, que quase não se reconheceu. Só tinham se passado umas poucas semanas, mas quanta coisa tinha acontecido...

O jovem Escolhido com o cabelo castanho-escuro um tanto despenteado e o sorriso meio torto tinha desaparecido. Em seu lugar, havia alguém que, em outra época, Tal teria descrito como um selvagem. Seu cabelo estava muito mais desgrenhado e sujo, e tinha, bem no meio, uma larga faixa de um verde brilhante, resultado de seu encontro com um monstro em Aenir. Seu rosto mostrava uma expressão constantemente tensa, meio carrancudo, meio preocupado. Na verdade, aparentava bem mais que os seus quase quatorze anos.

— Venham — disse Milla.

Tal se deu conta que estava olhando fixamente para o reflexo na água. Voltou-se para Milla e percebeu que ela também tinha mudado. Dispensara o vestido amarelo que temporariamente lhe servira de disfarce, e estava usando, abertamente, suas peles de Garota-do-Gelo e a armadura de couro de Selski. Ainda tinha o cabelo louro-branco amarrado para trás. Mas alguma coisa havia mudado.

Tal levou um momento para se dar conta que a mudança estava em seus olhos cinzentos. Não havia mais ferocidade ali, como se eles houvessem perdido algo de seu brilho.

Só então Tal compreendeu que ela ia realmente se lançar ao Gelo. Quando pensou estar salvando a vida dela — e a sua própria —, aceitando os dois Pastores de Tempestades como Espíritos-Sombra, tinha simplesmente adiado o destino de Milla. Ela tiraria a própria vida porque tinha perdido sua sombra natural e adquirido, em seu lugar, um Espírito-Sombra.

— Venham! — repetiu Milla. Ela começou a caminhar pela água, detendo-se, aqui e ali, para afastar algumas tiras da erva bulbosa que atrapalhavam mais que outras.

Tal foi atrás dela, avançando mais devagar. De repente, estava se sentindo incrivelmente cansado. As coisas pareciam difíceis demais. Qualquer atitude que tomasse só fazia piorar tudo. Agora, sabia que precisava garantir que Milla sobrevivesse. A única maneira que lhe ocorria, para conseguir isso, era impedir que ela deixasse o Castelo, o que contrariava inteiramente os próprios desejos da menina. E contrariar os desejos de Milla quase nunca era uma boa idéia.

Talvez Ebbitt pudesse encontrar uma saída, pensou Tal, desanimado.

Ebbitt. Precisavam encontrar Ebbitt — onde quer que ele estivesse — antes que os guardas os alcançassem.

Ou alcançassem Ebbitt, pensou Tal, subitamente. Não tinha pensado nisso antes.

Soltou um gemido. Milla, Adras e Odris pararam, e olharam para ele.

— O que foi? — perguntou Milla. Num instante, já tinha sacado a faca de osso e a segurava na mão.

Tal abanou a cabeça.

— Nada. Só que percebi como tudo isso é estúpido. Estamos procurando Ebbitt, mas não sabemos onde ele está, nem o que poderemos fazer quando o encontrarmos. Há guardas por toda parte, sem falar em Sushin, seja lá o que ele for, efetivamente. Estamos num tanque de peixes poluído. Não fiz nada certo e não consigo entender o que está acontecendo...

Calou-se vendo que Milla o fitava. Sabia que isso não eram modos de um Homem-do-Gelo se lamentar. Mas era o que faziam os Escolhidos. Eles se queixavam dos criados Inferiores, da qualidade da comida, de suas roupas, de qualquer coisa.

Qualquer coisa trivial, pensou Tal. Será que queria realmente ser desse jeito?

Voltou a olhar para o seu reflexo na água e tentou forçar um sorriso. Ele veio vindo lentamente e, por algum motivo, não tinha mais aquela curvatura irritante para o lado esquerdo.

— Por outro lado — disse, bem devagar — tenho uma nova Pedra-do-Sol, que era tudo o que eu queria no começo. E um Espírito-Sombra...

— Eu — disse Adras, todo prosa.

— E temos o Códex, escondido lá no Mausoléu — prosseguiu Tal. Enumerar os pontos

positivos fez com que se sentisse um pouquinho melhor. — Então, por que estou me queixando?

— Não sei — disse Milla. Franziu a testa e acrescentou: — Você está vivo. Seja grato pelo dom da vida, até que ele lhe seja retirado.

Virou-se e recomeçou a abrir caminho em meio às ervas, mais depressa que antes. Tal foi atrás dela, estremecendo por causa da dor na perna. Milla estava andando muito mais depressa do que ele poderia suportar, mas não se queixou.

Era difícil seguir em frente, movendo-se por entre aquelas plantas. A quantidade delas era muito maior do que Tal supunha que fosse saudável para um tanque de criação de peixes. Falando nisso, não parecia haver nenhum peixe ali. Nem enguias. Embora fosse possível que eles houvessem espantado os peixes, ou não pudessem vê-los no escuro. Milla insistira para que reduzissem a luz das Pedras-do-Sol para evitar centelhas que os denunciassem. A princípio, Adras e Odris reclamaram, mas pareciam ter se acostumado à sensação de fraqueza causada pela falta de luz.

Tal caminhou uns bons quinze minutos sem pensar em absolutamente nada, e sem se dar conta do que fazia. Apenas ia abrindo caminho em meio às plantas, seguindo Milla. E teria continuado a fazer isso, distraidamente, se ela não tivesse parado.

— O que foi? — sussurrou Tal, aproximando-se dela.

— Olhe — sussurrou Milla, em resposta.

Tal olhou. Havia luz mais à frente. Mas não era a iluminação clara e regular das Pedras-do-Sol. Era uma luz que piscava, bastante fraca, e de coloração um tanto variável. Uma ou duas lamparinas a óleo, pensou Tal — que os Inferiores usavam nas partes do Castelo onde não havia qualquer Pedra-do-Sol instalada. É claro que o Povo Inferior não podia usar Pedras-do-Sol. Deviam, pois, fabricar lamparinas a óleo e artefatos similares.

Àquela luz fraca, Tal podia ver quatro... não... cinco pessoas trabalhando duro. Duas delas estavam na água, passando fardos de alguma coisa para os que estavam em cima, enquanto estes pegavam o que quer que fosse aquilo e punham tudo em barris.

— Inferiores recolhendo peixes — disse Tal, sem se preocupar em falar baixo. — Podemos simplesmente passar...

Uma mão fria tapou sua boca, fazendo-o calar-se.

— Cale a boca — sussurrou Milla, feroz. — Não são Inferiores comuns. E não estão recolhendo peixes.

Por um momento, Tal ficou tentado a morder a mão de Milla, mas não fez nada disso e, logo depois, ela retirou a mão. Além do mais, quando olhou para o cais, percebeu que havia realmente algo estranho com relação àqueles Inferiores. Para começo de conversa, não estavam usando as túnicas brancas habituais. E não estavam recolhendo peixes. Eram aquelas plantas que eles estavam retirando da água e, no cais, cortavam-nas ao comprido antes de pô-las nos barris.

— Eles têm lanças — disse Milla, bem baixinho. A visão dela era muito melhor que a de Tal, especialmente no escuro, ou quase no escuro. — E um deles tem uma longa faca. Ah...

Um deles tinha parado exatamente no ponto mais iluminado pela lamparina. Era um menino, não muito mais velho que Tal, mas bem mais alto e musculoso. Estava usando a roupa branca dos Inferiores mas havia alguma coisa pintada ou bordada nela — uma espécie de figura ou de coisa escrita que Tal não conseguia decifrar àquela distância. Usava também um estranho chapéu triangular com a ponta maior virada para a frente. Nesse chapéu, havia várias penas

longas, negras ou azul-escuras, num arranjo vistoso.

Ele parecia vagamente familiar. Tal tinha certeza de já tê-lo visto antes, mas não conseguia saber onde.

Mas Milla sabia.

— É aquele que chamam de Corvo — disse ela. — O líder do grupo que nos tirou dos túneis de aquecimento, quando o ar ficou ruim.

— São eles? — perguntou Tal. Ficara meio inconsciente, ou delirante, por causa dos gases dos túneis de aquecimento. Se não tivessem sido resgatados, teriam morrido lá mesmo. Não tinha tido tempo de pensar nas pessoas que os tiraram dali. Agora, tudo aquilo estava voltando.

— São — disse Milla. — É melhor termos cuidado. A maioria deles queria nos matar. E eles odeiam os Escolhidos.

— O quê? — perguntou Tal. — Eles são Inferiores! Não podem odiar os Escolhidos! Isso... isso não é permitido.

— Eles não são Inferiores comuns. É como eu disse antes. São Renegados.

Tal ficou olhando para os Inferiores. É verdade que estavam usando roupas muito velhas. E nenhum Inferior tinha nada que ficar andando pelos túneis de aquecimento, onde eles resgataram Tal e Milla. Ouvira dizer que alguns Inferiores tinham se rebelado contra os Escolhidos, e viviam abaixo dos níveis normais. Mas nunca tinha acreditado de fato nisso.

— São só cinco — disse ele, afinal. — Nós dois temos Pedras-do-Sol, e Adras e Odris.

— Mas nós estamos fracos — disse Odris, com uma voz queixosa no meio da escuridão. — Não poderia esmagar uma cavarata do jeito que estou agora.

— Eu poderia — intrometeu-se Adras. — Poderia esmagar uma cavarata, na maior facilidade, e talvez algo do tamanho de um Dattu, ou, quem sabe, de um Lowok..

— Eu estava exagerando — interrompeu Odris. — É claro que poderia esmagar uma cavarata. Mas não poderia fazer muita coisa numa luta de verdade...

— Eu poderia — disse Adras, orgulhoso. — Mas, se houvesse mais luz...

— Calem-se, vocês dois — ordenou Milla.

— Temos que passar por eles — disse Tal. — Não há outra maneira de sair desse tanque. E, logo, logo, os guardas devem encontrar o alçapão.

— Devemos a vida a eles — disse Milla, e as palavras vieram saindo bem devagar, como se ela estivesse pensando alto. — Isso significa que devemos falar com eles antes. Talvez saibam onde podemos encontrar seu avô-tio Ebbitt.

— Tio-avô, e não avô-tio — emendou Tal. — Mas eu duvido. Em geral, os Inferiores não sabem nada, a não ser sobre seu trabalho. O que será que eles planejam fazer com essas plantas?

— Adras, Odris, preparem-se para nos defender se eles atacarem — disse Milla. — Aumentaremos a luz. Vamos lá.

Estavam a uma dezena de trechos das docas quando os Inferiores os viram. Foi o Corvo que olhou para a água, alertado por um ruído. Em seu rosto, houve um breve lampejo de surpresa, que logo passou, quando ele gritou e empunhou a lança.

— Olhem lá! Na água!

Os dois outros que estavam no cais também foram pegar suas lanças enquanto os que estavam na água se precipitaram para os degraus. Voaram plantas por todo lado quando os Inferiores as empurraram em sua pressa de chegar até as armas ou em sair da água.

— Viemos em paz! — gritou Milla. — Não atirem!

— Conversar! — gritou Tal. — Queremos apenas falar com vocês!

Infelizmente, naquele instante, Adras decidiu que poderia ajudar soltando um grito de trovão. O ruído irrompeu da água com toda a força de um trovão de verdade, encobrindo todas as falas e atordoando momentaneamente os Inferiores.

Quando o trovão ecoou pelo tanque, o Corvo atirou sua lança na direção de Tal. Milla deu um salto para a frente e a agarrou em pleno ar.

Tal afundou até o pescoço, mas manteve a mão com o anel de Pedra-do-Sol fora da água. Enfurecido, concentrou toda a sua atenção em provocar luz ofuscante.

A luz jorrou da pedra, dissipando a escuridão. Adras e Odris rugiram deliciados, subitamente visíveis como sombras de contornos bem traçados, imensas figuras de nuvem, ondulantes, com formas humanas. Correram para os outros Inferiores, que atiraram suas lanças nos Espíritos-Sombra, mas em vão. Adras e Odris as rebateram.

Uma batalha de grandes proporções parecia estar se armando quando Milla gritou, usando o tom de voz que aprendera a usar a bordo de um navio do Gelo no auge de uma ventania.

— Parem! Parem todos vocês!

Todos pararam. Talvez houvessem recomeçado, se Milla não tivesse continuado a gritar.

— Adras! Odris! Voltem aqui. Vocês, Inferiores, fiquem onde estão. Queremos apenas falar com vocês! Não somos Escolhidos!

Tal foi saindo da água, tirando aquelas ervas de seus ombros. A Pedra-do-Sol continuava a brilhar com toda força, mas seu foco tinha sido desviado lá para o teto e, portanto, não ofuscou ninguém.

— São eles — disse um dos Inferiores, um menino... não... uma menina alta, de cabelo louro, que se chamava Gill, como Tal de repente se lembrou. — Aqueles dois que resgatamos do Acesso 3. Eu disse que devíamos tê-los matado.

— Cale a boca! — disse o Corvo. Estava olhando para Tal e Milla, mas seus olhos continuavam indo e vindo de Adras a Odris. Tinha uma faca na mão, mas esta pendia ao lado do corpo.

— Não somos Escolhidos — repetiu Milla, ignorando o olhar furioso que Tal lhe dirigia. Ela podia não ser uma Escolhida, mas ele era um, e não via razão para fingir o contrário.

— Não? — perguntou o Corvo. — Vocês têm Pedras-do-Sol e Espíritos-Sombra.

— Eu sou Milla, dos Homens-do-Gelo, de fora do Castelo. Tal... era um Escolhido, mas não é mais. Os Escolhidos o baniram. Os guardas estão atrás dele.

Tal chegou a abrir a boca para protestar, mas voltou a fechá-la. Milla estava contando o que acontecera, com suas próprias palavras, mas continuava sendo verdade. Ele era efetivamente um Renegado. Na verdade, ainda não tinha refletido a esse respeito.

O Corvo ouviu aquilo sem alterar a expressão de seu rosto. Mesmo o fato de Milla vir de fora do Castelo não pareceu perturbá-lo. Os outros se remexiam, nervosos, e olhavam para trás em direção à porta aberta e ao túnel que estava além dela.

— Estamos procurando meu tio-avô Ebbitt — disse Tal. — Um velho Escolhido. Seu Espírito-Sombra tem a forma de um gato com uma crina. Vocês o viram por aqui?

— Talvez — disse o Corvo. Tal percebeu que os outros Inferiores pareciam reconhecer o nome de Ebbitt e estavam evitando encará-lo. Também estava claro que o Corvo era o líder do grupo e que todos ficariam calados enquanto ele conduzia as conversações.

— Podem nos levar até ele? — perguntou Milla.

— Depende, não é? — disse o Corvo.

— De quê? — perguntou Tal. Ele estava ficando cada vez mais zangado. — Por que vocês... por que vocês simplesmente não fazem o que estamos dizendo?

As palavras ainda estavam saindo de sua boca e Tal já se arrependia de tê-las pronunciado. Foi exatamente por isso que teve problemas com os Homens-do-Gelo. Sua mente já tinha aprendido isso, mas ela era mais lenta que sua língua.

O Corvo o fitou com os olhos escuros brilhando de ódio.

— Você ainda é um Escolhido, não é? — disse ele, erguendo a faca. — Faça isso, faça aquilo! Aqui embaixo, não somos seus criados! Somos um Povo Livre, e não o Povo Inferior. E, por mim, vocês podem ficar vagando por aqui, como bonequinhos de luz inteiramente perdidos, até que os guardas os apanhem!

Tal ergueu a Pedra-do-Sol e mentalizou um Raio Vermelho da Destruição. Se o Corvo saltasse sobre ele, ou tentasse atirar a lança, dispararia.

O Corvo viu a luz vermelha girando em torno da pedra, e hesitou. Antes que um dos dois resolvesse romper aquele impasse momentâneo, Milla se meteu entre eles e fitou o Inferior que estava no cais.

— Não deve haver luta entre nós, quando o verdadeiro inimigo está tão perto — disse ela. — Mais tarde, quando a tempestade houver passado, podemos acertar nossas contas.

O Corvo olhou para ela, o rosto ainda visivelmente furioso. Parecia que ia atacar, de qualquer maneira, mas um de seus companheiros se adiantou e sussurrou alguma coisa em seu ouvido.

— Cale a boca, Clovil! — disse o Corvo, empurrando o outro rapaz com tanta força que ele caiu em cima de um barril, numa pilha daquelas plantas.

— Tudo bem, vou falar alto, para todos poderem ouvir — gritou Clovil, tentando sair do meio das plantas. Agora, ele também estava zangado. — Temos ordens para levar quem quiser ver Ebbitt até...

— Cale a boca! — repetiu o Corvo. Mas sua raiva parecia ter se abrandado, pois não havia força em suas palavras.

— Então, vocês conhecem Ebbitt — disse Milla. — E há alguém que lhes dá ordens. Levem-nos até a sua Matriarca.

— Nossa o quê? — perguntou Gill, enquanto o Corvo franzia a testa e ficava calado.

— A pessoa que comanda — explicou Tal. Ele tinha conseguido se acalmar e estava lembrando de seu primeiro encontro com Milla e os Homens-do-Gelo. Era evidente que esses indivíduos não eram Inferiores comuns e não podiam ser tratados como se fossem. Teria que ser mais educado. Pelo menos, isso ele tinha aprendido lá no Gelo. — Desculpe o que eu disse — acrescentou Tal, dirigindo-se ao Corvo. Este o fitou, inexpressivo. Não dava para saber que idéias estavam por trás daqueles olhos que nem piscavam. Tal ficou sem saber se seu pedido de desculpas tinha sido aceito ou não.

— Clovil, Ferek — ordenou o Corvo — vocês primeiro. Vamos pela região das forjas, passando pelo tanque quatro.

— Quatro? — perguntou Ferek. Era um menino pequeno e aparentemente nervoso. Fazia uns trejeitos, enquanto falava. Tal já tinha visto esse tipo de nervoso antes. Ferek devia ter passado uns tempos na Câmara dos Pesadelos.

— Eu disse região das forjas e tanque número quatro — dardejou o Corvo. — Será que tenho de repetir cada ordem?

— Só as mais estúpidas — resmungou Gill, baixo demais para ser ouvida, a não ser por Milla. A Garota-do-Gelo lançou um olhar para a menina, que se espantou que ela a tivesse ouvido. Franziu a testa, e desviou os olhos.

Milla e Tal subiram para o cais, com seus Espíritos-Sombra erguendo-se atrás deles. Os Inferiores deram um passo atrás, formando, inconscientemente, uma linha.

— Como já disse, sou Milla, do Clã dos Caçadores dos Homens-do-Gelo. Como vocês se chamam?

Os Inferiores olharam para o Corvo, que deu de ombros. Evidentemente, era uma autorização. Mesmo assim, eles levaram um momento para começar a murmurar seus nomes.

— Eu me chamo Gill — disse a menina loura.

Como acontecia com todos os demais, suas roupas misturavam a túnica branca dos Inferiores com peças e detalhes esquisitos. No caso de Gill, isso incluía um cinto de Estrela-Brilhante da Ordem Azul que, de tão sujo, mais parecia preto. Ela precisava dele porque era muito magrinha.

De perto, Tal viu que sua túnica branca, como as de seus companheiros, trazia inscrições grosseiras. Precisou dar tratos à bola até descobrir que era a letra R, do alfabeto padrão dos Escolhidos, indefinidamente repetida.

— R de Resistência — disse Clovil, que percebera o que Tal estava fazendo. — Que não obedecem aos Escolhidos. Isto mostra quem somos, para nos diferenciar dos Resignados.

— Resignados? — perguntou Milla. — Hã... mas isso também começa com R...

— Mas eles não têm inscrições na roupa — explicou Clovil.

— Você quer dizer os... Inferiores comuns?

O Corvo fez um gesto brusco e Clovil não respondeu. Tal não insistiu. Ainda havia muita tensão no ar.

— Você se chama Clovil? — perguntou Milla, já que ninguém mais tinha se apresentado.

O rapaz concordou. Ainda havia daquelas plantas em seus ombros. Ele era quase tão alto quanto o Corvo e, pela atitude que tivera antes, parecia achar que devia estar no comando. Seu cabelo ruivo estava preso para trás, com uma espécie de pente feito de um grande osso branco. Podia ser osso de gente mas, como os Inferiores criavam todo tipo de gado para a mesa dos Escolhidos, podia perfeitamente ser também um osso de animal.

— E você é Ferek — prosseguiu Milla, apontando para o menino pequeno, cheio de tiques. Ele concordou e sorriu, animado. Mas o Corvo fechou a cara, e o sorriso desapareceu.

Além do Corvo, havia ainda uma garota corpulenta, que tinha ficado calada o tempo todo. À diferença dos demais, ela usava um pesado avental de couro sobre a túnica do Povo Inferior, e tinha inúmeras bolsas penduradas no cinto.

— Esta é Tinty — disse Gill.

Tinty acenou com a cabeça. Ninguém disse por que ela não falava.

— Eu sou Odris — disse a Pastora de Tempestades, depois de outra breve pausa.

Quando o Espírito-Sombra falou, todos os Inferiores — até mesmo o Corvo — pularam de susto, e Ferek deu um passo atrás, numa tremedeira incontrolável, como se de repente tivesse ficado com febre.

— O que foi? — perguntou Odris, olhando para Milla e Tal. — Tudo o que fiz foi dizer meu nome!

— Habitualmente, os Espíritos-Sombra não falam com ninguém, a não ser com seus amos, e em particular — disse Tal. Já estava tão acostumado com Adras e Odris falando o tempo todo, que tinha esquecido que essa era mais uma diferença entre os Pastores de Tempestades e os outros Espíritos-Sombra.

— Odris e Adras não são como os Espíritos-Sombra dos Escolhidos — explicou Tal. — São... hã... amigos, suponho eu, mais que... hã... criados.

Milla não disse nada. Estava olhando para trás, para o outro lado do tanque, na escuridão. Irromperam luzes por lá, uma súbita aparição de clarões e centelhas à distância. Havia também um eco longínquo de gritos.

— Os guardas — disse ela, aflita. — Eles nos encontraram. Precisamos sair daqui bem depressa.

— Certo — disse o Corvo. — Como eu disse... pela região das forjas e, então, atravessando o tanque número quatro. Clovil, Ferek, vão na frente.

Os dois meninos que ele havia nomeado correram pelas docas até uma abertura na parede da caverna e passaram por ela.

— Vocês primeiro — disse o Corvo, dirigindo-se a Tal e a Milla, reforçando com um gesto o que dizia.

Milla abanou a cabeça.

— Não — disse ela, tranqüilamente. — Vou atrás de vocês.

O Corvo a fitou por um instante e, depois, deu de ombros e foi embora, seguido pelos outros Inferiores. No meio do caminho, pegou uma longa tira da erva marinha, que tinha nódulos bem grandes, e a pendurou nos ombros. Gill e Tinty fizeram o mesmo.

Milla e Tal esperaram até que os Resistentes tivessem se afastado bastante, e só então os

seguiram. Nenhum dos dois disse nada, mas nem Tal nem Milla queriam o Corvo às suas costas.

Os membros da Resistência conduziram Milla, Tal e os dois Espíritos-Sombra através de passagens estreitas e tortuosas, toscamente escavadas na pedra amarelada da montanha. De quando em quando, uma pálida Pedra-do-Sol, isolada, mostrava que esses caminhos haviam sido outrora iluminados, e utilizados pelos Escolhidos. Em sua maioria, porém, eram escuros, manchados pela fumaça das lamparinas do Povo Inferior, e as únicas Pedras-do-Sol que havia ali estavam mortas há muito tempo e, agora, não passavam de buracos escuros no teto ou nas paredes.

Clovil e Ferek caminhavam a passo rápido, o que deixava Milla bem feliz, pois sabia que os guardas, ou seus Espíritos-Sombra, logo descobririam por onde eles tinham ido. Tal também ficaria feliz com isso, se não fosse por sua perna que doía muito. Queria usar sua Pedra-do-Sol para aliviar a dor, mas nunca paravam por tempo suficiente para ele convocar qualquer dos raios de cura que aprendera no Lectorium.

Depois de uma hora de caminhada pelas passagens mais estreitas e tortuosas, Clovil e Ferek reduziram o ritmo e pararam uns poucos trechos antes de chegarem a uma virada do caminho. Enquanto os outros foram se dirigindo para lá, Tal e Milla ouviram estranhos ruídos de água, ou coisa semelhante, borbulhando e chapinhando, como se um rebanho de gigantescos animais estivesse bebendo e, depois, cuspidando.

Havia também uma estranha luz que se espalhava pelo túnel — uma luz quente, amarela matizada de azul, que Tal jamais vira antes. Pelo menos, não tão intensa assim. Aquilo lembrava algo que ele não conseguia identificar.

— Temos de calcular essa parte do caminho com muito cuidado — disse Gill. — Esperem o Refluxo.

— De quê? — perguntou Tal.

— Do cristal — disse Gill. — Este é o território das forjas.

— Cale a boca, Gill, e veja que turno é esse, e quanto tempo falta para o próximo Refluxo — ordenou o Corvo, rispidamente.

Gill fungou e foi se aproximando da curva do túnel. Tão logo meteu a cabeça ali, sua pele foi inundada pela luz amarelo-azulada, a tal ponto que ela parecia ter mudado de cor. Ficou olhando dali, por um minuto, e então voltou.

— É o Atirador e sua turma — anunciou Gill. — Calculo que o Refluxo não vá demorar. O cristal já está mudando de cor.

Quando ela mencionou o nome do Atirador, seus companheiros grunhiram, exceto o Corvo. Ele apenas franziu levemente as sobrancelhas e continuou olhando para a luz que vinha daquela curva.

— Quem é esse Atirador? — indagou Mil Ia. — Um inimigo?

— Não exatamente — respondeu Clovil. — É um Resignado, como a maior parte deles...

— Cale a boca! — dardejou o Corvo.

— Cale a boca você! — replicou Clovil. — Como eu estava dizendo, ele é um Resignado, daqueles que vocês chamam Povo Inferior. Acham que todos nós nascemos para trabalhar para

os Escolhidos, que é assim que tem de ser...

O Corvo fez um movimento ameaçador em direção a Clovil, que se calou imediatamente, com uma careta. Mas recomeçou a falar assim que o Corvo recuou.

— Nós o chamamos de Atrador porque ele joga cristal líquido em quem quer que interfira em seu trabalho.

— Cristal líquido? — perguntou Tal. — O que é isso?

— Você vai ver! — declarou o Corvo. — Está ficando verde. Preparem-se para correr. Tal e Milla, fiquem bem atrás de nós. Não saiam da trilha.

A luz mais à frente estava mudando, passando de um amarelo-alaranjado a um verde mais suave. Quando só restavam umas poucas pinceladas de cor, e a luz estava quase inteiramente verde, o Corvo gritou: — Refluxo!

Clovil e Ferek pularam à frente e saíram correndo para a curva do caminho, seguidos de perto pelos demais.

Irromperam numa caverna imensa. Tal só teve um momento para dar uma olhada geral, pois precisava se concentrar em seguir os Resistentes.

Uma trilha estreita e sinuosa aparecia no centro de um imenso mar de cristal verde, líqüefeito, que refluía para os lados da gigantesca caverna. Ondas de calor saíam dali, mas dava para agüentar. Tal não conseguia compreender como eles não tinham sido imediatamente incinerados uma vez que, sem dúvida alguma, um lago de cristal como aquele deveria, pelo menos, queimar suas roupas. Viu, então, as enormes Pedras-do-Sol, centenárias, que havia no teto, e a luz que projetavam.

As Pedras-do-Sol empurravam o cristal derretido para ambos os lados da caverna, mas também estavam refrescando aquela trilha central. Outras Pedras-do-Sol projetavam linhas de força azul que revolviam o cristal, formando redemoinhos e correntes.

Outras trilhas seguras iam surgindo enquanto o líquido redemoinhava, trilhas que contornavam os profundos tanques de cristal. Inferiores, usando pesadas roupas de proteção e botas, iam e vinham pelas trilhas, recolhendo cristal líqüefeito com conchas de cabo longo. Quando estas estavam cheias até a borda, eles corriam de volta a uma das três ilhotas mais altas que estavam permanentemente a salvo daquela massa líquida. Lá chegando, derramavam o cristal líquido numa fôrma que os aguardava ali, e corriam para buscar mais.

Tal estava entretido com a atividade dos Inferiores e não percebeu que havia ficado para trás, até que Gill gritou:

— Depressa!

No mesmo momento, sentiu que uma das Pedras-do-Sol do teto havia se desativado. Sem a sua benéfica luz azul, a temperatura se elevou e o lugar foi ficando abafado. Tal deu um pulo à frente e correu mais depressa, para alcançar os outros que estavam justamente subindo na terceira ilha. Quando chegou ali, sua perna se contraiu e ele sentou no chão, meio que caindo. Apertou os músculos com os polegares, fazendo uma careta de dor.

— Deixe que eu faço isso — disse Adras, esticando os imensos dedos fofos. Rapidamente, Tal encolheu a perna.

— Não! Não! Você pode quebrar minha perna.

— Estamos na metade do caminho. Temos de esperar aqui até o próximo Refluxo — disse

Gill. — Tomara que o Atirador nos deixe em paz.

Tal continuou a massagear a perna, olhando para aquela caverna. O cristal líquido estava voltando a cobrir as trilhas, e a luz recomeçava a se intensificar. Na ilhota estava bastante fresco, mas Tal podia jurar que era por causa de uma única Pedra-do-Sol, bem antiga. Olhando a seu redor, viu que havia partes mais elevadas do chão que estavam queimadas e corroídas. Antes, havia outras ilhotas, mas suas Pedras-do-Sol não funcionavam mais.

— Então é aqui que são feitos pratos e xícaras — disse Tal, olhando para os Inferiores que estavam na ilhota mais próxima e que viravam as fôrmas para remover os tão duráveis pratos, xícaras e outros utensílios que lhe eram bem familiares. — Não tinha a menor idéia que fosse assim.

— Claro que não — disse o Corvo. — As roupas e botas que essa gente está usando são quase tão velhas quanto as Pedras-do-Sol do teto. Sabe quantas pessoas morrem queimadas, aqui, a cada ano, só para que alguns Escolhidos possam ter pratos de cores diferentes?

Por trás dele, Gill aproximou o polegar do indicador para fazer um "zero". O Corvo deve ter percebido alguma coisa pelo olhar de Tal, pois virou-se, furioso. Gill baixou a mão instantaneamente e desviou os olhos. Era evidente que tinha medo do Corvo.

— Com mil Escuridões! — praguejou o Corvo.

— É o Atirador.

Apontou com o dedo. Através do vapor que pairava sobre o cristal que se espalhava rapidamente, e voltara a ter aquela cor amarela mesclada de azul, Tal percebeu alguém que avançava em meio à massa líquida.

— Como é que ele... — ia dizendo Tal, quando conseguiu enxergar mais claramente. O homem estava usando a mesma espécie de traje pesado que vira em outros trabalhadores do Povo Inferior, mas o dele tinha incrustações de Pedras-do-Sol ativadas. Elas envolviam a figura em luz azul fria.

— A única armadura que ainda funciona — disse Clovil, nervoso. — Tomara que o Refluxo aconteça antes que ele chegue perto o bastante para poder atirar.

Era preciso avançar lentamente pelo cristal liqüefeito. Havia correntes e buracos profundos que tinham de ser contornados. Mas o Atirador conhecia todos eles, e continuava se aproximando. Trazia uma daquelas conchas de cabo longo no ombro.

— Talvez ele só vá chamar nossa atenção — disse Ferek. Lá estavam seus tiques de novo.

— Ele chamou nossa atenção da última vez — disse Clovil. — Com certeza vai nos queimar agora.

— Não vai, não — disse o Corvo. — Usem a cabeça.

E fez um gesto desdenhoso, indicando Tal e Milla.

— Assim que ele vir esses dois com suas Pedras-do-Sol e seus Espíritos-Sombra, vai lamber as mãos deles e querer mostrar-lhes tudo por aqui.

Ferek suspirou, aliviado, e relaxou. Mas Clovil continuou de olho no Inferior que se aproximava. Tão logo chegou mais perto, o Atirador tirou a concha do ombro e começou a recolher e a atirar grandes porções de cristal líquido na direção dos meninos.

— Acho que o Atirador não está enxergando lá muito bem — declarou Clovil quando um bocado de cristal caiu a vinte ou trinta trechos da ilhota. — Ele já está bem velho, além de estar

usando um capuz e óculos de proteção.

Outra porção de cristal escaldante passou zunindo, e caiu ainda mais perto.

— Acho que não consegue enxergar nenhum Espírito-Sombra ou Pedra-do-Sol — disse Clovil, com a voz cada vez mais aflita à medida que iam chegando à extremidade mais afastada da ilhota. — Será que o Refluxo ainda vai demorar?

— Um ou dois minutos — disse o Corvo, com toda calma, observando a coloração do cristal.

Exatamente enquanto ele falava, um bocado de cristal líquido atingiu a outra ponta da ilhota, se estilhaçando e atirando fragmentos escaldantes em todas as direções. Alguns chegaram a uns poucos trechos do grupo. Diante disso, eles se espremeram uns contra os outros, na extremidade mais afastada.

— Adras — ordenou Tal, — vão até lá, você e Odris, e digam a esse Atirador para parar. Fiquem acima do cristal e evitem esbarrar nele. Seja lá o que forem fazer, não tentem pegar o cristal ou rebatê-lo. Já que está impregnado de luz de Pedras-do-Sol, ele pode conseguir feri-los.

— É mesmo? — perguntou Odris. — Então, é melhor ficarmos aqui.

Adras já tinha começado a se adiantar mas ela estendeu uma ondulante mão-de-sombra, e o puxou de volta pela orelha.

— Ai! — exclamou Adras.

O Atirador fez outra pausa para recolher mais cristal líquido e arremessá-lo com perícia. Desta vez, caiu à esquerda do grupo, fora da ilhota. Eles foram atingidos por minúsculas fagulhas e partículas.

À exceção de Milla e do Corvo, todos pularam e bateram nas partículas incandescentes, tentando tirá-las de suas roupas antes que elas lhes queimassem a pele.

— Depressa, Odris — dardejou Milla. O Atirador estava recolhendo mais cristal. — Você é rápida o bastante para evitar ser atingida.

— Ah! está bem — resmungou Odris. — Eu sei que você só está querendo se livrar de mim, de uma maneira ou de outra.

Lançou-se aos ares, com as pernas e os braços ficando, mais indefinidos para assumir a forma de uma nuvem. A iluminação da caverna era tão intensa que sua carne-de-sombra estava bem definida. Parecia até que ela estava de volta a Aenir, como uma nuvem negra de tempestade.

Adras foi atrás dela, mas precisou pôr um dos pés na ilha e tomar impulso para alçar vôo. Tal suspirou vendo aquela manobra desajeitada. Desobediente, não muito esperto, e desajeitado — aquele era o seu Espírito-Sombra.

Os dois Espíritos-Sombra flutuaram em direção ao Atirador. Sua concha estava fora do cristal e ele estava virando o corpo para começar a arremessá-lo quando viu os Espíritos-Sombra que se aproximavam.

Surpreso, ficou balançando a concha para trás, até que perdeu o equilíbrio. Deixou cair a concha, balançou os braços no ar e, então, despencou para trás — no cristal líquido. Ouviu-se um grande ruído, uma mão surgiu na superfície e ele desapareceu.

Só havia ali o cristal ondulante, que já estava quase azul, e o vapor quente pairando sobre ele.

— Está morto, sem dúvida — disse Clovil, olhando para o ponto onde, alguns segundos antes,

havia um homem. — Mesmo com aquela roupa.

Os Espíritos-Sombra retornaram e voltaram a espichar as pernas para caminhar pela ilhota.

— Não fizemos nada — disse Odris, aflita. — Ele simplesmente caiu.

— Ele estava atirando cristal líquido em nós — disse Gill, sem muita convicção. Para uma pretensa rebelde, sedenta de sangue, ela parecia imensamente chocada com aquele acidente inesperado.

— Está quase na hora do Refluxo — disse o Corvo. Ele era o único que parecia não estar ligando a mínima para aquilo. — Preparem-se. Desta vez, temos que atravessar todo o resto da caverna.

Mas todos ainda fitavam o local onde o Atirador caíra. O cristal estava esfriando, agora, ficando azul-esverdeado, e o líquido começava a refluir. Ninguém disse nada, mas era evidente que todos esperavam que o Atirador tivesse sobrevivido, sabe-se lá como, e fosse levantar dali.

O cristal líquido continuou a refluir para os lados, e as trilhas começaram a surgir. Apareceu o corpo do Atirador, um bloco imóvel, como uma ilha minúscula.

— As Pedras-do-Sol de sua roupa ainda estão funcionando — disse Tal, reparando o brilho azul. — Talvez devêssemos ajudá-lo a se levantar. Ele pode estar bem.

— Não dá tempo — o Corvo estava apontando para a trilha que ia surgindo lentamente à medida que o cristal refluiu. — O Refluxo é agora!

Encaminhou-se para a extremidade da caverna. Seus companheiros hesitaram mas acabaram indo atrás dele. Milla agarrou o braço de Tal e o puxou para irem também.

— Não dá tempo — disse ela. — Ele era um inimigo. Os guardas ainda estão atrás de nós, lembra? Venha!

Tal a seguiu. Não conseguia entender por que estava tão aborrecido. O Atirador era apenas um Inferior, e Inferiores estavam sempre morrendo. Mas tinha acontecido tão de repente. Num segundo, ele estava vivo e, então, se afogou no cristal líquido...

Talvez se levantasse depois que eles tivessem ido embora. Talvez sua armadura fosse boa o bastante para mantê-lo vivo enquanto estivesse recuperando suas forças...

A perna de Tal recomeçou a doer e ele precisava de muita concentração para correr. Havia uns bons duzentos trechos até a extremidade da caverna, e os outros estavam bem mais à frente. A não ser Adras, que ficava parando para olhar para trás.

Mais uma vez, Tal sentiu que os raios protetores das Pedras-do-Sol encravadas no teto começavam a se reduzir. Os outros já estavam subindo uma escada íngreme que levava à saída da caverna. De repente, o cristal líquido recomeçou a fluir. Faltavam cinquenta trechos, e Tal teve um momento de pânico quando uma súbita onda de cristal varreu a trilha.

Mas a quantidade não era grande, e ele conseguiu saltá-la e pisar no chão sem que sua perna falhasse. Mesmo assim, deu para sentir o calor, uma onda repentina que teria sido perigosa se tivesse durado mais que um breve instante.

Quando chegou à escada, o Corvo o fitou com um risinho de desdém.

— Muita comida e pouco exercício — disse ele. — É um típico Escolhido.

— Tal está ferido — explicou Milla, como se estivesse dizendo a coisa mais natural do mundo. — Ferrão de Vêsbora, na perna.

— Ferrão de quê? — perguntou Clovil.

— De Vêsbora — disse Tal. — Lá no mundo dos espíritos, Aenir.

— Aenir? — Clovil parecia confuso. — Eu achava que os corpos dos Escolhidos fossem deixados aqui quando eles vão a Aenir.

— E são — disse Tal. — Mas o que quer que aconteça lá afeta nosso corpo aqui.

— Isso funciona também em sentido contrário? — indagou o Corvo, com súbita veemência. — Se o corpo de um Escolhido for ferido enquanto ele estiver em Aenir, ele ficará ferido lá?

Tal viu o brilho nos olhos do Corvo. Era evidente que ele odiava os Escolhidos para valer.

— Seus corpos ficam protegidos por seus Espíritos-Sombra — disse Tal, lacônico, não respondendo efetivamente à pergunta.

— Mas, se não ficassem? — insistiu o Corvo. — Por exemplo, se eu apunhalasse o corpo de um Escolhido, ele morreria lá em Aenir?

— Já que eles ficam protegidos pelos Espíritos-Sombra, como saber? — replicou Tal.

— Talvez eu descubra um dia desses — zombou o Corvo, ameaçador.

— Chega de conversa — ordenou Milla. — Podemos conversar mais tarde. Precisamos encontrar Ebbitt.

O Corvo assentiu e, com a cabeça, indicou a Clovil e Ferek que, mais uma vez, eram eles que iam na frente.

A escada continuava a subir até quase o teto da caverna e acabava diante de um conjunto de portas de metal larguíssimas. Elas estavam levemente entreabertas, apenas o suficiente para que se pudesse passar por ali, embora alguém gordo como Sushin fosse ter alguma dificuldade em fazê-lo.

Milla parou e limpou a poeira de um pedacinho daquelas portas. Como imaginara, eram feitas do mesmo metal dourado do Navio em ruínas dos Homens-do-Gelo, e do Oskir de Asteyr, no mundo dos espíritos. Mais uma evidência da conexão existente entre os Homens-do-Gelo e os Escolhidos, numa época remota.

Tal também parou, mas para olhar aquele mar que era o território das forjas. Mesmo dali de cima, podia sentir o calor que saía do cristal e, para contrabalançar, o frescor que vinha das Pedras-do-Sol instaladas no teto e que ficavam ainda mais altas que o topo da escada.

Percorreu com os olhos as proximidades da ilha central, esperando ver algum sinal do Atirador. Mas não havia ninguém ali. Havia apenas Inferiores nas outras ilhotas, trabalhando atarefados.

Era possível que o Atirador tivesse se levantado e voltado para uma daquelas ilhotas enquanto eles subiam as escadas. Mas era improvável.

— Tal!

Era Milla que estava chamando. Acenava, dizendo-lhe para se apressar.

Tal continuou olhando. Perto dele, Adras também olhava para baixo.

— Lindas cores — disse Adras. — Parece até um arco-íris.

Tal não via nada de bonito no cristal líquüefeito. Só lembrava da mão de um homem pedindo ajuda, desesperada por socorro, o último ato de um homem que estava morrendo, afundando

naquele mar incandescente.

— Tal!

— Nunca tinha visto ninguém morrer — sussurrou Tal. — Não desse jeito. Tão de repente.

Milla voltou, franzindo a testa. Mas não era de raiva.

— A morte é o fim de uma canção — disse ela, calmamente. — Mas não o fim de todas as canções. Aqui, morreu um homem. Em algum lugar, no seu Castelo ou lá fora, no Gelo, nasceu uma criança. Acaba uma canção, começa outra.

Tal olhou para Milla. Mais uma vez, ela o surpreendia.

— Você inventou isso, assim?

— Não — respondeu Milla. — Aprendi isso, há muito tempo. Depressa!

Os Resistentes conduziram Tal e Milla por um outro labirinto de passagens, todas elas estreitas e escuras. Algumas estavam parcialmente alagadas, o que dificultava a caminhada. Outras estavam cheias de caixas e barris, há muito abandonados, que apodreciam na escuridão. De quando em quando, placas de mofo luminoso brilhavam como pálidos faróis e, uma vez, viu-se uma Pedra-do-Sol piscando bem alto, numa parede. Era uma pedra quase extinta.

Não viram nenhum outro Inferior e era evidente que os caminhos escolhidos pelo Corvo raramente eram utilizados por alguém mais. Mais de uma vez, Clovil e Ferek hesitaram em escolher um caminho e, nessas ocasiões, havia uma breve conferência com o Corvo antes que comesçassem a caminhar.

Muitas horas mais tarde, desceram por uma série de degraus em ziguezague, grosseiramente entalhados na pedra, e penetraram numa grande caverna de chão arenoso. O Corvo os levou até o ponto central e declarou que parariam para descansar.

— Não precisamos de descanso — disse Milla. — Precisamos encontrar Ebbitt. Portanto, devemos seguir em frente.

Tal não disse nada. Ele precisava descansar. Sua perna estava doendo e queria fazer a dor passar usando alguma luz de cura. Aliviado, sentou-se numa das pedras que o Corvo indicara, e esticou a perna.

Os demais ficaram de pé, a alguns trechos de distância. Adras veio deslizando e imitou Tal, esticando a perna fofa.

— Minha perna também está doendo — declarou ele.

Odris se aproximou para ver, enquanto Tal se concentrava na Pedra-do-Sol para convocar um Brilho Azul de Cura. Não era tão possante quanto o Raio Azul pleno mas, ao menos, faria a dor passar.

Mentalizando a luz mágica, Tal não reparou no que os outros estavam fazendo. Milla discutia com o Corvo por causa da demora e os demais se aproximaram, parando atrás dele. Todos, exceto Tinty, que se dirigira para a outra extremidade da caverna e parecia estar olhando a parede de pedra.

Tal estava desprevenido quando, no meio de uma frase, o Corvo deu um salto à frente e empurrou Milla com toda força. Ela voou, dando uma cambalhota no ar. Caiu de pé, com a faca na mão.

Antes, porém, que ela pudesse fazer algo, o Corvo gritou:

— Agora!

Ele ainda nem tinha acabado de gritar e Tinty já estava puxando uma alavanca oculta na parede.

O chão se abriu debaixo de Tal e caiu uma cascata de areia. Tal gritou e tentou saltar sobre o buraco, mas era tarde demais.

Todo o centro da caverna era uma armadilha. Tal despencou, juntamente com a areia que caía, e Adras foi atrás, dando um berro histérico.

Milla foi mais rápida. Assim que o chão se fendeu, ela se lançou para a frente e se agarrou na

borda do imenso alçapão — mas deixou cair a faca. Odris voou atrás dela e a agarrou pela cintura, erguendo-a com facilidade até o chão firme.

De imediato, o Corvo investiu sobre ela, com Clovil e Gill vindo em seu auxílio, um de cada lado.

Ferek deu a volta por fora, gritando, em grande excitação.

Milla enfrentou o ataque do Corvo com uma série de socos e pontapés. O Corvo a surpreendeu rebatendo ou esquivando-se da maioria de seus golpes, até que ela lhe deu uma chave de braço e girou seu corpo, usando-o para aparar um golpe de Clovil.

Milla teve de largar o Corvo porque Gill estava tentando agarrá-la pelos joelhos e arrastá-la para o buraco. Saltou, evitando o ataque, e deu um chute que deixou Gill fora de combate.

— Odris! — gritou ela. — Ataque!

— Mas Adras desapareceu ali — disse Odris, apontando para o buraco. E não atacou.

Milla ficou furiosa. O Corvo e Clovil cercaram-na, com cautela. Ferek recuou para se juntar a Tinty. Gill estava gemendo no chão.

— Por quê? — disse Milla. — Tínhamos um acordo.

— Não se pode confiar num Escolhido — disse o Corvo. Ele sacou uma longa faca, afiada. Clovil olhou para ele e, então, sacou sua própria faca com alguma hesitação.

— E Ebbitt? — disse Milla, sem tirar os olhos de seus adversários de faca em punho. — E sua Matriarca? Seu líder?

— Eles não vão se aborrecer se não ficarem sabendo de nada — replicou o Corvo.

Clovil lançou um olhar para seu chefe. Milla viu que havia indecisão ali.

— Alguém vai contar para eles — disse Milla. O Corvo sorriu e veio se aproximando, balançando ligeiramente a faca de um lado para o outro.

— Eu poderia deixá-la ir — disse ele — se você promettesse simplesmente sair daqui. Levamos você até os túneis de aquecimento. Você não é uma Escolhida. Já temos o que queríamos. Tal. Uma vez um Escolhido, sempre um Escolhido.

— Precisamos ajudar Adras — disse Odris. — Ele não voltou.

Milla refletiu por um instante. Podia sentir o quanto Odris desejava descer para ver o que estava acontecendo a Adras.

Tinty se moveu. Por uma fração de segundo, Milla se distraiu.

Nesse exato momento, o Corvo virou a faca, mostrando uma Pedra-do-Sol no cabo da arma. Brilhou luz branca. Milla e Odris gritaram e protegeram os olhos.

Foi então que o chão se abriu mais. Milla caiu para trás, balançando pernas e braços. Acompanhada por uma torrente de areia, despencou na escuridão, e Odris veio logo atrás.

Em seguida, Milla ouviu um grito de pânico e viu mais alguém caindo, junto com areia, acima de sua cabeça.

Era Gill. Ela também tinha sido apanhada e as três estavam caindo vertiginosamente.

Não havia como frear a queda, mas Milla deu um jeito de se virar, ficando de cabeça para cima. E invocou luz da Pedra-do-Sol.

Enquanto ia rolando e escorregando naquela quantidade de areia, viu que estavam numa espécie de rampa. Uma longa rampa, muito íngreme. Já não podia ver o alçapão lá em cima, embora ele provavelmente tivesse voltado a se fechar.

Gill estava vinte ou trinta trechos atrás dela, de cabeça para baixo, caindo e gritando.

Odris ia adiante, de costas, com os braços e as pernas bem esparramados. Parecia estar gostando daquela corrida.

— Odris! Reduza minha velocidade! — gritou Milla.

Desta vez, a Pastora de Tempestades obedeceu. Ficou mais fofa e colou-se na areia que deslizava. Milla pôs os pés nos ombros do Espírito-Sombra e sentiu sua velocidade se reduzindo. Segundos mais tarde, agarrou Gill, que passava escorregando.

Aplicou-lhe uma gravata, deixando claro que não agarrara a garota por generosidade.

— Onde vai dar isso? — perguntou ela. A torrente de areia era muito barulhenta, e muito desconfortável. Certamente estariam um tanto esfoladas quando chegassem ao fundo.

Gill tossiu e gaguejou, incapaz de responder. Tinha um monte de areia no rosto. Milla se contentou em continuar segurando firme a garota. Perguntas — e respostas — podiam esperar até que a queda terminasse.

Não precisaram esperar muito. De repente, a rampa ficou mais íngreme e Odris gemeu por causa do esforço extra que fazia, reduzindo a velocidade da queda das duas meninas. Então, foram subitamente projetadas no ar, bem no alto de uma grande caverna.

— Odris! — gritou Milla de novo, quando caiu dos ombros do Espírito-Sombra e soltou Gill. Estava caindo e o chão ficava a centenas de trechos de distância. Milla se concentrou em manter os olhos abertos. Os Homens-do-Gelo sempre encaravam a morte de frente.

Um segundo mais tarde, foi agarrada por Odris. Ela estava segurando Gill na outra mão e, com o peso das duas, não conseguiu voar. Continuaram caindo, depressa demais para que ficassem tranquilas.

Poucos segundos depois, veio o choque.

Não bateram em pedra ou areia, mas em água tépida. As três afundaram, espalhando muita água, e voltaram à superfície.

Milla cuspiu um bocado de água e deu algumas braçadas em círculo, olhando tudo a seu redor. Viu Gill, que tossia, toda alvoroçada, mas que estava bem. Odris estava se inflando, e se alçando ao ar.

À primeira vista, nem sinal de Tal. Foi então que Milla viu brilhar a luz de uma Pedra-do-Sol, a cinquenta ou sessenta trechos de distância, num local mais elevado.

— Venham para cá! — gritou Tal. — Depressa!

Milla cuspiu mais água e começou a nadar. Suas peles pesavam, já encharcadas, mas ela tinha aprendido a nadar com aquelas roupas, nos tanques aquecidos que rodeavam a Montanha

Fumegante.

— Rápido! — gritou Tal novamente. Ele parecia apavorado. Milla olhou em volta, imaginando por que motivo. Gill já estava nadando o mais rápido possível em direção a Tal. Odris flutuava acima de Milla, inteiramente despreocupada.

Será que Tal estava vendo algo que ela não via? E o que Gill sabia sobre esse lugar que a fazia nadar tão depressa?

— Aranhas! — gritou Tal. — Rápido!

Milla se concentrou na Pedra-do-Sol fazendo-a brilhar e esticou a mão para trás, enviando um fecho de luz que reluziu na água. Vários olhos brilhantes refletiram aquela luz.

Aranhas-d'água. Milhares e milhares delas.

Milla se virou e saiu nadando o mais depressa que podia. A quantidade de olhos atrás dela era enorme. O lugar estava tomado por aranhas-d'água. Lembrou-se de Ebbitt falando a respeito dessas criaturas. Elas tinham mais ou menos metade de seu próprio tamanho, seus corpos bulbosos eram recobertos por uma carapaça espessa e resistente aos ataques, e elas tanto podiam caminhar sobre a água quanto nadar por ela.

Eram também muito venenosas.

Milla se virou para respirar e viu um raio de luz vermelha que passou sobre sua cabeça para atingir algo às suas costas. Ouviu um chiado de água fervente e um estranho estalo, como o atrito das placas de osso de um navio do Gelo contra um solo acidentado. Levou um instante para compreender que devia ser o ruído das patas multiarticuladas das aranhas.

Estas a estavam perseguindo, com as patas roçando a superfície da água. Tal tentava mantê-las à distância, usando sua Pedra-do-Sol. Milla viu mais raios vermelhos zunirem sobre sua cabeça e mais vapor surgir atrás de si. Mas, como os estalos também estavam mais altos, ela redobrou seu esforço, intensificando o movimento de pernas e imprimindo toda a força possível às braçadas.

Em algum ponto do trajeto, alcançou Gill, que lutava, batendo braços e pernas já sem qualquer ritmo.

Milla reduziu momentaneamente a velocidade para olhar para trás. Raios Vermelhos da Destruição, emitidos pela Pedra-do-Sol de Tal, ziguezagueavam pela água, levantando rajadas de vapor. Podia sentir seu calor quando passavam por sobre sua cabeça. À sua luz, pôde ver centenas de aranhas-d'água. Uma fileira compacta que dançava, roçando a superfície, avançando sempre, hesitando quando os raios as acertavam, mas logo voltando a avançar.

— Odris! — chamou Milla. Não estava vendo o Espírito-Sombra, mas chamou assim mesmo. — Ajude Gill!

Algo irrompeu da água perto dali e Milla já ia certá-lo quando percebeu que era Odris.

— É perigoso demais aqui em cima — disse o Espírito-Sombra, apontando os raios vermelhos que cortavam o ar acima delas. Esticou-se e agarrou Gill, que berrou e afundou, por um instante, para voltar à tona, tossindo, enquanto Odris a erguia parcialmente da água.

Milla também se agarrou a Odris. O Espírito-Sombra tinha transformado sua metade inferior numa cauda vigorosa que a fazia mover-se mais rápido do que Milla poderia nadar.

Elas avançavam apenas um pouquinho mais depressa que as aranhas-d'água. Chegaram à saliência onde Tal estava de joelhos, em profunda concentração, com o anel de Pedra-do-Sol

brilhando em vermelho e emitindo raios a intervalos de poucos segundos. Adras inclinou-se e puxou Gill para cima, enquanto Milla subia ali usando o ombro de Odris como um degrau.

— São muitas! — disse Tal, arfando. Moveu a mão por toda a frente daquela saliência, criando um Raio Vermelho contínuo que tocou a água erguendo uma cortina de vapor rosado a seu redor. As aranhas-d'água esbarraram ali e, em vários pontos, a água chapinhou quando elas recuaram.

Por um instante, duas ou mais delas continuaram a subir na pedra, a despeito dos raios que Tal lançava sobre elas.

A saliência era estreita, restos de uma plataforma na parede da caverna. Tinha apenas uns cinco ou seis trechos de profundidade. Atrás dela, havia um corredor, que atravessava a lateral da caverna, mas não se podia passar por causa de um portão de metal dourado — uma sólida grade de barras entrecruzadas, dispostas a intervalos pequenos demais para que alguém pudesse se esgueirar através delas.

— Odris! Adras! Ajudem-me a abrir isso aqui! — gritou Milla. Forçou a grade, tentando erguê-la.

Mas ela nem se moveu.

Os dois Espíritos-Sombra deslizaram até onde ela estava. Mas, quando tocaram o metal dourado, sua carne-de-sombra passou através dele. Eles não conseguiam segurá-lo.

— Aarrggghh!

Era Tal que estava gritando.

Quando Milla se virou, viu uma imensa aranha saltar sobre Tal. Ele caiu para trás e aquelas oito palas peludas o envolveram completamente. Um segundo depois, a criatura investiu contra seu peito com seus dois palpos gigantesco e o veneno ainda pingava quando ela os retirou.

Milla correu para a aranha e começou a chutar sua barriga inchada, até que suas patas se desenrolaram, e ela soltou Tal. Milla girou então sobre os calcanhares e voltou a chutá-la, derrubando-a sobre duas outras aranhas-d'água.

— Adras! Odris! Ajudem! — Sem os Raios Vermelhos da Destruição para afastá-las, a plataforma estava apinhada de aranhas-d'água. Milla ficou sobre o corpo de Tal, dando socos e pontapés, enquanto os Espíritos-Sombra, atrás dela, giravam os braços maciços para acertar as aranhas e jogá-las na água.

Gill se agarrou ao portão de grade, gritando por socorro.

Mas não veio socorro algum. Só mais aranhas.

Com a ajuda dos dois Espíritos-Sombra, Milla conseguiu rechaçar as aranhas e arrastar Tal até o portão de grade para obter alguma proteção às suas costas. Mas quando as aranhas-d'água bateram em retirada, não havia dúvidas que era apenas uma trégua temporária. Estavam subindo pelas paredes, deixando fios de teia atrás de si.

— Estão se preparando para cair sobre nós — disse Milla, vendo as aranhas subirem. — Vão atacar tanto pelo alto quanto pela frente. Gill! Como se abre essa grade?

— Por fora — soluçou a menina. — O Corvo vai vir nos tirar daqui.

Milla fechou a cara e voltou-se para olhar as maciças fileiras de aranhas. Todos aqueles olhos luzidios, refletindo a luz de sua Pedra-do-Sol. Se ao menos soubesse criar um Raio Vermelho da Destruição, ou alguma outra fórmula da Magia da Luz de que Tal havia lhe falado... Melhor que isso seria sua espada de chifre de Merwin ou um machado de guerra dos Homens-do-Gelo. Ai, as aranhas-d'água não se aproximariam.

Tudo o que tinha, porém, eram seus punhos e seus pés. Até a faca ela tinha perdido.

De repente, ocorreu-lhe uma idéia. Os Resistentes tinham facas. Talvez Gill também tivesse uma.

— Gill, dê-me sua faca — ordenou Milla. A menina continuava berrando pelas grades do portão e, por isso, Milla teve de gritar duas vezes. Meio entorpecida, a garota sacou uma faca comprida e fina, que estava enfiada em sua bota, e a entregou a Milla.

Milla sorriu ao segurá-la. A faca era de metal afiado e, sob a luz, brilhava mais que os olhos das aranhas.

Aquelas aranhas pagariam caro por sua vida... Até então, não tinha conseguido matar nenhuma delas com seus golpes, mas agora faria isso.

— Dez — sussurrou. Parecia um número razoável como preço a ser pago por sua própria morte. — E cinco por Tal.

As aranhas-d'água estavam quase acima de Milla. Um fio fininho daquela teia caiu em seus ombros. Já se ouviam os estalidos e o ruje-ruje do pelotão de frente que começou a se mover numa linha compacta. Suas patas horríveis subiam e desciam numa sincronia quase perfeita enquanto elas vinham se aproximando, contraindo os palpos que gotejavam veneno.

Os olhos, pensou Milla. Tinha de acertá-las nos olhos.

— Adras, Odris. Preciso que vocês segurem cada aranha diante de mim, para que eu possa atingi-la. Depois, livrem-se dela e agarrem a seguinte.

— Estou com sono — disse Adras, bocejando.

— Muito sono.

— Agora, não! — exclamou Milla. Mas enquanto ela falava, o imenso Espírito-Sombra deslizou pela parede e se esparramou no chão, perto do corpo inerte de Tal.

— Adras! — exclamou Odris e também deslizou até o chão para ver o que havia de errado com ele.

As aranhas escolheram esse momento para atacar. Dezenas delas investiram sobre eles,

subindo nas costas umas das outras e emaranhando-se em sua pressa de atacar as presas. Outras caíram direto no chão ou ficaram balançando em suas teias.

Milla lançou seu grito de guerra, Gill gritou algo — e, de súbito, as aranhas-d'água estancaram e recuaram um tanto atordoadas. Milla ficou olhando para aquelas criaturas que caíam, e um sobre as outras, tentando escapar dali.

É claro que seu grito não era tão eficaz! Um momento depois, uma grande nuvem de uma bruma malcheirosa se espalhou por ali. Milla já tinha sentido aquele cheiro, embora, da outra vez, tivesse sido num unguento amarelo.

O repelente de Ebbitt.

Milla se virou. A grade havia sido levantada e ali estava Ebbitt com seu Espírito-Sombra dotado de uma crina. O velho trazia um pequeno barril debaixo do braço e acionava vigorosamente uma bomba para borrifar repelente por toda parte.

Gill ia arrastando Tal porta afora, e Odris arrastava Adras.

— Depressa, depressa, não demore, por causa da grade — disse Ebbitt. Milla apressou-se em atravessá-la. Ebbitt veio recuando, atrás dela, sem parar de lançar o repelente. Depois que ele saiu, o portão desceu com um estrondo.

— Uma aranha picou Tal — disse Milla. — Não consegui impedir.

— Bem, não acredito que pudesse fazê-lo — Ebbitt não parecia lá muito preocupado. — Elas picam mesmo, quando lhes dá na telha. O que acontece praticamente o tempo todo. Você e a jovem Gillimof vão ter de carregá-lo.

— Já lhe disse para não me chamar assim — protestou Gill.

Milla ia perguntar a Ebbitt como ele ficara sabendo que estavam ali. Foi então que viu o Corvo e os outros Resistentes, parados junto de uma imensa roda que, evidentemente, erguia e baixava o portão de grade. De imediato, passou à frente de Ebbitt, faca em punho, pronta para atacar.

— Traidor!

Antes que pudesse atingi-lo, o Espírito-Sombra de Ebbitt se interpôs entre ambos e um laço de luz Azul contornou o torso de Milla, puxando-a para trás.

— Solte-me! — berrou ela. — Ele prometeu nos levar até você e, depois, nos jogou no tanque com as aranhas-d'água!

— É o que sempre fazemos com visitantes suspeitos — disse o Corvo, tranquilamente. — E com todos os Escolhidos. Assim, podemos deixá-los com as aranhas-d'água, se for preciso.

— É verdade — disse Ebbitt. — Uma precaução de que o líder da Resistência não abre mão. Só que o Beija-flor de penacho azul, aqui, demorou um pouco para ir me dizer o que estava acontecendo.

— Corvo! — corrigiu o rapaz, levando a mão às plumas negras de seu chapéu. — Você sabe que sou chamado de Corvo!

— E Tal? — perguntou Milla. — Eu lhe disse que uma aranha o picou.

— E algo aconteceu a Adras, também! — acrescentou Odris. — Não consigo acordá-lo!

Ebbitt fitou Odris que carregava o outro Espírito-Sombra nos ombros. Ficou olhando para os dois com ambos os olhos, depois, só com o esquerdo, fechando o direito. Experimentou, então,

fechar o esquerdo e olhar com o direito e, depois, fechou os dois.

Finalmente, abriu de novo os olhos e disse:

— Pastores de Tempestades, creio eu... E em associação livre, não conquistados, não é?

— É — disse Odris.

— Bem, ora se milhares de Escolhidos não vão fazer o maior alvoroço quando ouvirem falar de vocês! — exclamou Ebbitt. — Agora, não se preocupe com Tal e... hum... Pladros. O veneno da aranha é apenas um soporífero em pequenas doses, e os Reticentes possuem um antídoto contra ele.

— Resistentes, não Reticentes! — emendou o Corvo.

— O que é um soporífero? — indagou Milla. Aquela palavra não lhe era familiar, embora a língua dos Escolhidos e a dos Homens-do-Gelo fosse, em boa parte, a mesma.

— Algo que faz você dormir — explicou Ebbitt. — Pode ser uma droga ou outra coisa qualquer, como na frase 'As histórias do Azulão sobre sua bravura são extremamente soporíferas'.

Gill e Clovil começaram a rir, mas engoliram o riso quando o Corvo olhou para eles, furioso.

— Vamos lá — disse Ebbitt, batendo palmas. — Milla e Gill carregam Tal. Temos de ir para a Toca da Insistência. Quero dizer, para a Força da Desistência. Isto é, para a Fortaleza da Resistência. Por falar nisso, onde está o Códex? Debaixo de seu casaco, talvez? Vamos precisar dele para a reunião.

— Está lá em cima, no Mausoléu — respondeu Milla. — Tivemos de escondê-lo lá. Era grande demais para podermos carregá-lo.

Ebbitt parou, e um olhar de genuína consternação se estampou em seu rosto.

— Vocês o deixaram para trás? Precisamos dele, de verdade! Deviam era ter deixado vocês mesmos para trás!

— Trouxemos ele de volta de Aenir, o que não foi nada fácil — retrucou Milla. — Mas ele está escondido. Ainda vai estar lá, no Mausoléu.

— Não! Não vai, não! — uivou Ebbitt. No mesmo instante, começou a dar saltos. — Ele pode se mover por conta própria, pelo menos por todo o Castelo, se não mais longe, fora dele. Vai sair vagando por aí! Pode estar em qualquer lugar!

— Ele era grande demais para podermos carregá-lo — disse Milla, irritada. — Tivemos sorte de conseguir escapar. Ademais, ele não significa nada para mim. Estou voltando para o meu povo.

— Ele se encolhe — disse Ebbitt, desolado. — Vocês podiam tê-lo carregado. Ou pedido que ele os seguisse.

— Estou pouco ligando — disse Milla. — Vou ajudar a carregar Tal até essa Fortaleza da Resistência e, depois, vou embora. Estou voltando para o Gelo.

A Fortaleza da Resistência, como Ebbitt a chamara, ficava do outro lado de um profundo abismo que descia até os poços de lava outrora explorados pelos Escolhidos para alimentar seus complexos sistemas de aquecimento de vapor e água. À medida que iam se aproximando da borda do abismo, Milla podia sentir o calor que subia das profundezas e ver a luminosidade avermelhada.

A única maneira de alcançar o outro lado era por uma estreita ponte improvisada que atravessava precariamente o vão de cinqüenta trechos. A estrutura básica da ponte eram dois trilhos bem estreitos, feitos do mesmo metal dourado do Navio em ruínas. Mas todas as pranchas e os corrimãos eram de cristal, metal e restos dos mais diversos materiais que podiam facilmente ser retirados, permitindo desmontar a ponte e impossibilitar, assim, a travessia.

Felizmente, ao passarem por ela, a ponte se revelou bastante sólida, embora Milla estivesse muito cautelosa, olhando onde pisava e não confiando demais nos corrimãos. Gill e ela carregavam Tal, o que fazia com que avançassem lentamente. Odris levava Adras e se queixava disso a cada dez ou doze passos.

Ebbitt ia na frente, bem à sua moda, parando, de quando em quando, para girar sobre si mesmo, ou agachar-se subitamente, ou apenas parando para olhar o vazio. Seu Espírito-Sombra, sempre tão majestoso e controlado, fitava-o com um ar indulgente.

Do outro lado, passaram por um túnel estreito e sinuoso. Milla observou que havia buracos no teto, perfeitos para se jogarem pedras ou líquido quente em intrusos. Com o abismo e essa passagem estreita, os Resistentes estavam bem protegidos. Se bem que Milla duvidava que aquilo pudesse ser eficaz contra Escolhidos determinados, com seus Espíritos-Sombra e a magia de suas Pedras-do-Sol.

Como Tal nunca havia mencionado a Resistência, supunha que os Escolhidos também ignorassem a existência de rebeldes em meio ao Povo Inferior, ou simplesmente não se preocupassem com isso, enquanto estes não causassem muito transtorno.

Finalmente, o túnel estreito desembocou numa vasta caverna que bem poderia ter uns trezentos ou quatrocentos trechos de diâmetro e mais de cem trechos de profundidade. Algumas Pedras-do-Sol, antigas e rosadas, brilhavam no teto altíssimo, produzindo um efeito semelhante ao pôr-do-sol em Aenir.

Havia seis ou sete cabanas bastante acachapadas, dispostas em círculo, no meio da caverna, rodeando um grande poço de onde saía água cristalina que era recolhida numa calha. Alguns baldes estavam amontoados perto do poço e havia uma pilha de barris, caixas e outros recipientes num recinto murado por trás das cabanas.

A semelhança não era grande. Decididamente não parecia uma fortaleza.

— Esta é a Fortaleza da Resistência — declarou Ebbitt, fazendo um gesto amplo. — Ou Acampamento Temporário de Escavação N° 14, como o lugar era conhecido há muitas, muitas, muitas gerações de cavaratas.

— Para onde levamos Tal? — perguntou Milla. O menino era pesado e, embora jamais fosse admitir isso, Milla estava cansada.

— Ora, acho que posso lhe dar o antídoto aqui mesmo, ou em qualquer outro lugar — disse

Ebbitt. Tirou um frasquinho de um dos profundos bolsos de suas várias camadas de roupas e acrescentou: — Basta deitá-lo no chão e segurar sua cabeça.

— Você está com o antídoto? — indagou Milla. — Ele estava o tempo todo com você? Por que não usou ele antes?

— Porque o pobre menino estava nitidamente precisando de descanso — disse Ebbitt, olhando para seu sobrinho-neto.

Milla abanou a cabeça. Sabia que era inútil zangar-se com Ebbitt. Ele era como algumas das Matriarcas mais velhas. Sua mente estava viajando por algum lugar onde nenhum Homem-do-Gelo — ou Escolhido — comum poderia alcançá-la.

Gill e ela deitaram Tal no chão e seguraram sua cabeça. Ebbitt se agachou e, com dois dedos, abriu a boca do menino adormecido, derramou ali o conteúdo do frasquinho, tapou-lhe o nariz e disse: — Sacudam ele um pouco, para cima e para baixo.

Milla e Gill fizeram o que ele mandara. De início, nada aconteceu mas, depois, Tal tossiu. À tosse seguiu-se um espirro, sufocado pelos dedos de Ebbitt que tapavam o seu nariz. Então, os olhos de Tal começaram a se abrir, lentamente. Ele estava grogue, mas num momento pôde se levantar sozinho.

No mesmo instante, Adras voltou a si e sentou-se, cocando a cabeça.

— Por que você foi me acordar? — disse ele a Odris, magoado. — Estava tendo um sonho tão bom. Disparava relâmpagos em mariposas e, sempre que eu acertava uma delas, ela explodia soltando fumaça e fagulhas...

Odris lhe deu um tapa, e a carne-de-sombra de um esbarrou na do outro com um estranho som áspero.

— Achei que você estava morrendo! — disse ela. — E você, aí, preocupado com um sonho idiota!

— Onde estamos? — perguntou Tal. Tinha a voz fraca, e sentia-se péssimo. Seu estômago estava embrulhado e sentia calafrios por todo o corpo.

— Na Fortaleza da Resistência — disse Ebbitt.

— Na Caverna da Resistência — disse o Corvo, ao mesmo tempo. — Esse é o nome certo.

Passou à frente de Ebbitt e foi se dirigindo à maior das cabanas. Tinty saiu correndo atrás dele. Clovil e Ferek também o seguiram, não sem alguma hesitação. Gill ficou para trás.

Quando o Corvo se aproximou da cabana, a porta se abriu e dois adultos, usando as túnicas pintadas dos Inferiores, vieram para fora. Um deles era bastante velho, tão velho quanto Ebbitt, mas era bem mais baixo e parecia imensamente seco e enrugado. Tinha o cabelo cinzento cortado tão curto que mais parecia uma barba por fazer. O outro homem tinha aproximadamente a idade de Rerem, o pai de Tal, embora fosse muito mais musculoso. Parecia o tipo de Inferior encarregado de transportar as cargas mais pesadas por todo o Castelo. Seu torso e seu peito eram, brincando, duas vezes maiores que os de Tal. Tinha o cabelo preto e comprido.

Quando olhou para o homem mais moço, Tal compreendeu que ele devia ser parente do Corvo, e podia mesmo ser seu pai. Ambos eram muito parecidos, de rosto, e, embora o Corvo ainda não tivesse o físico tão desenvolvido, havia, ali, a indicação perfeita do que ele viria a ser um dia.

O Corvo ergueu a mão, numa saudação formal, mas só o ancião respondeu. Tal ficou

espantado ao ver que o Corvo se adiantou e abraçou seu parente musculoso, mas este não lhe retribuiu o abraço.

— Trouxemos quatro prisioneiros — disse o Corvo ao ancião, falando alto o bastante para que Tal e Milla pudessem ouvir. — Dois Escolhidos e dois Espíritos-Sombra.

— Não sou uma Escolhida — declarou Milla. — E não sou uma prisioneira.

Tal não disse nada. Não tinha forças para aquilo. Além disso, depois de sua experiência com os Homens-do-Gelo, tinha começado a achar que o silêncio era a melhor política em encontros com gente desconhecida.

— Nem eu — disse Odris. — E Adras também não é.

— Um o quê? — perguntou Adras. Ele estava passando a mão no estômago e não tinha ouvido.

— Prisioneiro. Você não é prisioneiro de ninguém! — disse Odris.

— Claro — Adras se virou para Tal e disse: — Será que dava para você melhorar? Sua sombra está me fazendo ficar enjoado. Antes, tinha me deixado com sono.

— Foi a picada da aranha — explicou Tal. — Então você também ficou inconsciente?

— E dormi — respondeu Adras. — Cai logo depois de você.

O Corvo e os outros membros da Resistência estavam conversando com os homens mais velhos, mas Tal não escutava. Estava mais interessado no que Adras acabara de dizer.

— Será que esse veneno de aranha... — disse ele, em voz alta. Virou-se, então, para Ebbitt e disse: — Tio Ebbitt! Minha mãe poderia estar doente por ter sido envenenada com veneno de aranha-d'água?

Ebbitt cocou a cabeça e descobriu um lápis azul que, sabe-se lá como, tinha se enfiado ali. Ficou olhando para ele, com um ar desconcertado, e disse: — É. Não tinha pensado nisso! Não sei como se pode extrair o veneno da aranha. Mas pequenas doses, administradas constantemente, fariam com que ficasse com muito sono e o uso continuado induziria o coma. É, isso explica os sintomas. Mas como ordenhar a aranha? Imagino que seja com alguma espécie de arreiro, e usando uma bomba de sucção. Luvas bem grossas, um bastão para bater na criatura...

Sua voz foi se transformando num murmúrio enquanto ele continuava a pensar alto.

— Gref também deve ter sido envenenado — disse Tal. Sua cabeça estava a mil, agora que estava ficando mais desperto. Tanto sua mãe quanto Gref envenenados com veneno de aranha-d'água... Sushin deve ter acesso a elas. Talvez até tenha algumas domesticadas em algum lugar...

Tal estremeceu ao pensar em Sushin acariciando as aranhas-d'água. Mas, de repente, tinha também recuperado a esperança. Agora que supunha o que haviam feito a Graile e a Gref, quem sabe não poderia conseguir o antídoto para eles.

Seus pensamentos foram interrompidos quando o Corvo gritou algo e foi andando para uma das outras cabanas. Abriu a porta com violência, passou por ela e fechou-a com tanta força que chegou a cair pó das pedras do teto da caverna.

Por um momento, os dois homens ficaram olhando ele ir. Então, o mais velho veio se aproximando de Tal, com o gigante de cabelo negro logo atrás. Quando chegaram mais perto, Tal se deu conta que o rosto do líder do grupo lhe era familiar, embora nunca o tivesse visto usando roupas do Povo Inferior... isto é... da Resistência.

— Saudações, Tal e Milla, Odris e Adras — disse ele. Quando ouviu aquela voz profunda, impostada, vibrante, que soava tão estranha vindo de um corpo pequeno, Tal se lembrou onde o vira antes.

— Chamo-me Jarnil, e sou o líder dos Resistentes — disse o velho.

Tal estava pasmo. Conhecia aquele homem por seu nome completo. Era o Brilho Jarnil Yannow-Kyr, da Ordem Anil, que fora, antigamente, Professor Titular do Lectorium. Tal havia sido seu aluno quando era um menininho.

Ele morrera havia pelo menos cinco anos.

Tal lembrava ainda do anúncio, no Lectorium, do falecimento do Professor Titular. Morte acidental, haviam dito, sem maiores explicações. Como acidentes fatais não eram coisa comum entre os Escolhidos, as crianças falaram do assunto por um bom tempo, tentando imaginar o que teria acontecido exatamente.

— Todos acham que você morreu — exclamou Tal.

Jarnil sorriu, mas era um sorriso amargo que não iluminou seu olhar.

— Foi o que se divulgou — disse ele. — E era quase verdade.

Ergueu o braço e Tal viu que sua mão se contraía e se esticava, como se tivesse uma vida própria que Jarnil fosse incapaz de controlar.

— Fui levado para um local... você sabe qual é... — disse ele. — Depois que Fashnek acabou seu serviço, meu corpo, supostamente morto, foi deixado do lado de fora para ser removido pelo Povo Inferior. Esse foi o erro de Fashnek: eu estava morrendo, não morto. Por anos e anos coordenei secretamente as atividades de Inferiores e Escolhidos que desejam mudar a vida que se leva no Castelo. Alguns dos Inferiores que me conheciam compareceram a meu enterro. Trouxeram-me para cá e cuidaram de mim até que eu recuperasse a... bem, suponho que possamos chamar isso de saúde.

— O que você quer dizer com Inferiores e Escolhidos que querem mudar nosso modo de vida? — perguntou Tal. Estava chocado com aquela idéia. Ele não queria mudar nada. Apenas queria que tudo voltasse ao normal, com seu pai e sua mãe em casa, com Gref e Kusi. É claro que devia haver mudanças com relação ao Povo Inferior — e aos Homens-do-Gelo —, mas talvez pudesse ser uma mudança gradual. Embora no exato momento em que isso lhe ocorreu, Tal já soubesse que era tarde demais. Tudo ia mudar, e também ele devia se acostumar à idéia.

— Exatamente o que você ouviu — disse Jarnil. — Por falar nisso, este é Bennem.

Bennem fez uma espécie de grunhido e uma breve inclinação de cabeça. Parecia tão amistoso quanto o Corvo. Agora que estava mais perto, Tal achou que ele não tinha idade para ser o pai do Corvo. Talvez seu irmão mais velho.

Jarnil continuou falando enquanto os conduzia até a cabana mais próxima. Surpreendentemente, por detrás daquela porta havia degraus que desciam para um porão confortável, iluminado por Pedras-do-Sol, e muito maior que a cabana que ficava acima dele. No meio do aposento, havia um espesso tapete vermelho cercado de almofadas brancas e douradas. Jarnil sentou-se e, com um gesto, convidou-os a sentar-se também. Foi o que fizeram todos, à exceção de Ebbitt, que ficou rondando do lado de fora, e dos Espíritos-Sombra, que foram fluando até o teto para ficar rodeando a Pedra-do-Sol instalada ali.

— Onde é que eu estava? — indagou Jarnil. — Tem água-doce naquelas jarras. Sirvam-se. Ah, sim. Sempre houve Escolhidos que acreditavam que o Povo Inferior não era diferente de nós, a não ser pelo acaso de seu nascimento. Por que deviam ser mantidos na ignorância da magia das Pedras-do-Sol e de Aenir? Nós nos autodenominamos Compartilhadores da Luz. Assim também, sempre houve alguns Inferiores que questionavam o fato de eles deverem ser criados dos Escolhidos. Embora haja algumas, hum, variações em suas pretensões, em geral eles se autodenominam Resistentes. Juntos, esperamos mudar as coisas para permitir que os Inferiores capazes tenham acesso à Ordem Vermelha e se tornem Escolhidos.

— Mas vocês continuarão a ter servos — disse Milla. Seu tom de voz mostrava que ela não tinha os Compartilhadores da Luz em boa conta.

— Servos? — indagou Jarnil.

— Escravos — respondeu Milla.

— Não, não — disse ele. — Você não está entendendo. Não podemos mudar tudo. As mudanças devem ser feitas gradualmente. Ainda somos leais à Imperatriz. Tudo o que queremos é estar e treinar nos Inferiores. Aqueles que demonstrarem ter o potencial para se tornarem Escolhidos, terão acesso às Ordens do Castelo e poderão, então, começar a ascender até a Ordem Violeta.

Tal abanou a cabeça. Aquilo tudo soava mais como teoria de professor que como algo prático. Mesmo depois de uns poucos minutos de reflexão, ele sabia que não ia funcionar.

— Por que você foi levado para a Câmara dos Pesadelos? — indagou ele.

Jarnil tossiu e um leve rubor cobriu seu rosto.

— Cometi... hã... dois sérios erros de avaliação — disse ele, apressadamente. — O recrutamento de Escolhidos para serem Compartilhadores da Luz estava sendo muito lento, e eu só tinha feito contato com uns poucos grupos isolados de Resistentes nos locais mais profundos do Castelo. Decidi, então, expor à Imperatriz meu plano para promover a ascensão dos Resistentes. Meu primeiro erro foi revelar a exata natureza de meu plano ao Vizir das Trevas, que registrou minha solicitação de uma audiência com Sua Majestade. Eu tinha uma audiência marcada para o dia seguinte. Mas, naquela noite, fui levado...

Suas mãos começaram a tremer ainda mais e ele teve dificuldade em articular as últimas palavras.

—... para a Câmara dos Pesadelos.

— O Vizir das Trevas? — indagou Tal. Nunca tinha ouvido falar desse posto. — Quem é esse?

— O que eles andam ensinando no Lectorium hoje em dia? A Imperatriz sempre foi servida por dois Vizires, o da Luz e o das Trevas. Um deles para o dia, o outro, para a noite. Tradicionalmente, o Vizir da Luz é encarregado das cerimônias e celebrações, enquanto o Vizir das Trevas trata de questões menos agradáveis que é melhor deixar ocultas no escuro. A identidade do Vizir das Trevas sempre foi mantida secreta, e ele, ou ela se disfarça como um Escolhido de nível mais baixo, embora detenha, secretamente, o nível mais alto da Ordem Violeta. Como de praxe, encontrei o Vizir das Trevas num aposento em que eu ficava sob luz brilhante ao passo que ele se mantinha no escuro. Foi aí que cometi meu segundo erro...

— Qual? — perguntou Tal, porque Jarnil parará de falar e tinha o olhar distante.

— Olhei para trás quando estava saindo da sala — disse Jarnil. — O Vizir das Trevas estava despreocupado. Tinha saído parcialmente da escuridão e, com isso, a luz bateu em seu rosto. Eu o reconheci e fui tolo o bastante para demonstrar isso.

— Quem era? — indagou Tal.

— Creio que você o conhece — disse Jarnil. — Alguém que fala em nome da Imperatriz, comanda os seus guardas, faz outros Escolhidos agirem como ele deseja, e tudo isso sem o conhecimento de Sua Majestade!

— Sushin! — exclamou Tal. — Mas por quê? O que ele espera ganhar com isso?

— Boa pergunta — interrompeu Ebbitt. — Muito boa pergunta. Quando descobrir a resposta,

venha me contar.

— Não sabemos o que move Sushin — disse Jarnil. — Ou aonde ele quer chegar. É evidente, porém, que ele vem batalhando por algum objetivo maléfico há vários anos. Houve um tempo em que acreditei que o conhecia mas, mesmo antes de meu ‘desaparecimento’, ele tinha ficado estranho e distante. Um homem diferente do que eu conhecia.

— Ele não é um homem — disse Milla, alvoroçada, lembrando da imagem de Sushin rindo com a espada de chifre de Merwin atravessada no peito. — Acho que há um Espírito-Sombra vivendo dentro de seu corpo. Uma velha sombra, que não esqueceu a guerra travada entre nosso mundo e Aenir. Uma sombra que quer erguer o Véu e eliminar a escuridão que nos protege. Tenho certeza disso, e vou contar para as Matriarcas a fim de que os Homens-do-Gelo possam fazer o que deve ser feito. Preciso voltar para o Gelo.

Suas palavras foram recebidas com silêncio, mas um silêncio de incredulidade e não de espanto. Jarnil até sorriu um pouco, o mesmo sorriso que Tal vira no Lectorium quando um Escolhido dava uma resposta particularmente estúpida.

O menino abriu a boca para dizer algo, mas não saiu som algum. Parte dele queria protestar, dizer que Milla estava louca, que não tinha a menor idéia do que estava dizendo. Mas uma outra parte queria gritar: — Prestem atenção no que ela está dizendo!

Aquilo realmente fazia sentido. Talvez Zicka, o lagarto que encontraram em Aenir, estivesse mesmo dizendo a verdade sobre uma antiga guerra entre os Aeniranos e os povos do Mundo das Trevas — Escolhidos e Homens-do-Gelo. Algo estava efetivamente sendo feito com o Véu, algo em que o próprio pai de Tal se vira envolvido, enquanto Guardião da Grande Pedra Laranja. Mas o que vinha a ser um Guardião? Para que serviam as Grandes Pedras?

Tal estava a ponto de perguntar sobre as Grandes Pedras quando finalmente percebeu algo mais.

Jarnil tinha uma sombra natural. Seu Espírito-Sombra tinha ido embora.

— Seu Espírito-Sombra! — exclamou Tal, esquecendo a pergunta que queria fazer. — O que aconteceu com ele?

Jarnil olhou para baixo e sua sombra imitou o movimento com perfeição, coisa que nenhum Espírito-Sombra conseguiria fazer. À diferença das sombras-guardiãs das crianças, os Espíritos-Sombra não tinham flexibilidade.

— Não sei — disse ele, e a dor da perda se estampou em seu rosto. — Acho que foi obrigado a devolver minha sombra natural, que o ligava a mim e, então, foi morto, ou voltou para Aenir, ou...

— Ou foi engrossar as fileiras dos que estão a serviço de Sushin — interrompeu Ebbitt, desolado. — Ou de Fashnek

— O quê? — perguntou Tal. — Você acha que tomaram o seu Espírito-Sombra e puseram-no a serviço de Sushin?

— Temo que sim — disse Jarnil. — Não há dúvida que Fashnek não tem apenas o seu próprio Espírito-Sombra para cumprir suas ordens.

— Pelos meus cálculos, tem três — disse Milla. — Além daquele que o carrega consigo. Vocês, Escolhidos, permitiram que essas sombras viessem para cá, e elas vão destruir o Véu e deixar o sol entrar. Preciso urgentemente ir falar com as Matriarcas. Quem vai me guiar até os túneis de aquecimento?

— Tudo a seu tempo, tudo a seu tempo — disse Jarnil, tentando acalmá-la. — Primeiro, deixe-nos partilhar o que você sabe. Que história é essa de destruírem o Véu?

— Enquanto os beberrões conversam, os guerreiros trabalham — dardejou Milla. Ficou de pé e fitou os Resistentes. — Eu sei o que tem de ser feito.

— Está bem, está bem — disse Jarnil. — Gill vai levar você, no devido tempo. Temos bastantes algas-de-ar?

Esta última pergunta foi dirigida à menina da Resistência. Ela fez que sim, com a cabeça, e

mostrou a tira enfiada em seu cinto.

— Os outros também têm — disse ela. — E há seis barris que vamos pegar mais tarde.

— Algas-de-ar? — indagou Milla. — Para quê?

— Como o nome diz, para ter ar — disse Gill, apontando um dos nódulos inflados. — Eles conservam ar. Podemos furá-los com uma faca e respirar quando há gases venenosos ou fumaça nos túneis. Foi assim que resgatamos vocês daquela vez.

— Ótimo — disse Milla. — Então, vamos.

— Não! — gritou Tal. — Espere! Talvez você esteja certa sobre os Aeniranos, a guerra, e tudo o mais, mas será que não devíamos esperar para ver se Ebbitt, Jarnil e Bennem sabem algo que as Matriarcas deveriam ficar sabendo?

Bennem grunhiu quando seu nome foi mencionado outra vez. Tal olhou para ele, espantado. A surpresa se transformou em dó quando ele percebeu que os olhos de Bennem eram vazios, que não focalizavam absolutamente nada.

Ebbitt reparou que ele estava olhando.

— Ele foi levado para a Câmara dos Pesadelos entre gritos e choro — disse Ebbitt. — Duas vezes entrou lá, duas vezes voltou. Mas o que entrou era bem mais que o que voltou, e muita falta fará o que lá ficou.

— Ele está dizendo que meu irmão foi levado para a Câmara dos Pesadelos duas vezes. Seu corpo voltou, mas lá dentro de si mesmo, ele continua sonhando. Sabe como se chama e outras coisas simples. Às vezes, fica completamente desperto, mas só por um ou dois minutos.

Era o Corvo que estava falando. Ficou parado na metade da escada, com seus companheiros atrás de si. Tal não os ouvira entrar.

— Nossos pais não voltaram da Câmara — acrescentou ele, olhando diretamente para Tal. — Como vê, temos muito a agradecer aos Escolhidos.

Tal não conseguiu enfrentar aquele olhar. Tampouco conseguia fitar Bennem. Uma estranha sensação se apoderou dele, um frio no estômago. Sabia que estava se sentindo culpado.

— Tal não é mais um Escolhido — disse Milla. — É um Renegado. Você não pode culpá-lo pelos erros de seu antigo clã.

Tal olhou para ela. Por que ela o estava defendendo?

O Corvo ignorou Milla e virou-se para Gill, que recuou um pouco.

— Venha, Gill. Precisamos voltar para pegar os barris.

Gill abanou a cabeça.

— Vou ensinar a Milla como chegar aos túneis de aquecimento.

O Corvo fechou a cara.

— Precisamos de sua ajuda com as algas-de-ar. Ela tem um Espírito-Sombra. Deixe que essa coisa descubra o caminho para ela. Deixe que ela se perca, se for o caso.

— Não sou uma coisa — rosnou Odris. Ela veio ondulando, e Milla se agachou, pronta para atacar. De repente, o conflito parecia estar prestes a se instalar.

— Não, não! — disse Jarnil. — Está tudo errado! Corvo, precisamos conversar com essas pessoas, e não lutar com elas! Por que você não chama Corvin para ajudar com as algas?

— Corvin e seu bando foram embora — respondeu o Corvo. — Foram se juntar aos Resignados. Exatamente como Linel e Drenn, e todos os demais, porque passamos o tempo todo sentados, conversando, em vez de matar Escolhidos!

— Quantos Resistentes há aqui? — perguntou Tal.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— Bem, os números variam... — disse Jarnil.

— Não digam nada a esse espião... — dardejou o Corvo.

— Agora, sete — disse Ferek — Incluindo Jarnil.

— Calado! — rosnou o Corvo. Ferek se encolheu, mas o rapaz mais velho não tomou nenhuma atitude efetiva para que sua ordem fosse obedecida.

— Calado! — repetiu ele, de forma mais branda. Por um segundo, Tal pensou ter percebido um vestígio de gentileza na voz do Corvo, como se lamentasse ter gritado com Ferek.

— Sete? — perguntou Tal. — Só isso? Incluindo Jarnil? E os outros Compartilhadores? Quantos são?

Jarnil baixou os olhos e murmurou algo.

— Não resta nenhum? — repetiu Milla, que fora a única a ouvir o que ele dissera. — Nem um só?

— Éramos apenas doze — disse Jarnil. — Treze, contando com Ebbitt, embora ele nunca tenha se filiado formalmente ao grupo e, às vezes, eu me pergunte... bom, de todo modo... Rerem, seu pai, era um deles, Tal. Depois que... comecei minha nova vida aqui embaixo, entrei em contato com eles. Mas, ao longo dos anos, eles foram todos desaparecendo, um a um. Rerem foi o último a ir embora. Sinto muito, Tal, mas tenho certeza que, como os outros... como os outros, ele deve estar morto.

— Não está, não — disse Tal, abanando a cabeça. — Perguntei ao Códex. Ele disse ‘Ele é o Guardião da Grande Pedra Laranja. Ela foi violada e, portanto, seu Guardião não pode viver. Até que, ou a menos que a Grande Pedra Laranja volte a ser lacrada, ele não deve viver. Se a Pedra for lacrada, seu Guardião voltará a viver’.

Tal tomou fôlego e ficou de pé, antes de prosseguir, as palavras saindo mais depressa e com mais veemência à medida que ele ia falando.

— É por isso que quero saber o que são essas Grandes Pedras, e como elas são violadas, ou lacradas. E acho que Milla também precisa saber disso porque algo terrível está acontecendo, e todos nós precisamos sentar e conversar porque, quer sejamos Escolhidos, ou In... Resistentes, Homens-do-Gelo, ou outro grupo qualquer, se o Véu for destruído e o sol entrar, trazendo consigo as sombras de Aenir, elas vão nos matar a todos! Temos de trabalhar juntos, em vez de ficar brigando ou discutindo e ajudando Sushin e os Aeniranos a assumirem o controle da situação!

As palavras apaixonadas de Tal tiveram um efeito fortíssimo sobre Ebbitt. Enquanto ele falava, o velho parou de caminhar, e ficou de pé ali, alto e ereto, como ninguém jamais havia visto antes. Seu Espírito-Sombra ficou a seu lado, como um nobre companheiro. Quando Ebbitt falou, foi com uma voz que Tal jamais havia ouvido antes, uma voz segura e, de certa forma, nobre, sem as divagações e o humor esquisito. Por um momento, Ebbitt voltou a ser o Senhor-das-Sombras da Ordem Anil que fora antigamente, um grande homem entre os Escolhidos.

— Há sete Grandes Pedras nas Sete Torres, e elas constituem os alicerces do Véu —

declarou ele. — Sete Guardiões detêm os segredos das Pedras. Meu sobrinho Rerem era de fato o Guardião da Grande Pedra Laranja, como meu irmão, antes dele. Se o Códex disse a Tal que a Grande Pedra Laranja foi violada, então o Véu está efetivamente ameaçado. Porque se todas as sete Grandes Pedras falharem, o Véu será destruído.

O aposento ficou silencioso quando Ebbitt acabou de falar. Todos o fitavam, até mesmo o Corvo. Ebbitt enfrentou aqueles olhares, sem pestanejar. Depois, seus olhos pareceram cintilar e se desviaram para o teto.

O silêncio foi rompido quando ele voltou a falar, com uma voz mais branda e uma postura já diferente. Ele parecia menor, mais semelhante ao excêntrico de sempre.

— Sol e sombras — disse ele. — Sol e sombras. O Véu pode conter o sol, mas não pode conter o orgulho e a cobiça dos Escolhidos. Devíamos ter obedecido às Restrições de Ramellan, e jamais ter voltado a Aenir. O que quer que aconteça, fomos nós mesmos que procuramos.

— A Grande Pedra Laranja violada — repetiu Jarnil. Gotas de suor banhavam sua testa. — Violada. Minha prima Lokar era a Guardiã da Vermelha. Ela desapareceu um ano antes de Rerem e...

O rosto de Jarnil empalideceu e sua voz quase sumiu. Bebeu rapidamente uns goles de água-doce de sua taça, como se precisasse se aliviar de um medo enorme.

— Acaba de me ocorrer algo terrível — sussurrou ele. — Há vinte e dois anos, o Senhor-das-Sombras Verrin, da Ordem Anil, desapareceu sem deixar vestígios, exatamente como Lokar e Rerem. Foi o primeiro Escolhido a desaparecer, sem qualquer explicação, em quase cem anos. Provavelmente, ele era o Guardião da Grande Pedra Anil. O primeiro a sumir.

Incrivelmente agitado, agora, Jarnil deu um salto e agarrou Ebbitt pelo braço.

— Há vinte e dois anos, Ebbitt! No mesmo ano em que três Escolhidos permaneceram por mais tempo em Aenir!

Delicadamente, Ebbitt retirou os dedos de Jarnil que apertavam seu braço, mas não disse nada. Continuou fitando a Pedra-do-Sol do teto e Tal pôde ouvi-lo murmurar algo, num tom suave e desolado.

— Que história é essa de Escolhidos que ficaram em Aenir? — perguntou Tal.

— O único que regressou foi Sushin —, sussurrou Jarnil. — Ele nunca explicou o que teria acontecido e negou saber qualquer coisa a respeito dos dois outros. Demorou quase um mês para voltar, mas não foi punido. Verrin desapareceu logo depois que ele voltou. Nunca me havia ocorrido que uma coisa pudesse estar relacionada a outra.

— Isso é problema de Escolhidos — interrompeu o Corvo, com desprezo. — Vocês ficam falando de destruição do Véu. Que importância tem isso para os membros da Resistência? Nunca vimos o sol em suas Torres, ou em seu mundo particular de Aenir. Talvez seja uma boa destruírem o Véu.

Milla o fitou, furiosa.

— Você fala mais depressa do que pensa — disse ela. — O Véu é uma defesa, uma barreira contra as sombras. Não é apenas o sol que vai penetrar aqui; são também as diversas criaturas de Aenir que nos odeiam e nos temem. Elas são os antigos inimigos de todo o nosso povo, e vão dar cabo dos Resistentes, do Povo Inferior, dos Escolhidos e dos Homens-do-Gelo.

O Corvo deu de ombros, como se quisesse se livrar das palavras de Milla. Mas não disse nada,

e ela podia jurar que ele não queria admitir que ouvira a verdade por sua boca.

— Como se viola uma Grande Pedra? — perguntou Tal.

Jarnil enxugou o suor da testa e, antes de responder, juntou ambas as mãos, num gesto habitual que Tal lembrava ter visto no Lectorium. Significava que Jarnil não queria admitir que não sabia responder àquela pergunta e ia falar um bocado para disfarçar esse fato.

— Uma vez que só os Guardiões detêm os segredos das Grandes Pedras — disse ele — suponho que certos rituais e encantamentos longos...

— Tolices — interrompeu Ebbitt. — E também besteiras e baboseiras. Ninguém sabe, a não ser os seis Guardiões.

— Sete — emendou Jarnil, irritado por ter sido interrompido de forma tão grosseira.

Ebbitt sorriu e ergueu seis dedos, fechando-os, um a um, enquanto contava.

— Vermelho, Laranja, Amarelo, Verde, Azul, Anil.

— E Violeta — acrescentou Tal. Estava acostumado às excentricidades de Ebbitt, e a seus estranhos lapsos acerca de coisas banais, mas aquilo era tão óbvio que ficou sem jeito por seu tio-avô.

Ebbitt abanou a cabeça e sorriu, um sorriso misterioso.

— O Guardião Violeta é o descendente de Ramellan — disse ele. — Não o dente, nem o decente, mas o descendente de Ramellan. O de-sem-dente.

— A Imperatriz — disse Jarnil. Ele parecia aliviado. — Então, não precisamos temer tanto pelo Véu. Seria realmente terrível se Sushin e seus comparsas já houvessem se apoderado da Grande Pedra Violeta.

— Por quê? — indagou Milla.

— A Sétima Torre guarda os antigos segredos de Ramellan, todos os dispositivos e mecanismos da antiga magia — disse Jarnil. — Aquele que controlar a Grande Pedra Violeta, controlará a Torre. Por sorte, embora desconheça evidentemente as maquinações de seu Vizir das Trevas, a Imperatriz jamais confiaria o controle da Grande Pedra Violeta a alguém que não fosse ela própria. Podemos ficar tranquilos quanto a esta Grande Pedra, pelo menos.

Ebbitt apanhou um livro imaginário e folheou algumas páginas imaginárias. Parecia não ter qualquer dificuldade em ver o livro, pois acompanhou com o dedo a primeira linha de uma página, recitando.

— "A Imperatriz Kathild, primeira de sua linhagem, ascendeu ao trono de Ramellan em circunstâncias extraordinárias. A morte do Imperador Mercur foi cercada por controvérsias e seu funeral foi irregular e apressado, sem exposição em câmara ardente, o que provocou especulações sobre a possibilidade de ele haver sido brutalmente assassinado, com o que seu corpo não estaria em condições de ser exposto".

— Isto é tirado da História de Kimerl — protestou Jarnil. — Ela foi inteiramente desconsiderada, anos atrás, e seu livro, banido. Não consigo ver qualquer importância nisso ou, permita-me dizer, em você, Ebbitt. Realmente, dir-se-ia que foi você que esteve na Câmara dos Pesadelos!

— Blá-blá-blá — disse o Corvo. — É só isso que acontece por aqui. Se o Véu está em perigo, e todos nós, por causa disso, o que vamos fazer? E o que é que a Resistência ganha com isso?

— Vou contar tudo para as Matriarcas — disse Milla. — Elas saberão o que fazer.

— Acho que precisamos dar uma olhada numa das Grandes Pedras — disse Tal, lentamente. Continuava a refletir a respeito. — Talvez, se conseguirmos descobrir como lacrá-la de novo, o Guardião possa voltar. Ou, se encontrarmos uma delas que ainda esteja lacrada, possamos tirá-la de lá, para que Sushin não consiga se apoderar dela.

— Duvido que as Grandes Pedras possam ser removidas, — disse Jarnil. — Já que são parte integrante das Torres e do Véu. Mas seu plano tem algum mérito, meu rapaz. Se conseguirmos libertar um Guardião que seja, ele poderá nos dizer o que fazer. E a Imperatriz certamente acreditará em nós se tivermos um dos Guardiões para contar a sua história. Mesmo contra o Vizir das Trevas. Mas quem irá até lá, e para que torre?

— Eu vou — disse Tal. — Para a Torre Laranja, libertar meu pai.

— Esse raciocínio está errado — protestou Milla. — Onde está o seu senso de estratégia? Sushin já montou uma armadilha para você, usando seu irmão como isca. Com certeza, haverá outras armadilhas, e as melhores envolverão seu pai e sua mãe. Você devia procurar um outro Guardião, numa outra Torre.

— Você vai precisar de ajuda para atingir a Torre — disse Jarnil. — Corvo...

— Esqueça! — interrompeu o Corvo. — Como já disse, o que ganhamos com isso? Se ajudarmos os Escolhidos a consertar o Véu, tudo ficará na mesma. Você diz que os Aeniranos vão nos matar, mas talvez só matem os Escolhidos.

— Você tem uma Pedra-do-Sol — disse Jarnil. — Ensinei-lhe como usá-la. De acordo com o plano dos Compartilhadores da Luz, você se tornaria um Escolhido. A Imperatriz ficaria agradecida por salvarmos o Véu. Estou certo que você seria promovido.

— Não quero ser promovido! — gritou o Corvo. — Quero que todo o nosso povo seja livre!

Bennem emitiu um som profundo e se levantou, lançando um olhar selvagem para lá e para cá. O Corvo se aquietou imediatamente e aproximou-se do irmão, fazendo-o sentar novamente.

— Quero a nossa liberdade — prosseguiu ele, com uma voz bem calma. — Nada de Povo Inferior, nada de Escolhidos. Só ajudo a salvar o Véu se todos vocês prometerem ajudar a libertar meu povo.

— Vou transmitir suas palavras às Matriarcas — disse Milla. — Elas vão avaliá-las, juntamente com as outras notícias que estou levando. É tudo o que posso fazer.

Tal olhou para Jarnil e Ebbitt. Jarnil franziu a testa e seu rosto estava vermelho como estivera branco alguns minutos antes. Era evidente que estava furioso com o Corvo. Já Ebbitt estava olhando para Bennem. Tal também olhou para ele e encontrou os olhos brandos daquele homem, que não enxergavam nada.

— Não sei o que posso fazer, e não vou ajudar a matar Escolhidos ou coisa do gênero — disse Tal, hesitante, ainda olhando para Bennem. — Mas, se vocês nos ajudarem, farei o que puder... para mudar as coisas e vou me empenhar para que o Povo Inferior venha a ser livre.

O Corvo olhou para Tal com um ar de suspeita.

— Suponho que isto seja melhor que nada — disse ele, de má vontade. — Mas é melhor fazer o que prometeu.

Milla empunhou a faca que tinha pegado com Gill e disse:

— Querem que eu faça os cortes para o juramento?

— Não — disse Tal, desviando os olhos. — Não é desse jeito que isso se faz por aqui.

O Corvo também abanou a cabeça.

— Um juramento sem sangue é um juramento que logo será quebrado — alertou Milla. — E o Corvo não pronunciou sua parte do juramento.

Tal se virou e encontrou os olhos do Corvo. Não podia mais ver, ali, o ódio ardente que vira antes, mas também não podia imaginar em que o rapaz estaria pensando.

— Vou ajudá-los a chegar até a Torre — disse o Corvo, mas encobriu os olhos enquanto

falava. — E a lacrar a Grande Pedra, ou seja lá o que tivermos de fazer.

Tal assentiu. Tinha reparado que o Corvo não mencionara que o ajudaria a voltar da Torre. Mas talvez fosse apenas um descuido, e não uma ameaça tenuemente velada.

— E quanto a você, velho? — perguntou o Corvo, dirigindo-se a Jarnil. Havia pouco respeito em sua voz, agora. — Continua sonhando com Inferiores bonitinhos, fazendo fila para serem testados e se juntarem aos Escolhidos?

— Não — sussurrou Jarnil, tristemente. — Você era um bom rapaz, Corvo. Temo que não venha a ser um bom homem. Tudo o que lhe peço, agora, é para ajudar Tal. Como você mesmo diz, estou velho e alquebrado demais, e só posso esperar que salvemos o Vêu e que nada de mais terrível aconteça nem ao seu povo, nem ao meu. Vamos, Bennem. É hora de descansar.

— Vou embora depois de dormir um pouco — disse Milla. — Se Gill ainda for me mostrar o caminho.

Tal a fitou. Durante toda aquela conversa sobre o Vêu e as Grandes Pedras, tinha esquecido Milla e seu desejo de voltar para o Gelo. Mas não conseguia achar nenhum jeito de impedi-la. Além do mais, uma partezinha de sua mente estava lhe dizendo que talvez fossem precisar da ajuda dos Homens-do-Gelo, embora relutasse em admitir isso.

— Podíamos contar com sua ajuda na Torre — disse Tal, enquanto tentava desesperadamente pensar em algo que convencesse Milla a não ir embora. — Pode ser mais importante que ir fazer um relatório para as Matriarcas.

— Não — disse Milla, com muita firmeza.

— E se... — disse Tal, quebrando a cabeça. Foi por sua culpa que Milla perdeu a própria sombra. Se fosse punida — ou punisse a si mesma, mais tarde — seria quase como se ele mesmo a tivesse matado.

— E se as Matriarcas quiserem saber mais? — disse Tal, porque uma idéia lhe ocorrera subitamente. — Quero dizer, elas podem falar umas com as outras mentalmente, ou algo assim, não podem? Portanto, se alguém precisar voltar aqui, você terá de guiar essa pessoa.

— Posso ensinar-lhes o caminho — disse Milla. — Se uma Matriarca vier, escolherá uma Donzela Guerreira para acompanhá-la e protegê-la. E não sou uma Donzela Guerreira.

Só Tal percebeu o leve tremor na voz de Milla quando disse "Não sou uma Donzela Guerreira". Por um momento, Tal pensou ter imaginado aquilo, mas era verdade. Pela primeira vez, via um sinal de que Milla estava a ponto de perder o controle. Era quase como se a tivesse visto chorar, algo que ela jamais fizera, nem mesmo quando foi seriamente ferida pelo Merwin.

— Não acho que devamos convidar alguém a vir até o Castelo — disse Jarnil, nervoso. — Embora tenha certeza que Milla e seu povo têm boa vontade, creio que é melhor deixar que esse problema do Vêu seja enfrentado por nós.

Milla o fitou e, depois, correu os olhos por toda aquela lamentável assembléia. Havia Jarnil, velho e, como ele próprio dissera, alquebrado depois de passar pela Câmara dos Pesadelos. Havia Ebbitt, uma força com a qual se podia contar, mas da qual não se devia depender. Havia Bennem, que, apesar da aparência de um poderoso guerreiro, era um sonâmbulo permanente, aprisionado em sua própria cabeça. Havia Tal, que ela odiava, em parte, pelo que ele tinha feito, mas que estava mais próximo a ela como ninguém jamais havia estado, como um estranho irmão imprevisível e que ela nem sempre conseguia compreender. Mas ele era valente, e seus poderes estavam aumentando. Havia o Corvo, a respeito de quem ela não sabia quase nada, a

não ser que a sua amargura e sua raiva ferviam tanto que ele era perigoso como amigo e como inimigo. Havia os quatro outros membros da Resistência, audaciosos e engenhosos, mas que deixavam a desejar como guerreiros.

Todos juntos, não eram páreo para o monstro Sushin, seus guardas, Fashnek e quem sabe quantos outros Espíritos-Sombra.

— Acho que você desconhece a verdadeira força e a natureza do inimigo — disse Milla a Jarnil. — As Matriarcas vão decidir o que os Homens-do-Gelo devem fazer. Afinal, não foi só o seu Ramellan que venceu os Aeniranos há tanto tempo. Nossa Danir, também. Você não deve temer a nossa ajuda.

Mas temeriam, como Milla sabia, e talvez tivessem razão. Ela sabia bastante bem o que as Matriarcas fariam quando ouvissem as notícias sobre as sombras livres no Castelo e as Grandes Pedras violadas.

Convocariam, ao Navio em ruínas, todas as Donzelas Guerreiras, todos os Cavaleiros da Espada e todos os Caçadores de que pudessem dispor. Uma grande multidão de Homens-do-Gelo se reuniria com um único objetivo: assumir o controle do Castelo e mandar as sombras de volta para Aenir.

Ela duvidava que qualquer Escolhido, dominado ou não por Sushin, fosse deixar que aquilo acontecesse sem luta.

Em breve, haveria guerra na Montanha da Luz.

Milla não sabia ao certo se ficava triste ou feliz por não participar dela. Até então, já teria, há muito, expiado seus fracassos no Gelo.

Na Fortaleza da Resistência, havia várias camas para se escolher. Evidentemente, tinha muito mais gente para dormir ali antes. Mas Tal estava cansado demais para pensar a respeito. A perna ferida e os efeitos secundários do veneno da aranha-d'água ainda lhe causavam problemas. Só conseguiu ficar acordado o suficiente para lamentar que o banheiro dos Resistentes e as condições para se lavar fossem tão precários (uma privada malcheirosa e água fria). Depois, desabou feliz da vida numa cama muito superior à maioria dos lugares onde havia dormido nas últimas semanas.

Quando acordou, dez horas mais tarde, de acordo com sua Pedra-do-Sol, Milla tinha ido embora, junto com Odris. Adras também não estava lá. Tal se sentiu estranhamente tenso, com uma dor de cabeça de rachar. Levou alguns instantes para compreender que era por causa da ausência de seu Espírito-Sombra.

Adras só apareceu poucos minutos depois, deprimido, e dirigiu-se para o pátio central onde ficava o poço.

— Onde você estava? — perguntou Tal, rabugento. Estava mal-humorado por causa da dor de cabeça e porque Milla tinha ido embora sem se despedir. Estava também às voltas com o sentimento de culpa. O destino de Milla era inteiramente culpa dele.

— Indo atrás de Odris — respondeu o Espírito-Sombra. — Mas tive de voltar por causa dessa estúpida ligação que existe entre nós. Ai!

Bateu no peito com um dos grandes dedos fofos, e o terceiro golpe foi um pouco forte demais.

— Viu algum guarda, ou outros Escolhidos? — indagou Tal, passando a mão no próprio peito. Sentira também uma dor solidária naquele ponto.

— Não — respondeu Adras. — Só uma luminosidade vermelha, como um pôr-do-sol longínquo.

— Isso é bom, acho eu — disse Tal. — Tomara que tenham desistido de nos procurar.

— Talvez tenham mesmo — disse Jarnil. Ele se dirigiu ao poço e, com a mão sadia, pegou um pouco de água para jogar no rosto. — Daqui a algumas horas, começa o Dia da Ascensão, e todos os Escolhidos estão se preparando para a viagem a Aenir.

— Algumas horas? — perguntou Tal. Ele tinha perdido a noção dos dias desde aquela queda inicial para fora do Castelo. Além disso, também, a passagem do tempo era diferente em Aenir. Olhou para sua Pedra-do-Sol. Era a segunda hora da manhã, ainda no meio da noite, ao menos acima do Véu. — Ótimo! Vai ser muito mais fácil chegar até a Torre Vermelha.

— Não se esqueça que os Espíritos-Sombra ficam por aqui — alertou Jarnil. — Antigamente, eu diria que eles estariam junto dos corpos de seus senhores mas, agora, não tenho tanta certeza disso.

— Você... você já pensou em ir a Aenir conseguir um Espírito-Sombra novo? — perguntou Tal.

Jarnil abanou a cabeça.

— Não seria seguro. Lembre-se que todos os Escolhidos acham que morri. Quem me visse ia

achar que alguma criatura tinha assumido a forma de Jarnil Yannow-Kyr, e lançaria raios que me reduziriam a cinzas. Ademais, não sei se poderia conquistar um Espírito-Sombra agora.

Tal assentiu. E Adras também.

— O Corvo e Ebbitt estão preparando roupas e equipamentos para você — prosseguiu Jarnil. — O Corvo decidiu que o melhor é que só vocês dois vão até a Torre.

— E eu? — perguntou Adras.

— Você também, é claro, Senhor Pastor de Tempestades — disse Jarnil. — Eu devia ter dito vocês três.

— Senhor Pastor de Tempestades! Gosto disso — trovejou Adras. — Você devia me chamar assim, Tal.

Tal suspirou. Já estava com saudade de Milla e de Odris, embora não quisesse admitir isso.

— É melhor eu ir me aprontar — disse Tal. — Onde estão eles?

Jarnil apontou a direção. Mas, antes que Tal pudesse começar a andar, o velho o agarrou pela manga e o puxou para perto de si.

— Tudo o que sei sobre os Homens-do-Gelo é o que Ebbitt me contou, e ele soube por você — sussurrou ele. — Eles são mesmo fortes e belicosos como disse Ebbitt? Sabe, não estou seguro de termos agido certo deixando Milla ir transmitir-lhes informações.

— Eles são belicosos — respondeu Tal, em voz baixa. E mordeu levemente o lábio antes de prosseguir. — Mas também são honrados. Ajudaram-me a voltar para o Castelo. Milla salvou minha vida diversas vezes.

— Eu sei, é difícil ver alguém que salvou nossa vida como um inimigo — observou Jarnil. — Mas o que acha que os Homens-do-Gelo vão fazer quando souberem que há um caminho para o Castelo? Ebbitt me disse que Milla veio até aqui para conseguir uma Pedra-do-Sol, coisa rara no mundo deles, lá embaixo. Sei que há muitos bandos ou tribos diferentes. E se alguma delas resolver considerar que somos uma fonte de riquezas a serem pilhadas? Será que se arriscariam a nos atacar, mesmo sabendo que detemos uma magia superior?

— Não sei — respondeu Tal, lentamente. — Pode ser.

— Precisamos ter cuidado, Tal — murmurou Jarnil. — Eles são forasteiros. Embora eu tenha o maior empenho em promover os indivíduos do Povo Inferior que se revelam capazes, eles, pelo menos, são habitantes do Castelo. Quero que me prometa que, havendo oportunidade, você vai alertar a Imperatriz, ou alguns Escolhidos em que podemos confiar, sobre o possível risco de os Homens-do-Gelo invadirem o Castelo.

— Vou pensar nisso — disse Tal. Era difícil não prometer. Sua atitude, diante de Jarnil, ainda era a de um menininho para com o professor. Sentia-se como se devesse se inclinar e oferecer luz de sua Pedra-do-Sol em sinal de respeito.

— Faça isso — recomendou Jarnil. Soltou o braço de Tal e saiu andando, o braço lesado pendendo ao lado do corpo.

— Esqueça que ouviu isso — recomendou Tal a Adras, quando estavam indo para a cabana que Jarnil havia indicado.

— Esquecer o quê? — perguntou Adras.

— Isso. — Tal abanou a cabeça.

— O quê? — insistiu Adras. — O quê?

— Nada! — gritou Tal. — Deixe para lá.

Adras bufou e se ergueu no ar para ficar pairando acima de Tal. Um momento depois, uma chuva-de-sombra inofensiva começou a cair sobre a cabeça do menino. Ele ignorou aquilo e abriu a porta. Adras ficou do lado de fora, resmungando.

Dentro da cabana, ou melhor, do grande porão que ficava abaixo dela, o Corvo estava separando uma série de vestimentas estranhas. Ebbitt dormia numa rede pendurada a um canto, e seu Espírito-Sombra estava debaixo dela. Quando Tal veio descendo as escadas, Ebbitt e seu Espírito-Sombra abriram um olho cada.

— Cuidado com as vozes de homens sensíveis, que quase não desafinam e sabem todas as letras — disse Ebbitt.

Tal franziu a testa. Às vezes, Ebbitt era tão malvado quanto Adras.

— Venha cá, e experimente essas aqui — disse o Corvo. Seu tom era mais amistoso que antes.

O Corvo lhe estendeu dois jogos de trajes brancos. O primeiro deles era leve, provavelmente a roupa habitual do Povo Inferior, mas o outro jogo era de um material mais pesado e lustroso. O Corvo lhe deu também uma máscara bicuda, com pedaços de cristal transparente no lugar dos olhos, e um par de tamancos de cristal.

Tal vestiu ambos os trajes. As roupas que ficavam por cima eram pesadas e quentes, como se o tecido não respirasse. A máscara parecia uma cabeça de rato gigante, e só o focinho era, brincando, do tamanho do braço de Tal. Tinha alguns furos na ponta mas a maior parte daquele bico era recheada com um material que parecia espuma.

— O que é isso? — indagou Tal, antes de enfiar a máscara. Ela ficava bem colada a seu rosto e debaixo do queixo, e era fechada, atrás, com tiras ajustáveis.

— Máscara-filtro — respondeu o Corvo. — Vamos nos disfarçar de pulverizadores anticavaratas. As máscaras protegem contra o veneno. Ponha também essas luvas.

Tal enfiou as luvas longas e quase transparentes. Chegavam até seus cotovelos e eram feitas de alguma coisa que parecia ser tripa de bicho. Tal estava abrindo e fechando os dedos, feliz da vida porque as luvas eram levíssimas, quando o Corvo lhe atirou um outro par de luvas imensas e pesadas, feitas do mesmo material que as túnicas.

— Temos de usar tudo isso? — perguntou Tal, com a voz abafada pela máscara.

— Temos — disse o Corvo. — Os pulverizadores anticavaratas percorrem todos os corredores enquanto os Escolhidos estão em Aenir. Vamos conseguir chegar bem na base da Torre Vermelha. Mas precisamos ir pulverizando, para que não desconfiem de nós. Foi seu tio-avô que teve a idéia do disfarce — acrescentou o Corvo, com alguma relutância, indicando Ebbitt com um movimento de cabeça. — Até que pode funcionar, já que, segundo ele, seu Espírito-Sombra pode alterar sua forma o suficiente para parecer uma sombra natural.

— É — disse Tal. Na verdade, não tinha pensado nisso mas, sendo um Pastor de Tempestades, Adras era muito mais maleável que qualquer Espírito-Sombra adulto normal, que precisava se limitar ao tamanho e à forma que tinha em Aenir.

— Sempre quis ser um pulverizador anticavarata — disse Ebbitt, lá da sua rede. — Mas estava destinado a uma carreira como Escolhido.

Tanto o Corvo quanto Tal franziram a testa, mas por razões distintas. Como o Corvo já tinha posto a máscara para ajustá-la, Ebbitt não podia ver a expressão dos dois meninos, e continuou.

— Várias vezes fiquei imaginando onde teria chegado se fosse um pulverizador anticavaratas.

— Teria morrido, como a maioria deles — disse o Corvo, tirando a máscara. — Mesmo com esses trajes, o veneno os afeta em vinte ou trinta anos.

— Por que eles não mudam de profissão? — perguntou Tal, ingenuamente.

O Corvo o fitou.

— Inferiores não podem mudar de profissão — disse ele, desdenhoso. — Somos inscritos nos registros quando nascemos. Se você é menino, seguirá a profissão do pai. Se é menina, a da mãe. Nem mesmo temos nomes nesses registros. Apenas 'nascido para Varredor # 1346, filho, Varredor # 3019'. Inventamos os nomes mais tarde.

— Quem é responsável por esses registros? — Tal estava desconcertado. Nunca ouvira falar de Escolhidos fazendo algo que se assemelhasse tanto a trabalho, nem de Inferiores tendo números em vez de nomes.

— Hoje em dia, nós mesmos — disse o Corvo, os lábios se curvando num sorriso de desdém. — Os Resignados. Foram os Escolhidos que começaram esses registros, há muito tempo, e os Resignados estão tão convencidos de que só estamos aqui para servir-lhes que, simplesmente, continuam a fazer tudo como antes. Está pronto?

A pergunta, assim de chofre, surpreendeu Tal. Ele gaguejou um 'estou'.

— Então, vamos — disse o Corvo. — Vamos levar algumas horas para chegar ao nível Sete do Povo Inferior. No caminho, ainda temos de pegar umas bombas de veneno.

— Já estamos indo? — perguntou Tal. — E os outros...?

— Foram pegar algas-de-ar e tentar conseguir comida. Quanto mais cedo resolvermos essa história, melhor. Aquela... Milla estava certa. Nada de ficar esperando. Acho, também, que ela deve ser até bem bonitinha, depois de ter se lavado.

— O quê? — perguntou Tal. Nunca tivera tempo para pensar na aparência de Milla. Estava confuso acerca de seus sentimentos com relação a ela. Apenas, tinha se habituado à inimizade comedida que havia entre eles e que era melhor que a época em que ela queria matá-lo.

— Milla — disse o Corvo, retorcendo o rosto numa expressão exageradamente maliciosa. — Não me importaria...

— Ela o mataria — disse Tal.

— Ela gostou de mim — disse o Corvo. — Deu para notar. Você vai ver, quando ela voltar.

— Ela não vai voltar! — estourou Tal. — Quando tiver contado o que sabe às Matriarcas, vai se lançar ao Gelo. E vai morrer!

— O quê! — exclamou o Corvo. Com a surpresa, desfez a expressão idiota. — Por quê?

— É complicado — murmurou Tal. Pegou a máscara e foi se dirigindo para a escada. — Vamos?

— Você primeiro — disse o Corvo.

Mas Tal foi parado no começo da escada pelo Espírito-Sombra de Ebbitt. Ele ficou de pé, à sua frente, e bocejou, escancarando uma boca enorme com dentes-de-sombra.

— Tal.

A voz de Ebbitt soou surpreendentemente séria. Tal foi até a rede, enquanto o gato com crina

se afastou para o lado deixando que o Corvo subisse a escada e saísse.

— O que foi, tio-avô? — perguntou Tal.

— Uma cavarata não sabe distinguir o que é certo e o que é errado — afirmou Ebbitt. — Porque age apenas por instinto. Já você tem ao menos uma pequena parcela de intelecto. Não seja uma cavarata.

— O que você quer dizer com isso? — indagou Tal. — Não ser uma cavarata?

— É perigoso ser uma cavarata — disse Ebbitt. — Especialmente quando se está na companhia de um pulverizador anticavarata.

Tal assentiu e ficou imaginando, em nome da Luz, sobre o que Ebbitt estaria falando.

— Os Homens-do-Gelo vêm aí — disse Ebbitt. — A menos que eu esteja enganado. Pena que vocês tenham perdido o Códex.

— Ele está aqui, em algum lugar — protestou Tal. — No Castelo. Talvez ele encontre você.

Ebbitt se animou com essa perspectiva.

— Você acha? — perguntou ele. — Seria bom conversar com o amigo velho outra vez.

— Até logo, tio — disse Tal. Inclinou-se e abraçou o velho, ficando, como sempre, espantado com a leveza de Ebbitt. Ele era mais frágil do que aparentava.

— Até logo, Tal — disse Ebbitt. Quando Tal começou a se aprontar, Ebbitt sussurrou em seu ouvido: — Traga um bolo para mim. Daqueles, com farinha de amêndoa e laranja em calda. E troque de máscara antes de ir.

Tal concordou.

— Tudo bem, tio — disse ele. — Em troca desse bolo... você pode me dar duas doses do antídoto contra aranhas-d'água? Adiantado?

Graças às algas-de-ar e à ajuda de Gill, Milla encontrou a entrada para os túneis do sistema de aquecimento sem maiores problemas. Gill queria continuar com ela, mas a Garota-do-Gelo a mandou de volta e esperou para se certificar que ela não a estava seguindo. Milla sabia que era a única a conhecer o caminho pelos túneis de aquecimento, e queria que continuasse a ser assim. Tal não se lembraria das voltas e desvios, e ela tinha quase certeza que ele tinha perdido o mapa em miniatura esculpido em osso — embora houvesse uma pequena chance de o Corvo ter se apoderado dele quando os encontrou inconscientes daquela outra vez.

Odris ia atrás da Garota-do-Gelo, através dos túneis, e ia calada, treinando para ser uma sombra natural, segundo as instruções de Milla. Apesar de ter mais liberdade para mudar de forma que um Espírito-Sombra devidamente conquistado, ela ainda achava aquilo difícil, especialmente quanto a ficar achatada. Odris era naturalmente fofa, e seus braços e pernas estavam acostumados a se expandir para ficar muito maiores do que o normal.

Milla estava mantendo a Pedra-do-Sol baixa a fim de que não houvesse luz suficiente para Odris se sentir em plena forma. Tornar-se uma sombra natural estava sendo ainda mais complicado por causa da corda que Milla havia passado em torno do peito, e da quantidade de mantas e equipamentos que carregava enrolados numa trouxa presa às costas. Tudo aquilo tinha alterado a sua silhueta e Odris precisava estar constantemente atenta para se adequar a ela.

Quando chegaram ao esqueleto, onde Tal e ela haviam encontrado a Pedra-do-Sol da qual cada um deles possuía agora uma parte, Milla parou e apanhou o crânio e os ossos, embrulhando-os numa manta. Achava que devia muito àquele Escolhido, por causa da Pedra-do-Sol. Levaria consigo os seus ossos e daria a eles um funeral adequado, à maneira dos Homens-do-Gelo, deixando-os sobre a neve e o gelo limpos que cobriam o flanco da montanha.

Enquanto recolhia os ossos, algo cintilou. Por um segundo, Milla pensou que se tratasse de outra Pedra-do-Sol, desativada como fora a primeira.

Mas não era. Era uma unha artificial, feita do mesmo cristal violeta que os Escolhidos usavam tanto no Castelo. Mais de perto, Milla viu que a unha era pontilhada de minúsculos fragmentos de Pedra-do-Sol que captavam a luz da sua própria pedra, fazendo-a refletir por toda a unha.

Ela podia ser retirada e ficava firmemente presa por trás com uma tira de cristal. Milla a experimentou. No começo foi fácil movê-la, mas depois a tira ficou apertada. Milla tentou retirá-la, mas ela sequer se moveu.

A garota deu de ombros. Magia dos Escolhidos, outra vez. Pelo menos, a unha era afiada e poderia ser uma arma bem útil. Além disso, ela já estava condenada pelo Espírito-Sombra que vinha se aproximando atrás dela.

— O que é isso? — sussurrou Odris.

— Uma unha — disse Milla. — Lembre-se que você não pode falar quando tivermos saído daqui. Pode haver um Homem-do-Gelo escondido por perto. Serei morta imediatamente se alguém desconfiar que você é um Espírito-Sombra... e preciso ir avisar as Matriarcas antes de morrer.

— Sempre essa história de morrer — disse Odris. — Você sabe que eu não vou deixar.

— As Matriarcas vão cuidar de você — disse Milla, rispidamente.

— Hum! — disse Odris. — Veremos.

Bem perto da saída, Milla encontrou seu pesado casaco de peles, o novo, que lhe tinha sido dado no Navio em ruínas. Deu uma arrumação no equipamento, para poder vestir o casaco, e olhou para o de Tal, que estava debaixo do seu. Sentiu um vago desconforto ao lembrar do menino Escolhido. Era grosseiro sair furtivamente, sem se despedir, especialmente do próprio companheiro de Missão — mesmo que ele a tivesse condenado ao entregar sua sombra.

— Este era o de Tal? — perguntou Odris. — Sabe, acho que sinto tanta falta dele quanto de Adras. Engraçado, não é? O sentimento deve ser seu porque eu não tenho nada a ver com ele.

— Não é, não — dardejou Milla. — Tal não tem a menor importância. E agora, silêncio.

O frio a atingiu quando saíram pela abertura do túnel. Milla nunca tinha ficado tanto tempo longe do frio antes, e agora ele estava cortante, de tirar o fôlego. Foi preciso parar e fazer exercícios da respiração Rovkir para não continuar tremendo. Por sorte, o tempo estava bom, ao menos pelos padrões dos Homens-do-Gelo. O vento era forte e constante, e sua Pedra-do-Sol brilhou radiante naquela escuridão permanente. No círculo de luz que a cercava, não caiu neve, chuva ou granizo.

Do lado de fora, Odris achou ainda mais difícil permanecer como uma sombra natural. O vento a chamava, como fazia em Aenir, tentando-a a subir aos ares e acompanhá-lo. Ao mesmo tempo, sentia a sombra de Milla, bem lá dentro de si, prendendo-a à Garota-do-Gelo. De alguma forma, a respiração Rovkir também ajudou o Espírito-Sombra a se controlar.

Milla só levou um momento para desembulhar o esqueleto e lançar crânio e ossos na escuridão. Com sorte, pensou Milla, teriam alguma utilidade, podendo servir para serem roídos ou revestir uma toca.

Logo acima da entrada dos túneis do sistema de aquecimento, estava a pirâmide de Imrir, feita de cristal azul, e, depois dela, o abismo no meio da estrada. Tal e Milla tiveram de saltá-lo, quando subiam a montanha. Agora, a garota ficou parada na beirada, fitando a escuridão lá embaixo.

Considerou a hipótese de saltar. Mandar Odris transportá-la ao outro lado seria prova de força ou de fraqueza? Ela não deveria usar sua sombra não-natural. Mas o seu dever era levar a Pedra-do-Sol para o clã o mais rápido possível, e alertar as Matriarcas sobre o perigo do Véu.

Já tinha cometido o erro de pôr seus desejos acima de seu dever, pensou Milla.

Usaria Odris.

— Quero que você me carregue até o outro lado — disse Milla, erguendo os braços.

— Preciso de mais luz — disse Odris. — E de espaço para tomar impulso.

Milla concordou, e foi recuando. Concentrou-se na Pedra-do-Sol enquanto andava. Estava melhorando o seu controle, mas ainda era muito mais lerda que Tal. Lentamente, a pedra começou a brilhar mais intensamente, e o anel de luz à sua volta se expandiu. Odris alçou-se ao ar e se transformou numa nuvem-de-sombra fofa que ia e vinha, da luz para a escuridão, ao sabor do vento.

Milla ergueu os braços novamente.

Quando Odris a agarrou, um grito terrível, penetrante, assustou a ambas. Odris deu um solavanco para a frente no exato momento em que uma imensa criatura alada, e com garras,

investiu contra o Espírito-Sombra, quase acertando também Milla.

— Um Brocal! — gritou Milla. Mas Odris a estava segurando com tanta força que ela não pôde sacar a faca, ou sequer virar-se e morder. Estava inteiramente desprotegida, à mercê de um dos mais cruéis predadores existentes no Gelo, ou acima dele.

Tal ficou surpreso ao ver como o Castelo se transformava no Dia da Ascensão. Com todos os Escolhidos se recolhendo a seus aposentos, para deitar-se e transferir seus espíritos para Aenir, e seus Espíritos-Sombra indo com eles, o Castelo ficava em grande parte entregue ao Povo Inferior.

Tudo estava estranho e quieto pelos corredores. Tal não podia se impedir de pensar no que estaria fazendo. Juntamente com sua família, estaria em casa, deitado na cama com a colcha bordada especialmente para essa ocasião, esperando que seu pai se aproximasse dele, com a Pedra-do-Sol, conduzindo-o para fazer a passagem.

Nunca tinha se sentido tão sozinho.

Também era estranho ver tantos Inferiores por todo lado. Eles usavam esse período para trabalhar freneticamente nas tarefas de manutenção, consertos e obras que, por seu porte, não podiam ser realizadas com os Escolhidos circulando por ali.

Mesmo abaixo do Nível Sete do Povo Inferior, onde Tal e o Corvo pararam para pegar as bombas de vaporização que levariam às costas, o movimento e os preparativos eram consideráveis. Os Inferiores dos armazéns distribuíam ferramentas e tintas, tábuas e parafusos, escovas e esfregões, canos e acessórios para reposição, e todo tipo de objetos para um entra-e-sai de homens e mulheres.

Como dissera o Corvo, esses Inferiores — os Resignados, como ele os chamava — pareciam muito entusiasmados ante a perspectiva do trabalho. Tal imaginara que eles aproveitassem a oportunidade da ausência dos Escolhidos para descansar. Mas não era nada disso. Todos estavam inteiramente concentrados em suas tarefas.

Tal e o Corvo estavam de máscara e Tal reparou que todos os demais se mantinham a uma boa distância deles. Era evidente que o Corvo não havia exagerado quanto ao veneno. Parecia que os outros Inferiores temiam tocar até mesmo as roupas dos pulverizadores anticavaratas e, talvez porque isso os deixasse sem jeito, sequer olhavam para os dois rapazes.

O que era ótimo, pensou Tal, porque Adras estava tendo alguma dificuldade em ser uma sombra natural. Ficava sempre um pouco mais atrás e, por isso, quando Tal dobrava uma esquina, sua sombra seguia em frente por um momento até se corrigir apressadamente. Até agora, ninguém parecia ter notado, mas aquilo estava deixando Tal muito aflito.

Ainda assim, enquanto estivessem fora dos aposentos particulares, ou de áreas específicas como as antecâmaras imperiais, onde os Escolhidos estavam adormecidos e seus Espíritos-Sombra protegiam tanto seus corpos quanto seus quartos, Tal e Adras não corriam o risco de serem identificados.

Levaram quase o dia todo para subir do Nível Sete do Povo Inferior até o nível mais alto da Ordem Vermelha, de onde podiam começar a escalar a Torre Vermelha, embora também fosse possível chegar até ela a partir de alguns níveis das cores superiores. Normalmente, Tal teria levado menos de uma hora para subir escadas e rampas, mas tinham de ficar parando o tempo todo para alcançar bueiros, tubulações e outros locais pouco usuais, e pulverizar o veneno anticavaratas.

Algum tempo depois, Tal percebeu que o Corvo o fitava enquanto estava pulverizando, quase como se estivesse esperando que algo acontecesse. Tal também o fitou, lembrando que Ebbitt o

alertara para trocar a máscara que o Corvo lhe havia dado. Mas não sabia ao certo se era simplesmente a esquisitice habitual de Ebbitt ou se o seu tio-avô achava que o Corvo tinha escolhido uma máscara com defeito para ele.

Por certo, o Corvo parecia estar se esforçando para ser cordial. Os ataques verbais da véspera tinham desaparecido e, quando ele falava, era apenas para instruir Tal sobre os locais a serem pulverizados ou sobre a maneira de agir de um Inferior. Talvez só ficasse olhando para se certificar que Tal estava se comportando de acordo com o papel. Talvez não estivesse esperando que, de repente, ele desmaiasse e acabasse morrendo por causa do veneno.

Tal não conseguia se decidir entre essas duas possibilidades, mas resolveu ser cauteloso.

No Salão Vermelho Superior, o imenso aposento que, em outros momentos, estaria cheio de Escolhidos da Ordem Vermelha, reunidos para fofocas e atividades sociais, Tal achava que haveria uma escada para chegar tanto ao andar térreo da Torre Vermelha quanto à estreita passarela externa que contornava a base da Torre.

Da outra vez que subira a Torre Vermelha, Tal partira dos níveis mais elevados da Ordem Laranja por passarela semelhante, depois passou para a passarela Vermelha e de lá começou a escalar a Torre.

Embora nunca houvesse estado no Salão Vermelho Superior, Tal sabia que ele devia ser igual ao da Ordem Laranja. Quando viu o imenso aposento, sua certeza se confirmou. Apesar do mobiliário diferente, com vários sofás baixos estofados em tecido vermelho brilhante, em lugar das cadeiras de cristal que havia no Salão da Ordem Laranja, a escada ficava no mesmo canto. Não tendo mais de dois trechos de largura, e sem corrimãos, ela subia para o teto, lá em cima. Como acontecia com a que havia no Salão Laranja, Tal desconfiava que ela não fosse usada quase nunca.

— Ali está — disse ele ao Corvo, apontando a escada.

— Ótimo — disse o Corvo. Olhou a seu redor, certificando-se de que o aposento estava efetivamente vazio. Depois, tirou a bomba vaporizadora que trazia às costas pondo-a no chão, com todo cuidado, apoiada num dos sofás. Tal fez o mesmo e, então, afastaram-se ambos.

— Não encoste nas luvas depois de tirá-las — instruiu o Corvo. Mostrou a Tal como soltar e retirar as duas, ao mesmo tempo, em vez de tirar uma delas e depois ficar sem saber o que fazer com a outra.

Deixaram as luvas no chão e afastaram-se novamente para tirar os tamancos e os trajes externos. As roupas de baixo estavam grudando de tanto suor. Os dois rapazes tinham facas enfiadas no cinturão, e Tal começou a usar sua Pedra-do-Sol abertamente.

Qualquer Escolhido ou Espírito-Sombra que os visse saberia, instantaneamente, que se tratava de inimigos.

— Posso deixar de ser uma estúpida sombra natural agora? — perguntou Adras, queixoso, quando Tal estava se dirigindo para a escada. O Espírito-Sombra ergueu a cabeça ao falar, embora mantendo, basicamente, a forma de Tal. O resultado era muito estranho: como se a sombra de Tal tivesse se encaracolado.

— Quando estivermos do lado de fora — prometeu Tal.

Enquanto subiam os degraus, o Corvo começou a fazer um monte de perguntas sobre as Grandes Pedras.

— Alguma vez seu pai lhe disse como essas Grandes Pedras funcionam? — perguntou ele,

quando estavam na metade do caminho.

— Não — respondeu Tal. Sua perna voltara a doer. A escada era íngreme e seria fácil cair dali. Precisava prestar bastante atenção.

— Quero dizer, parece que esse posto de Guardião é transmitido de pai para filho. Ele deve ter falado disso.

Tal deu de ombros e abanou a cabeça.

— E essa história de Jarnil achar que elas não podem ser removidas? Você acha que ele tem razão?

— Não sei. — Estavam quase no topo. Provavelmente a porta estava trancada, mas Tal podia derreter o ferrolho com a Pedra-do-Sol. Havia roubado a chave da porta Laranja, mas já a perdera há muito tempo.

— Algum dia elas tiveram de ser postas aí — murmurou o Corvo. — Aposto que podem ser removidas. Devíamos levá-las conosco porque, assim, nós é que poderemos utilizá-las.

Tal ignorou-o e fez uma pausa para recuperar o fôlego antes de tentar abrir a porta.

Havia uma tranca pelo lado de dentro, mas ela cedeu com bastante facilidade. Tal a pôs no chão e experimentou a porta. Estava trancada.

— Deixe que eu abro — disse o Corvo, enquanto Tal examinava a fechadura e a folga existente entre a porta e o portal. — Deixe-me passar.

Em sua pressa de chegar até a porta, o Corvo deu um empurrão de leve em Tal e o menino teve de agarrar o suporte de ferro que prendia a tranca para não cair. Era uma queda considerável, grande o bastante para ser fatal, e Tal sabia que, provavelmente, Adras não seria esperto o suficiente para segurá-lo se caísse.

Mas o empurrão parecia ter sido acidental.

— Ah, desculpe — disse o Corvo. Tal desceu alguns degraus enquanto o Corvo tirava um molho de chaves do bolso de sua manga, e escolhia uma delas para enfiar na fechadura. Depois, enfiou uma fina tira de metal junto com a chave, e girou as duas.

A fechadura funcionou com a maior facilidade, e a porta se abriu.

A luz das Pedras-do-Sol que iluminavam o aposento espalhou-se lá fora, mas foi engolida pela escuridão reinante. Soprava um vento gélido que fez bater a porta e descabelou os dois rapazes, além de deixar-lhes com rosto e olhos ardendo.

O Corvo parecia paralisado. Ficou parado ali, com as chaves na mão, olhando a noite eterna que se estendia além da estreita passarela.

— Bem-vindo ao Mundo das Trevas — disse Tal.

O Brocal soltou outro guincho e alçou-se aos ares com a presa nas garras. Infelizmente, Odris tinha se solidificado bastante para carregar Milla e, assim, a imensa criatura alada, de pele coriácea, podia segurar facilmente a sua carne-de-sombra.

— Ai! — gritou Odris. — Ai! Ai! Ai!

Na verdade, o Brocal não podia causar-lhe dano, mas suas garras enormes estavam rasgando seu corpo, e aquilo doía.

— Solte-me! — gritou Milla. — Solte-me, agora!

Ainda estavam sobre a estrada, porém o Brocal podia, a qualquer momento, sair voando pelo espaço aberto.

Odris obedeceu mas, por uma fração de segundo, já era tarde demais. Milla viu o abismo lá embaixo, a profunda fenda que havia saltado da outra vez. Fez um esforço desesperado e conseguiu agarrar o dedo mínimo da mão esquerda de Odris.

O dedo foi se esticando, esticando, até virar uma longa corda de escuridão e, com isso, Milla ficou balançando debaixo de seu Espírito-Sombra. O Brocal bateu suas imensas asas, levando Odris mais para cima.

Milla concentrou-se na Pedra-do-Sol, fazendo-a brilhar o mais que pôde. Ao mesmo tempo, começou a gritar, um grito alto e agudo. O Brocal não suportava luz muito intensa, nem ruídos muito altos. Eles não viam ou ouviam como outras criaturas normais.

Surpreendida, a ave lançou um grasnido e tentou soltar a presa. Mas suas garras estavam efetivamente enfiadas em Odris e o Espírito-Sombra não podia tornar-se menos consistente sem afetar também o dedo mínimo.

Milla caiu. O dedo do Espírito-Sombra foi ficando cada vez mais ralo até que se desmanchou entre as luvas de Milla, e a menina teve de dar novo impulso e se soltar.

De imediato, Odris se rarefez e escapou, como água, por entre as garras do Brocal. Mas já estava muito no alto, acima de Milla. Tudo o que pôde ver foi uma luz diminuindo, para logo se extinguir completamente.

Com a ausência de luz, Odris se enfraqueceu. Soltou-se das garras mas não teve forças para voar. Despencou lá de cima, como um borrão de sombra, sem forma definida, que nem se podia distinguir na escuridão.

Milla caiu na estrada, a uns poucos trechos do abismo, mas o impacto foi sério. Tentou se levantar imediatamente, mas o vento era mais forte que ela e, portanto, o máximo que conseguiu foi ficar agachada. Podia ouvir os guinchos do Brocal à distância, mas não havia sinal de Odris por ali.

No entanto, podia sentir seu Espírito-Sombra. A ligação entre elas era forte. Milla tratou de recuperar o fôlego e tentou fixar a vista na direção de onde vinha a sensação.

Foi tomada por uma terrível sensação angustiante, acompanhada de um sentimento de fraqueza e náusea. Milla tentou de todas as formas definir o que sentia. Depois de algumas tentativas, compreendeu que Odris estava a uma grande distância, na estrada, e bem mais lá embaixo.

Sentiu também que o Espírito-Sombra não resistiria muito mais sem luz. Ela já estava se desvanecendo e, à medida que suas forças diminuía, o mesmo ocorria com Milla.

A Garota-do-Gelo fez um esforço para se pôr de pé e começou a descer pela estrada. O cheiro do Ghalt, a pedra derretida usada na estrada, estava bem forte. Ela inspirou aquele cheiro lamentando, por um momento, ter perdido sua máscara. Foi andando, então, a passos rápidos, bem mais depressa que quando havia subido por ali, junto com Tal.

Nesse ritmo, arriscava-se a cair mas, a cada respiração, sentia que Odris estava se extinguindo. Se Milla não chegasse logo onde ela estava para lhe dar um pouco de luz, o Espírito-Sombra morreria — e, pelo que podia sentir, ia levá-la consigo.

Aquilo não podia acontecer antes que tivesse transmitido as notícias às Matriarcas, pensou Milla.

Precisava chegar até as Matriarcas.

Milla sentiu uma nova onda de náusea e fraqueza, e estremeceu. A sensação era familiar, como se o sangue estivesse deixando seu corpo. Inconscientemente, pôs a mão na cicatriz do ferimento provocado pelo chifre do Merwin, como para fechar aquela ferida. Mas ela já havia sarado.

Com o semblante carregado, Milla apressou o passo, saltando por cima de pedras cobertas de neve e blocos de gelo irregulares. Simultaneamente, começou a fazer o décimo exercício da Respiração Rovkír, o Exercício Final. O Morto-Errante.

Aquele exercício era o último recurso e poucos Homens-do-Gelo sabiam fazê-lo. O Morto-Errante permitiria que ela continuasse a caminhar até ter cumprido sua tarefa, pouco importando o quão ferida ou esgotada estivesse.

Depois, morreria.

Imersa no décimo exercício, Milla sequer sentia os tombos, os escorregões, nem os pequenos cortes e machucados, e continuava correndo, a esmo, estrada abaixo. Havia apenas a respiração e a constante atração de Odris que, aos poucos, estava se acabando.

Antes de ver Milla, Odris sentiu a luz. Aquilo a trouxe de volta de algum lugar onde ela não tinha pensamentos ou sensações. Num momento, estava caindo, depois de ter se soltado das garras do Brocal. No momento seguinte, jazia esparramada na neve. Tão logo a Pedra-do-Sol chegou mais perto, Odris sentiu que recuperava sua forma. Como no movimento da maré, a carne-de-sombra voltava para ela, depois de ter se espalhado por vários trechos a seu redor.

Mas Milla não parou quando alcançou Odris. Fez uma pausa e baixou a mão. Odris segurou sua mão. O Espírito-Sombra mal teve tempo de gritar um ‘oi’ e Milla já estava correndo de novo, arrastando Odris consigo.

— Mais devagar — berrou Odris quando Milla caiu de uma grande pedra e quase despencou pela borda da estrada. — Você vai se machucar.

Milla não respondeu. Continuou correndo.

Odris ergueu o braço e virou o rosto de Milla para dar uma olhada. A garota tinha os olhos vidrados e havia, neles, uma estranha luz, reflexo da Pedra-do-Sol que brilhava intensamente em sua mão estendida.

— Não estou gostando disso — disse Odris, em tom queixoso. — O que você está fazendo?

Não obteve resposta mas, subitamente, os pensamentos de Milla ecoaram em sua cabeça.

Navio em ruínas e a Matriarca Mãe. O Navio em ruínas e a Matriarca Mãe.

Chegaram a um local onde a estrada fazia um zigzague. Ao invés de fazer a curva, que era bem fechada, Milla saltou pela borda e foi escorregando por uns trinta ou quarenta trechos em meio a neve, gelo e pedras.

— Não! Não! Não! — gritou Odris. Ela se afofou, ergueu Milla e, assim a garota foi deslizando, em vez de rolar pelo penhasco. Mas isso só serviu para encorajá-la. Saiu novamente da estrada e lançou-se no ar para chegar direto ao pé da montanha.

— Pare! — uivou Odris, enquanto se espalhava para planar melhor e se erguer, lutando com todas as suas forças contra os ventos que ameaçavam arremessá-las de encontro ao flanco da montanha. — Uau! Milla!

O Navio em ruínas e a Matriarca Mãe...

Tal e o Corvo estavam de pé na estreita passarela, lá no alto, do lado de fora do Castelo. Adras ficou voando acima de Tal e, acima dele, agigantava-se a imensa Torre Vermelha. Fachos de luz, nas mais variadas tonalidades de vermelho, saíam por suas diversas janelas e outras aberturas, traçando um desenho complexo no céu. Por trás desta Torre, estavam as outras seis, todas elas mais altas e também lançando luz na escuridão.

Abaixo deles, outras luzes cintilavam no corpo principal do Castelo. Mas nem mesmo todas essas luzes podiam competir com a escuridão essencial do mundo a sua frente. O Véu compacto pairava sobre o mundo, e a luz das Sete Torres e do Castelo não ia muito longe.

— Não imaginava que fosse tão frio — sussurrou o Corvo fitando a escuridão. — Nem tão...

Sua voz se extinguiu. Depois, com evidente esforço, desviou os olhos, dirigindo-os para a Torre Vermelha que teriam de escalar.

Como Tal já tinha descoberto antes, havia várias pontas de ferro, gárgulas e estranhos ornamentos que podiam ser usados para apoiar as mãos e os pés. Mesmo assim, a escalada não era fácil, e seria impossível se eles não estivessem protegidos do frio.

Tal se concentrou na Pedra-do-Sol e, em pouco tempo, ela estava emitindo calor que percorreu seus braços e, depois, todo o seu corpo.

— Você tem uma Pedra-do-Sol — disse Tal cautelosamente. Ainda não sabia ao certo se achava uma boa idéia um Inferior possuir uma Pedra-do-Sol. — Sabe como se aquecer com ela?

— Sei mais que isso — respondeu o Corvo. Sacou a faca e fez saltar a fina capa que cobria o seu cabo, revelando a Pedra-do-Sol que havia ali. Concentrou-se nela por um momento e Tal viu a pedra brilhar em resposta.

— Ah — disse o Corvo. — Assim é melhor. Você quer ir na frente, ou vou eu?

— Vá você — respondeu Tal, cauteloso. — Levaremos umas poucas horas para chegar até o Véu. Cuidado com as janelas. Algumas delas estão abertas e pode haver Espíritos-Sombra ali.

Tal sabia muito bem o perigo que isso representava. Lembrava-se perfeitamente da primeira vez que escalara a Torre, quando seu irmão, Gref, foi apanhado exatamente através de uma dessas janelas.

Aquilo parecia ter acontecido há muito tempo e, no entanto, só tinham se passado umas seis semanas. Naquele dia, toda a sua vida tinha mudado, e não de uma maneira positiva. Tomara que essa escalada representasse uma mudança para melhor.

Agora, tinha ao menos uma Pedra-do-Sol, pensou Tal. Olhou para Adras, planando sobre sua cabeça. E tinha também seu próprio Espírito-Sombra.

Mais uma vez, lembrou-se da primeira escalada. Era possível que o Espírito-Sombra que o atirara Torre abaixo ainda estivesse lá, embora pudesse, com um pouco de sorte, estar tomando conta do corpo de seu amo enquanto ele, ou ela, estivesse em Aenir.

O Guardiã, como ele mesmo dissera.

O Corvo começou a subir, erguendo-se com facilidade até as costas largas da primeira gárgula. Tal o deixou adiantar-se um pouco enquanto pensava no Guardiã. Talvez fosse uma sombra independente...

— Você não vem? — perguntou o Corvo. Ele já estava uns bons vinte trechos mais acima.

— Vou! — gritou Tal. Começou a subir e, então, parou e disse baixinho a Adras:

— Adras. Fique de olho, e não deixe de me segurar se eu escorregar.

— Claro — respondeu Adras. — E o Fulano, ali? Pego ele também?

Tal hesitou.

— Claro — disse ele, finalmente. — Mas não deixe de me salvar primeiro.

A subida estava sendo mais rápida que da outra vez. O Corvo era ágil e o próprio Tal sentia-se mais forte e mais confiante. Levaram apenas uma hora para chegar até o Véu.

Tal estava prestes a gritar para que o Corvo parasse, para evitar que o rapaz ultrapassasse a espessa camada da mais completa escuridão. Mas o Corvo parou por conta própria. Ficou agachado na cabeça de uma gárgula, erguendo a mão lentamente para vê-la desaparecer no Véu. Com o braço aparentemente amputado, tentava fazer a luz de sua Pedra-do-Sol brilhar acima do Véu, mas a luz simplesmente estancava ao encontrar a barreira de trevas.

— É estranho — disse o Corvo. Não pôde conter um estremecimento quando tirou a mão dali. — O que tem acima disso?

— O sol — disse Tal. — Pode haver também um Espírito-Sombra. Dos grandes. Ele diz ser o Guardiã.

— Ele falou com você? — perguntou o Corvo. — Isso não é comum, é?

— Não — respondeu Tal. Mas não disse que desconfiava que o Guardiã fosse uma sombra independente.

— Então, como se atravessa o Véu? Há algum segredo... algum segredo de Escolhido para fazer isso?

Mal pôde disfarçar o desprezo em sua voz quando disse a palavra "Escolhido".

— Não que eu saiba — respondeu Tal. — Apenas, vá bem depressa. Vou na frente, se você preferir.

— Boa idéia — respondeu o Corvo. — Você pode também enfrentar esse Guardiã. Não me importo de ficar olhando.

— Com sua ajuda, espero eu — disse Tal, prontamente. — Estamos nisso juntos.

Como sempre, não conseguia saber o que o Corvo pretendia. Será que estava brincando?

— Adras, é melhor você ficar perto de mim — ordenou Tal ao se aproximar das bordas do Véu. — Agarre meu cinturão e segure-se bem. É provável que... você não goste do interior do Véu.

— Por quê? — perguntou Adras. Veio se chegando e enganchou dois dedos fofos no cinturão azul de Tal.

— Ele é feito da mais completa escuridão — disse Tal. — É tão escuro que a gente fica achando que nunca mais vai voltar a ver luz.

Adras ficou quieto. Tal podia senti-lo lutando com a noção de escuridão absoluta. Era evidente que aquilo estava além de sua imaginação.

— Espere um ou dois minutos e, então, siga-me — disse Tal dirigindo-se ao Corvo. — Suba o mais depressa que puder. Respirar fundo antes de começar pode ajudar.

— Por quê? — perguntou o Corvo.

— Da última vez, fiquei sem fôlego — explicou Tal. — Não sei ao certo se é possível respirar dentro do Véu.

O Corvo ergueu uma sobrancelha, como se, na verdade, não acreditasse em Tal. Mas não disse nada.

Tal chegou ao Véu e viu suas mãos desaparecerem. Por um segundo, teve a sensação de que elas tinham desaparecido de verdade. Flexionou os dedos, em resposta, e sentiu algo em que podia agarrar-se.

— Segure firme! — disse ele. Fez, então, uma inspiração profunda e ergueu o corpo.

Para dentro do Véu. Para dentro da escuridão.

A descida da Montanha da Luz era longa. Odris continuou gritando e berrando montanha abaixo, lutando freneticamente para evitar rajadas fatais ou súbitas pedras do caminho.

Enfim, chegaram ao pé da montanha, abrindo, na neve, um profundo sulco de pelo menos vinte trechos.

Milla ergueu-se imediatamente para recomeçar a correr, mas Odris foi mais rápida e conseguiu detê-la.

— Para que tanta pressa, Milla?

A garota não respondeu. Começou a arrastar Odris pela neve.

— Milla! — chamou Odris, tentando de novo e, desta feita, estendendo a mão para esbofetear Milla.

— Solte-me — disse Milla, com uma voz estranhamente apática. Mas não parou de arrastar o Espírito-Sombra. — Preciso ir para o Navio em ruínas.

— Tem algo errado com você. Ah, se tem! — respondeu Odris. Continuou segurando a garota e virou de novo o seu rosto. A respiração de Milla estava muito esquisita, e suas narinas fremiam, de um jeito curiosamente hipnótico.

Odris já ia apertar o nariz de Milla com os dedos quando alguém gritou o nome da garota.

— Milla!

Odris recuou bruscamente, fingindo ser uma sombra natural, mas era tarde demais. Um Homem-do-Gelo estava de pé, na neve, a pouco mais de dez trechos de distância, já tirando os esquís e com a faca em punho.

— Coisa abominável!

De um salto, o Homem-do-Gelo se aproximou de Milla e a faca reluziu em sua garganta. Mas Milla se esquivou e a faca deslizou para seu ombro, cortando as roupas e a pele por baixo delas.

— Aqui! — gritou o Homem-do-Gelo. Foi então que Odris percebeu que era uma mulher. Através de sua ligação mental com Milla, sentiu que um nome a florava à sua consciência.

Arla. Guerreira Mãe.

Ouviram-se outros gritos na escuridão, não muito longe.

Arla voltou à carga, mas a menina aparou o golpe e atirou Arla por sobre o ombro. A Guerreira Mãe deu uma cambalhota no ar e caiu de pé, virando-se para aparar o ataque de Milla.

— Preciso chegar ao Navio, às Matriarcas — disse Milla com aquela estranha voz apática. — O Navio em ruínas, a Matriarca Mãe.

— Nunca! — dardejou Arla. — Escrava-das-sombras!

Investiram, uma contra a outra, e houve nova troca de golpes, bem rápida. Milla foi atingida outra vez, na coxa, mas não teve qualquer reação. Quando Arla se virou para atacar novamente, Odris viu que a Guerreira Mãe tinha um corte no rosto, onde um golpe fizera saltar sua máscara.

— Pare! — tropeçou Odris. Precipitou-se até elas e agarrou Arla com uma mão, e Milla com a outra, ambas pelo pescoço. — Há algo errado com Milla. Ela está precisando de ajuda, e não de ser morta.

— Aqui! — gritou Arla de novo. Coisas abomináveis!

Milla não disse nada, mas fez um gesto brusco com a mão esquerda, que eslava supostamente vazia. Só que aquela estranha unha que estava usando surgiu subitamente e perfurou a armadura e as peles de Arla.

Arla sufocou no meio do grito. Odris a soltou e arrastou Milla para trás.

A Donzela Guerreira tentou avançar, cambaleando, com a faca em punho. Só conseguiu dar três ou quatro passos, e caiu. De seu corpo, escorria um sangue escuro que se destacava na brancura da neve.

— Aqui! — gritou Odris, numa imitação bem razoável da voz de Arla. Então soltou Milla e a garota saiu correndo imediatamente.

Odris foi atrás dela, torcendo as mãos-de-sombra na maior aflição. A mente de Milla parecia ter sido afetada pelo frio ou pela escuridão. Ainda estava lá, pelo que Odris podia perceber, mas inteiramente obstruída por aquela espessa camada de pensamento que ficava repetindo e repetindo a mesma coisa, indefinidamente.

O Navio em ruínas e a Matriarca Mãe.

Outra Donzela Guerreira surgiu da escuridão, correndo na direção de Milla. Odris se adiantou e a afastou, aos tapas, antes que Milla fizesse algo pior.

A Donzela Guerreira gritou algumas palavras que Odris não entendeu, e o grito repercutiu por todo lado, na escuridão. Odris viu e sentiu alguns focos de uma luz fraca em toda parte e, depois, houve uma súbita explosão de minúsculas luzes esverdeadas que subiam pelos ares. Teria sido um belo espetáculo se não fosse, evidentemente, um sinal.

Momentos depois, ouviu-se o som de uma trompa, soprada em tom de urgência, como se fosse caso de vida ou morte. Um alarme.

Ainda assim, Milla continuava correndo, escolhendo sempre a neve mais empedrada ou o gelo mais acidentado. Ela parecia deslizar pelo chão, levando consigo a intensa luz dourada de sua Pedra-do-Sol e, a seu lado, seu Espírito-Sombra que voava, tendo a forma e o tamanho de um Pastor de Tempestades. As Donzelas Guerreiras e a Guerreira Mãe que acorreram, vindas do Navio em ruínas, em resposta ao alarme lançado, viram-na descer a colina, correndo sem parar. Mas não foi Milla que elas viram. Foi um monstro, empapado de sangue e de uma palidez fantasmagórica, com uma besta de sombra escura por companhia.

— Preparar lanças! — gritou a Guerreira Mãe que estava no comando. — Parem! Alto!

Milla se aproximou. Odris gritava, pedindo-lhe que parasse, mas seus gritos só as faziam parecer mais terríveis e perigosas.

— Parem! — berrou a Guerreira Mãe. Nesse instante, quando a luz da Pedra-do-Sol de Milla se espalhou pela primeira fileira de Donzelas Guerreiras, a líder do grupo deixou cair o braço e gritou:

— Atirar!

A escuridão esmagadora, de tirar o fôlego, pressionava Tal. O menino a enfrentou, lutando para subir, para encontrar um outro ponto de apoio e conseguir chegar até a luz.

Bem a tempo, lembrou-se de fechar os olhos; do contrário, ficaria ofuscado quando irrompesse do outro lado. Houve apenas uma nesga de cor, muito bem-vinda, sob suas pálpebras e o súbito calor em seu rosto.

Devagarinho, Tal entreabriu os olhos e saiu inteiramente do Véu, encarapitando-se num longo mastro de bronze fincado na muralha.

Adras ainda segurava seu cinturão. Chegando ao sol, o Espírito-Sombra arquejou, surpreso, e se esticou todo, deliciando-se com aquela súbita energia.

— Estava sentindo falta do sol e do céu — trovejou ele, alto demais para o gosto de Tal. — Olhe, há nuvens!

De fato, havia muitas nuvens. O pôr-do-sol se aproximava e o sol, baixo e vermelho, brilhava através de uma compacta faixa de nuvens no horizonte.

Tal não ficou muito tempo olhando para as nuvens. Estava muito mais preocupado em esquadrihar a Torre lá em cima. Não havia mais gárgulas ou outros ornamentos de pedra, apenas longas varas de bronze e as redes douradas que delas pendiam. Estas redes continham Pedras-do-Sol recém-colhidas, jóias de Aenir que, lentamente, absorveriam poder e luz acima do Véu.

Hoje, Tal não estava interessado nelas. Procurava o Guardião.

Havia uma varanda não muito acima. Foi lá que viu o Guardião, da outra vez. Agora, porém, ela estava vazia. Tampouco havia qualquer sinal de movimento no passadiço que ficava ainda mais alto.

Tal voltou a olhar o Véu. Era estranho vê-lo estender-se de um lado a outro do céu. Parecia sólido, como um solo escuro do qual brotava a Torre Vermelha. Quem não soubesse do que se tratava nunca desconfiaria que, ali debaixo, havia um mundo inteiro.

Nesse instante, uma mão atravessou o Véu, com os dedos buscando freneticamente algo em que se segurar. Tal deu um pulo, de susto. A seguir, surgiu um outro braço, que parecia não pertencer a nenhum corpo, e, atrás dele, veio a cabeça do Corvo.

Ele tinha os olhos esbugalhados. Tal esquecera de alertá-lo sobre o sol.

O Corvo gritou e cobriu o rosto com um dos braços. A outra mão se soltou. Desesperadamente, seus dedos tentavam voltar a se firmar enquanto seu corpo oscilou para trás.

Tal se esticou todo e conseguiu segurá-lo pelo pulso, e, em pânico, o Corvo se agarrou a ele com uma força impressionante.

Tarde demais. O Corvo já tinha perdido o equilíbrio, e caiu para trás. Tal o soltou, ele próprio em pânico, mas o Corvo continuou agarrado a ele.

A mão com que Tal se segurava começou a escorregar e se soltou.

Juntos, caíram no Véu no exato instante em que Tal erguia o outro braço, gritando por Adras.

Só ficaram uma fração de segundo na escuridão. Tal sentiu que Adras agarrava seu braço

com aquele jeito brusco, tão familiar, de lhe destrancar os ombros. E viu-se de volta à luz. O Corvo veio junto, quase arrancando seu outro braço, até que Adras se abaixou para erguê-lo também.

Ambos abraçaram-se ao mastro de bronze como se fosse um amigo que não viam há muito tempo. Durante alguns segundos, nenhum deles conseguiu dizer nada.

— Você devia ter me avisado! — disse o Corvo, entre dentes. Continuava apertando os olhos por causa do sol. — É tão claro!

— É o pôr-do-sol — murmurou Tal, à guisa de desculpa. — A claridade nem é tão forte assim. Além disso, eu lhe disse que havia sol aqui em cima.

O Corvo resmungou algo, furioso, mas Tal não conseguiu entender. Estava de olho no rapaz. Milla, pelo menos, era previsível nesse tipo de situação, pensou ele. Não tinha a menor idéia do que estaria passando pela cabeça do Corvo.

— Bom — disse ele, afinal. — Vamos considerar que estamos quites, não é?

— Como, quites? — perguntou Tal, atônito.

O Corvo o fitou com desprezo.

— Não se faça de bobo. Como você ficou sabendo? Foi Ebbitt?

— Não sei do que você está falando — disse Tal.

— É claro — grunhiu o Corvo. — Seja como for. Daqui para a frente, vamos nos limitar a ajudar um ao outro, está bem?

— Eu achava que era o que estávamos fazendo. É o que pretendo fazer.

O Corvo voltou a grunhir. Com todo cuidado, mantendo uma das mãos bem firme no mastro, protegeu os olhos e olhou para cima.

Tal fez o mesmo e soltou um gemido. Sem dúvida alguma, lá estava o Guardiã, esgueirando-se por aquela varanda.

Tal ainda não conseguira descobrir que criatura ele era em Aenir. O Guardiã tinha uma cabeça enorme e grotesca, com muitos olhos, e uma boca imensa cheia de centenas de dentes finos que mais pareciam agulhas. O corpo longo e sinuoso, como o de uma cobra, estava enrolado por trás daquela cabeça horrível.

Era maior que Adras.

— Não procure os segredos do sol — cantarolou o Espírito-Sombra deslizando por sobre a mureta.

Sua voz era aguda e estridente, terrível de se ouvir.

— Eu sou o Guardiã, e ninguém pode passar por aqui, a não ser aqueles que conheçam a Senha.

Tal ficou olhando para ele, esperando que a qualquer momento fosse entrar em pânico, como da outra vez que encontrara o Guardiã. Mas, para sua grande surpresa, percebeu que estava bem calmo. Sua mão já estava se erguendo, e a Pedra-do-Sol começava a emitir luz vermelha enquanto, instintivamente, ele preparava um Raio Vermelho da Destruição.

— Saia da frente, Adras! — ordenou Tal, e sua voz firme foi outra surpresa. — Corvo, se há algo que você possa fazer, faça!

— Preciso chegar perto o bastante — disse o Corvo. Ele estava tirando algo do bolso que havia em seu cinto, mas Tal, que estava absolutamente concentrado no Guardiã, não viu o que era.

O Guardiã pulou para a haste de bronze que ficava logo acima deles, enroscando-se todo enquanto erguia a cabeça para dar um novo salto — exatamente em cima de Tal.

Tal continuou concentrado na Pedra-do-Sol. Abasteceu-a de furor e raiva, e o raio foi ficando mais intenso e mais forte, redemoinhando nas profundezas da pedra.

Quando o Guardiã abriu a imensa boca e preparou-se para saltar, Tal esticou a mão para a frente e liberou todo aquele poder que estava contido na Pedra-do-Sol.

Ela disparou um Raio Vermelho tão brilhante que nem se podia olhar para ele, uma fina lança de luz que varou a cabeça do Guardiã. Jorraram gotas de sombra da parte posterior de sua cabeça. Ele gritou e voltou a se enrascar de dor e de surpresa.

O alívio de Tal se extinguiu assim que ele viu as partículas de sombra baterem na haste de bronze e nas paredes da Torre, e voarem de volta para o Guardiã. Em poucos segundos, o buraco aberto pelo Raio Vermelho se fechara, e o Guardiã estava novamente se preparando para saltar.

— Ninguém deve passar por aqui! — sibilou o Guardiã.

— Você pode impedi-lo de se mover? — gritou o Corvo. Não era preciso gritar, mas Tal percebeu por que ele o fazia.

— Não... posso... não sei — gritou Tal, em resposta. — Adras, agarre aquela coisa.

Adras não esperou segunda ordem. Trovejou um grito de guerra e mandou dois relâmpagos-de-sombra na direção do Guardiã. Voaram mais gotas de sombra, e, num instante, Adras estava sobre ele, imobilizando-o num abraço de urso com seus braços possantes. No entanto, o corpo de serpente foi rápido o bastante para envolvê-lo e Adras grunhiu quando a coisa começou a apertar.

A criatura também baixou a cabeça e mordeu o ombro de Adras. O Pastor de Tempestades soltou um uivo, apertou com mais força ainda, e mordeu também.

— Ele ainda está se mexendo demais! — gritou o Corvo. Ele estava chegando à haste de bronze e pretendia subir até a seguinte, onde os dois Espiritos-Sombra lutavam e se mordiam. Na mão esquerda, segurava um estranho saquinho prateado.

Tal fitou sua Pedra-do-Sol. Tinha de haver algum jeito de imobilizar o Guardiã. Uma variação da Mão de Luz. Uma corda. Alguma coisa! Qualquer coisa!

Quando as lanças cruzaram o ar, Odris saltou sobre Milla, agarrou-a e saiu planando com ela a apenas meio trecho da neve. As lanças passaram sobre sua cabeça. Curvada sobre Milla, Odris investiu contra o pelotão de Donzelas Guerreiras. Ao atravessarem aquela linha, facas atingiram o Espírito-Sombra mas simplesmente afundaram na carne-de-sombra e voltaram a sair.

Odris seguiu em frente. Lá adiante, agigantava-se uma enorme muralha de metal dourado, parte de alguma gigantesca estrutura que desaparecia na escuridão. Havia uma entrada, na lateral, rodeada de luzes esverdeadas difusas.

— O Navio em ruínas, o Navio em ruínas — repetia Milla. Odris compreendeu que aquela casa de metal era o alvo da garota. Talvez ela voltasse a si quando chegassem lá.

Se chegassem. Odris sentiu que várias lanças a atingiam pelas costas, algumas delas atravessando seu corpo a ponto de, pelo menos, arranhar Milla. No entanto, a Garota-do-Gelo nem reclamou.

Odris continuou planando, o mais rente possível do chão, roçando-o até, às vezes, com o corpo de Milla. Perto da porta, alçou-se ao ar, soltou Milla e virou-se para enfrentar suas perseguidoras.

Não vieram mais lanças. Trinta Donzelas Guerreiras, ou mais, sacaram longas facas e avançaram no mais completo silêncio.

Odris se ergueu até atingir seu tamanho normal e relâmpagos-de-sombra começaram a se formar em suas mãos. Estava prestes a dispará-los quando ouviu uma voz, vinda de trás, gritando uma rápida série de palavras estranhamente familiares, seguidas da ordem "Parem!".

As Donzelas Guerreiras pararam. Odris ia lançar os relâmpagos-de-sombra, mas estava incapaz de se mover. O que quer que significassem aquelas palavras, tinham produzido algum efeito sobre a sombra que havia em seu coração, a sombra de Milla. Ela tinha se esticado toda e entorpecido os músculos da Pastora de Tempestades.

Odris sequer podia se virar para ver quem havia falado. Agora, tudo o que conseguia ouvir era a voz de Milla. De repente, ela tinha começado a balbuciar coisas a respeito dos Aeniranos, do Véu, de Sushin, de Odris e Adras, mas tudo era muito confuso e não fazia sentido.

A voz voltou a falar.

— Libbe! Procure a Matriarca Dalim e peça-lhe que venha depressa trazendo os seus remédios. Breg, procure a Mãe e peça-lhe uma garrafa-de-sombra. Rápido!

Odris continuava tentando se virar. Podia sentir que a sombra dentro de si voltara a dormir, ou seja lá o que fosse aquilo que fazia habitualmente, e ela estava recuperando o autocontrole. Lentamente, começou a se virar.

Uma mulher de olhos prateados embalava Milla, com uma das mãos firmemente apoiada no coração da garota. Quando Odris se virou, a mulher a fitou e apressou-se em dizer as mesmas palavras de novo.

Desta vez, o efeito foi menor. Odris sentiu a sombra se remexendo dentro de si, mas não conseguindo dominá-la. Virou-se e deu um passo à frente.

Uma faca luziu na outra mão da mulher. Uma versão menor da espada de chifre de Merwin

que Milla perdeu quando feriu Sushin.

— Não se aproxime, sombra — ordenou a mulher. — Você não pode possuir essa menina.

Odris suspirou e sentou-se.

— Não quero possuí-la — disse ela.

A mulher teve um sobressalto, e ouviram-se exclamações abafadas vindas das Donzelas Guerreiras.

À exceção das que tinham saído correndo, elas continuavam ali, como mandara a mulher, formando um círculo em torno de Odris, todas a pelo menos trinta trechos de distância.

— Você fala — disse a mulher. — Há muito tempo não víamos uma sombra que fala.

— Milla está bem? — perguntou Odris. — Acho que ela está meio doente, e tem agido de maneira muito estranha.

— Milla? — perguntou a mulher, baixando os olhos. — Se esse é o seu nome, ela se aprofundou demais no décimo exercício. Não sei como tirá-la desse estado. E se não conseguirmos fazer isso, ela vai morrer.

— Não quero que ela morra! — gemeu Odris. — O que vai ser de mim?

O Espírito-Sombra começou a chorar e imensas lágrimas de sombra desciam de seus olhos para formar pontos negros sobre a neve.

— Cuidado com as artimanhas das sombras — murmurou a mulher. — Lemel, é melhor você ir chamar a Matriarca Mãe, e não precisamos apenas de uma garrafa-de-sombra.

— Não é necessário — disse uma voz suave e tranqüila. — Estou aqui.

Quem disse isso foi uma mulher velhíssima. Odris viu que seus olhos eram estranhamente leitosos. Ela veio se aproximando, confiante, e fez uma pausa para olhar para Milla. Uma outra Matriarca, mais jovem e de olhos menos brilhantes que os daquela que segurava a faca, vinha logo atrás. Encaminhou-se diretamente para Milla, tirou algo da bolsa que trazia e esmagou aquilo bem debaixo do nariz da garota.

— Ah, imaginei que fosse Milla — disse a Matriarca Mãe. — E estou vendo que ela conseguiu uma Pedra-do-Sol.

— Ela estava dizendo coisas estranhas — disse a primeira das Matriarcas. — Coisas que ela se impôs relatar, viva ou morta. Registrei tudo.

— Então, vou ouvi-las, quando chegar a hora — disse a Matriarca Mãe. — Ela pode ser salva?

— Se você assim o desejar — disse a Matriarca mais jovem. — Ela está na bifurcação dos caminhos.

— Traga-a de volta — determinou a Matriarca Mãe. — Acho que vou querer mais que umas poucas palavras. E quanto a você, Sombra-que-fala, qual é o seu nome e de que espécie você é?

— Chamo-me Odris, sou uma Pastora de Tempestades que ficava na Colina Hrigga — disse Odris. — Quem é você?

— Sou a Matriarca Mãe do Navio em ruínas — disse a anciã. — Sou a Sabedoria de Danir, a Espada Viva de Asteyr.

— Oh! — disse Odris, levantando-se e fazendo uma mesura.

— Nenhum Aenirano tem permissão para vir ao Mundo das Trevas, segundo a antiga lei de Danir — prosseguiu a Matriarca. — Quem lhe deu o direito de vir até aqui?

— Vim com Milla — explicou Odris. — Ela queria lhe contar sobre o Vêu, que está ameaçado, e as Grandes Pedras que estão sendo violadas, e...

— Pare! — ordenou a Matriarca Mãe. — Falaremos disso com a própria Milla. Repito a pergunta: Quem lhe deu o direito de vir até aqui?

— Não sei — respondeu Odris, arrasada. — Eu só queria me livrar da Colina e, então, tive de seguir Milla.

— Você deve ser levada a julgamento — disse a Matriarca Mãe. — Vai para a prisão voluntariamente, ou terei de obrigá-la?

Odris olhou a seu redor. Provavelmente, as Donzelas Guerreiras não podiam feri-la, embora houvesse essa Matriarca com a face luminosa. Além disso, ela parecia ter muita certeza de que Odris podia ser forçada a obedecer-lhe.

— Farei o que a senhora quiser, com uma condição — respondeu Odris.

— Não aceitamos condições — disse a Matriarca Mãe. — No entanto, você pode dizer o que deseja. Afinal, talvez isso não seja uma condição.

— Quero que a Senhora impeça Milla de se lançar ao Gelo.

A Matriarca Mãe baixou os olhos na direção de Milla. Agora, a garota parecia simplesmente adormecida, respirando normalmente, enquanto a Matriarca mais jovem limpava e enfaixava seus ferimentos.

— Não podemos prometer isso — disse ela. — Ir para o Gelo é um direito de todo o nosso povo. Ademais, Milla também deve ser julgada. Talvez nossa decisão seja justamente que ela deva se lançar ao Gelo.

Odris franziu as sobrancelhas e se alçou ao céu. Mas sabia que não podia se afastar muito de Milla. E, mesmo que conseguisse romper essa ligação, não havia luz nesse mundo onde estavam. Iria simplesmente se extinguir.

Não parecia haver outra alternativa.

— O que é essa prisão? — perguntou ela. — E o julgamento? Terei o direito de me explicar?

— Sim, você poderá falar — disse a Matriarca Mãe. — E aqui está a prisão.

Tirou de um dos bolsos de suas vestes uma garrafa comprida, de metal dourado, e desatarraxou a tampa.

— Não posso entrar aí — disse Odris. — É pequeno demais.

— Creio que você vai ter uma surpresa — replicou a Matriarca Mãe. — Não quer tentar?

Odris sentiu um estranho poder na voz daquela velha. Um poder que ia se solidificando, como se da próxima vez que ela falasse, suas palavras fossem ser disparadas como os Pastores de Tempestades faziam com os relâmpagos.

— Oh, tudo bem! — disse Odris.

A Matriarca Mãe estendeu a garrafa. Odris formou duas pernas e veio descendo, cabisbaixa, derrotada.

— Tem certeza que é grande o bastante?

A Matriarca Mãe assentiu. Odris enfiou um dedo, depois, outro. De repente, a mão inteira já estava lá dentro, e o braço. Logo, logo, todo o resto de seu corpo havia sido sugado para a garrafa, como se ela tivesse sido apanhada por um furacão.

Estranhamente, Odris não se sentiu confinada. Havia até mesmo alguma luz, vinda de fora, e, portanto, não se sentiu mal. Mas, quando a tampa voltou a ser atarraxada, teve uma sensação esquisita. Havia, ali, vestígios de outras sombras, e vestígios bem antigos. Sombras que nunca tinham sido libertadas, que ficaram ali dentro até se extinguirem completamente...

Tal se concentrou na Pedra-do-Sol, desejando luz laranja. À distância, percebia Adras que gritava e praguejava, e o Guardião que sibilava, mas fechou a mente a tudo aquilo. A luz era a única coisa que importava.

Lentamente, foi fazendo com que brotasse luz laranja do anel. Ela surgiu como uma fita estreita e brilhante que foi engrossando à medida que ia crescendo. Tornou-se uma corda, tão larga quanto o braço de Tal. O menino continuou fazendo-a crescer até estar erguida a uma altura de vinte ou trinta trechos acima dele.

O suor banhava a testa de Tal enquanto ele se mantinha concentrado na extremidade da corda. Fez com que ela formasse uma laçada, e desse um nó correção. Depois, baixou suavemente aquele laço de luz até os Espíritos-Sombra que estavam lutando.

O laço ficou ali, pendente, sendo controlado pela mente de Tal e sua Pedra-do-Sol, enquanto o menino esperava a ocasião oportuna. Várias vezes Tal o baixou, mas não conseguiu completar a operação. Adras sempre se metia na frente.

— Não consigo prendê-lo — sussurrou Tal, depois de interromper sua quarta tentativa porque Adras recuou, ficando bem debaixo do laço.

— Adras! — urrou o Corvo. — Afaste-se!

Adras grunhiu. Por um segundo, não fez qualquer movimento. De repente, desfez o abraço, soltando o Guardião, e se afastou. No mesmo instante, Tal baixou o laço. Ele passou perfeitamente pela cabeça do Guardião. De imediato, Tal puxou a corda, apertando o nó de luz, e a corda penetrou profundamente na carne-de-sombra do Guardião. O menino enrolou, então, a corda no resto do corpo da criatura enquanto Adras, de um salto, pendurou o Espírito-Sombra no mastro de bronze.

— Depressa! Não consigo manter isso por muito tempo!

Era a oportunidade que o Corvo estava esperando. Pulou para o mastro mais alto e balançou o corpo na frente do Espírito-Sombra que se debatia. A bolsa que tinha na mão era feita de malha metálica, e ele a enfiou na cabeça do Guardião que lutava para se esquivar.

— Pode soltar! — gritou o Corvo.

— O quê? — berrou Tal. — Você está louco?

A cabeça do Guardião estava naquela estranha bolsa metálica, mas Tal não entendia como aquilo podia funcionar. Simplesmente, a criatura ia sair dali e liquidar o Corvo. Depois, mataria Tal e Adras.

— Solte a corda!

Tal abanou a cabeça. Mas o efeito foi praticamente o mesmo. Ele perdeu a concentração e a corda começou a se desmanchar. Tal olhou para Adras, preparando-se para fugir rapidamente.

Estranhamente, o Guardião não tirou a bolsa da cabeça. Pelo contrário, enfiou-se ainda mais lá dentro. O Corvo manteve a bolsa aberta até que o Espírito-Sombra tivesse entrado. Depois, apertou os cordões para fechá-la e a pendurou na ponta do mastro.

— Pena que era o último — disse ele, encarapitando-se no mastro e limpando as mãos como quem acabou de fazer um trabalho bem feito.

— Último o quê? — perguntou Tal, fitando a bolsa.

— Saco-de-sombra — respondeu o Corvo. — Só tínhamos três. Foi Jarnil quem os achou e trouxe para nós há alguns anos. Não sei onde. Ele não disse.

— Ele pode sair dali?

— Só se alguém o soltar. Alguém real. Sombras não podem tocar nesse metal. Você não sabia? Pensei que aprendesse isso tudo lá no seu Lectorium.

— Não — disse Tal. — Estou começando a me dar conta da quantidade de coisas que não me ensinaram no Lectorium.

— É melhor irmos — disse o Corvo. — Foi uma briga barulhenta.

E começou a subir para o mastro seguinte. Tal olhou para Adras.

— Você está bem?

— Ah! — trovejou Adras. — Eu ia ganhar. Ele é fraco.

— Acho que isso quer dizer que você está bem — disse Tal. Havia alguns buracos no ombro do Espírito-Sombra, mas não pareciam estar incomodando. Ademais, Tal sabia que os Espíritos-Sombra saravam bem depressa estando ao sol. — Venha.

Enquanto subiam, o Corvo parou para meter a mão nas redes e encher os bolsos de Pedras-do-Sol. No entanto, tinha apanhado só um punhado delas quando jogou tudo fora.

— Não são Pedras-do-Sol! — exclamou ele, furioso.

Tal se aproximou e pegou um punhado daquelas pedras. Elas eram ovaladas, de um negro brilhante, e tinham apenas um levíssimo vestígio de fogo interior.

— São sementes — disse ele, sem admitir para o Corvo que jamais as vira antes. — Jóias de Aenir. Devem ter recolhido as Pedras-do-Sol já prontas bem recentemente e, então, puseram essas sementes aqui para se desenvolverem.

— Eu e minha sorte! — resmungou o Corvo. — Tomara que a Grande Pedra ainda esteja lá.

Recomeçou a subir, ainda mais rápido que antes.

— Quem visse isso, pensaria que é uma corrida — queixou-se Tal. Ocorreu-lhe, então, que talvez fosse. Não sabia o que o Corvo pretendia de fato indo até lá, ou o que de fato aceitara fazer.

— Um pacto sem sangue não é um pacto — murmurou Tal. Alcançou o mastro seguinte e deu um impulso para subir. — Adras! Ajude aqui!

A subida até o topo da Torre era incrivelmente longa. O topo ficava quase tão longe do Véu quanto este ficava do Castelo. Com a ajuda de Adras, Tal acabou conseguindo alcançar o Corvo, mas a noite caiu antes que tivessem chegado à parte mais alta da Torre.

Ficaram tentados a entrar por uma das varandas ou passarelas, e prosseguir pela escada, mas a cautela prevaleceu. Ficaram, então, do lado de fora, com os mastros de bronze e as redes de trama dourada onde as sementes de Pedras-do-Sol estavam dispostas com todo cuidado. De vez em quando, o Corvo pegava um punhado delas, por via das dúvidas mas, até agora, não tinha encontrado nenhuma Pedra-do-Sol de verdade.

Finalmente, chegaram ao último mastro de bronze. A distância dali até o passadiço mais alto era mais ou menos a metade do tamanho de Tal. Podiam ver a flecha da Torre, não muito acima, cercada por uma coroa de estrelas distantes. Ainda havia luz, vinda lá de dentro, mas não

eram mais os brilhantes raios vermelhos que saíam das janelas mais baixas; era apenas uma tênue luminosidade rosada.

A Torre se afinava na parte mais alta, não tendo mais que quarenta trechos de diâmetro. Tal e o Corvo sentaram no mastro, à escuta, tentando perceber se havia algo no aposento lá em cima. Mas tudo o que ouviram foi o vento e o suave tilintar das sementes e das redes.

— Pode haver armadilhas — disse o Corvo. — É melhor eu dar uma olhada antes.

— É, pode, sim — disse Tal. — Armadilhas de Luz Mágica. É melhor irmos juntos.

O Corvo assentiu. Agachou-se no mastro, segurando-se com uma das mãos enquanto estendia a outra até o parapeito, mais acima, tomando o cuidado de pôr a mão entre as saliências pontiagudas. Tal começou a subir, perto dele, e teve de se esticar mais para buscar apoio. Adras estava pairando junto dele e estendeu-lhe uma mão firme.

O Corvo pulou. Um instante depois, Tal o seguiu.

Tal e o Corvo chegaram juntos ao passadiço. Ambos tinham arranhões provocados pelos ferros pontiagudos do parapeito, mas nada de mais sério. Com todo cuidado, pisaram bem na borda da estreita passagem, e olharam o interior do aposento que estava à sua frente.

O alto da Torre Vermelha consistia de um aposento abobadado, com quatro portas em arco, uma em cada ponto cardeal, que davam para o passadiço circular. O teto da peça era recoberto de um mosaico de minúsculas Pedras-do-Sol que brilhava como um filão de pedras preciosas na rocha. O piso era ladrilhado em vermelho e branco, mas não formava nenhum desenho regular e evidente.

Pendurada de cabeça para baixo, bem no meio daquele teto abobadado — ou, quem sabe, crescendo ali —, havia uma árvore de cristal vermelho. Seu tronco era reto e, por vários trechos, inteiramente nu, até se abrir numa copa frondosa que ocupava quase todo o aposento. Cada um dos ramos tinha um sino de prata na extremidade.

Tal ficou fitando aquela árvore, tentando descobrir para que serviria. Um estranho feixe de mãozinhas prateadas contornava a base do tronco, bem no centro do teto. Deviam ter alguma função... já que cada mão segurava um fio fininho que também estava preso ao tronco da árvore.

— O que é aquilo? — perguntou o Corvo. Falava baixo, apontando para a árvore.

— Não sei — sussurrou Tal. Sua atenção tinha sido atraída por alguma coisa que estava sob a árvore de cabeça para baixo.

No chão do aposento, havia uma base em forma de pirâmide, de um vermelho mais escuro, que batia quase no peito de Tal. Sobre ela, havia duas mãos de prata e, entre elas, uma grande Pedra-do-Sol vibrando lentamente. Devia ser a Grande Pedra Vermelha.

— Não estou gostando nada desses sinos — disse o Corvo, estudando-os com o olho experiente de ladrão. — Nem das mãos de prata.

Foi então que ele viu a Grande Pedra. Adiantou-se e parou a apenas um passo da porta.

— Talvez você devesse mandar Adras entrar para pegá-la — sugeriu ele.

— Claro — disse Adras, antes que Tal pudesse falar. O Espírito-Sombra se adiantou mas, quando tentou passar pela arcada, a Grande Pedra brilhou e uma sólida lâmina de luz vermelha bateu, fechando a abertura como se fosse uma porta. Adras se chocou contra ela e recuou, com uma exclamação de surpresa.

Assim que ele recuou, a luz vermelha se desvaneceu e a Grande Pedra voltou a ficar quieta.

— Não é permitida a entrada de Espíritos-Sombra — disse Tal. — E deve haver ainda outros mecanismos de defesa.

Olhou de novo para a árvore e os ramos com sinos nas pontas, e, depois, voltou a olhar para o chão. Os ladrilhos vermelhos pareciam estar alinhados aos sinos que pendiam acima deles.

— Acho que os sinos tocam se alguém pisar no ladrilho errado — disse Tal lentamente, enquanto raciocinava.

— Talvez — disse o Corvo. — Vamos ver...

Chegou mais perto e pressionou levemente um ladrilho branco com o dedo. Não aconteceu

nada. Apertou um pouco mais forte. Nada.

— Agora, os vermelhos — disse ele, pondo o dedo ladrilho vermelho mais próximo.

Assim que tocou nele, uma das mãos de prata se contraiu levemente e o sino que estava naquela direção começou a tocar — um toque miúdo, hesitante.

— Então, os ladrilhos vermelhos fazem os sinos tocar — concluiu o Corvo.

Ambos olharam o chão, de lado a lado. A disposição dos ladrilhos parecia aleatória mas, agora, percebiam que seria quase impossível alcançar o pedestal. Pelo tamanho dos ladrilhos, não dava nem para apoiar o pé inteiro, e os vermelhos estavam inteligentemente distribuídos, de forma a ficarem mais concentrados à medida que iam se aproximando do pedestal, enquanto os brancos ficavam longe demais para alguém se esticar até lá.

— Deve haver um jeito de calar a árvore — disse o Corvo.

Tal deu de ombros.

— Palavras corretas, ou luz correta. Mas qualquer coisa errada fará todos eles funcionarem.

O Corvo ergueu os olhos para a árvore, baixou-os para o chão e, finalmente, olhou para Tal.

— Você é mais leve que eu — disse ele. — Acho que posso ficar aqui, nesses primeiros ladrilhos brancos, e levantar você até aquele galho. Tudo o que terá de fazer, então, é agarrar cada sino que eu possa fazer tocar.

— Só isso! — protestou Tal. Olhou desconfiado para a árvore de cristal. Se fosse como as do Bosque de Cristal, seria forte o bastante para que se pudesse subir nela. Mas também seria fácil cair dali, ou se cortar nos ramos mais finos.

— Tem alguma idéia melhor?

— Eu poderia tentar outra vez — disse Adras, que ainda estava passando a mão na cabeça.

— Não — disse Tal. — Não tenho nenhuma idéia melhor.

Mesmo sem ter uma idéia melhor, eles deram a volta no passadiço e experimentaram as outras portas, procurando alguma diferença na árvore, ou no chão, que lhes permitisse passar com mais facilidade.

Mas não havia diferença alguma. Tal, o Corvo e Adras voltaram, então, para a arcada oeste. O sol já tinha se posto inteiramente, mas o passadiço era iluminado pela luz vermelha que vinha daquele aposento, passando pelos arcos.

A luz mais brilhante vinha da Grande Pedra Vermelha. Ela reluzia por entre as mãos de prata, sobre o pedestal, pulsando no ritmo estranho e inquietante de um coração humano.

Um coração que batesse bem mais devagar que o de Tal.

— Está pronto? — perguntou o Corvo.

Tal assentiu.

O Corvo se apoiou no arco e, depois, deu um passo atrás, erguendo a cabeça. Ficou na ponta dos pés e, mesmo assim, estava pisando quase na borda de um dos ladrilhos brancos.

Os dois rapazes prenderam a respiração. Mas nenhum sino tocou, e nenhuma luz se acendeu.

O Corvo recuou o outro pé. Por um instante, pareceu que ia perder o equilíbrio. Balançou o corpo mas voltou a se firmar e juntou as mãos para que Tal as utilizasse como um degrau.

Adras veio ajudá-lo, tomando cuidado para não se aproximar demais da porta.

Com a ajuda de Adras, que o segurava. Tal pôs o pé nas mãos do Corvo e se curvou para passar pelo arco. Adras continuava segurando sua camisa, pelas costas.

— Agora! — gritou Tal.

Adras soltou, o Corvo empurrou com as mãos e Tal saltou.

Saiu voando em direção ao teto e ao ramo mais próximo.

Ele parecia mais longe do que se imaginava vendo de fora.

Milla despertou num sonho. Sabia que era sonho porque estava num pé só, em cima do gurupés de um navio-do-gelo a toda velocidade, com o vento soprando em seu cabelo. A luz de uma Pedra-do-Sol se espalhava pelo gelo à sua frente, e o navio avançava aos trancos e barrancos, com os deslizadores se chocando contra o solo acidentado.

Logo ali, na frente, Milla podia ver uma grande massa agitada de Slepénishs que rompia o gelo. Pequenos icebergs surgiam e se estilhaçavam à medida que milhares e milhares de Slepénishs iam transformando o gelo em mar aberto.

O navio-do-gelo rumava diretamente para o buraco que se havia aberto, e para a destruição iminente. No entanto, ainda não era tarde demais para ele se desviar, contanto que fosse dado o alarme.

Milla tentou gritar, mas sua boca não produziu som algum. Tentou agitar os braços para alertar os outros, mas seus braços não se moviam.

Ela não se importava de encontrar seu fim na água gélida, mas não queria levar consigo um navio inteiro, repleto de indivíduos do seu povo. Nem em sonho.

Uma mão tocou seu ombro. Com ela, veio a liberdade. Milla se virou, encontrando o olhar prateado de uma Matriarca.

A Matriarca assentiu, com um movimento de cabeça.

— Cuidado! Água! — gritou Milla. — Desviar! Desviar!

Ainda estava gritando, tentando dar o alarme, quando acordou.

A mesma Matriarca que vira no sonho estava ali, a seu lado. Por detrás dela, Milla podia ver o brilho dourado das paredes metálicas do Navio em ruínas.

Tinha conseguido, e não estava morta. A Matriarca a trouxera de volta.

— Não tente se levantar — alertou a Matriarca. — Você foi longe demais no décimo exercício. Estará muito fraca por alguns dias.

— Preciso falar com a Matriarca Mãe — sussurrou Milla. — Sombras. Aenir. O Véu.

— Já sabemos — tranqüilizou-a a Matriarca. — Você me disse enquanto ainda estava sob o efeito do exercício. E penetramos em sua mente enquanto dormia.

Milla assentiu. Agora, estava tudo acabado. As Matriarcas sabiam o que precisavam saber.

A Matriarca balançou a cabeça.

— Você não deve ir para o Gelo. Ao menos, não por enquanto. Ames, tanto você quanto sua companheira de sombra devem ser julgadas. E isto, quando você estiver forte o bastante para arcar com o peso da sentença, seja ela qual for.

— Não há necessidade de julgamento — disse Milla, num fio de voz. — Perdi minha sombra. Trouve uma sombra independente do Castelo e... — Franziu as sobancelhas à medida que recordações indistintas começavam a afluir. — Eu lutei com as Donzelas Guerreiras?

— Lutou — disse a Matriarca calmamente.

— Arla... — sussurrou Milla. — Tenho uma vaga idéia...

— A Guerreira Mãe está morta — disse a Matriarca, sem meias-palavras. — Morreu com a faca na mão, como teria desejado. Se bem que ela talvez fosse excessivamente propensa ao uso da faca, em vez de recorrer às palavras.

— Eu... eu matei Arla?

A cabeça de Milla tombou para trás. Tinha apenas lampejos de recordações desde o momento em que saíra dos túneis de aquecimento. Agora, um fragmento estava claro em sua mente. A estranha unha que estava em sua mão atravessando o ventre de Arla.

— Não foi uma luta limpa — disse Milla, chocada. Ergueu a mão para mostrar a estranha unha de cristal violeta cravejada de Pedras-do-Sol. — Eu usei Magia dos Escolhidos.

A Matriarca abanou a cabeça.

— Vocês não estavam sendo submetidas a nenhuma prova. Por que, então, teria de ser uma luta limpa? Ademais, Arla era uma Guerreira Mãe, mais forte e mais experiente que você. E essa estranha unha não é Magia dos Escolhidos.

— O que é, então? — indagou Milla, com a voz rouca, quase sumida, enquanto lutava para continuar consciente.

— É nossa — disse a Matriarca. — Faz parte de um par feito para Danir há muito tempo. Ela ficou com uma, e deu a outra. Ambas se perderam há mais de dois mil circuitos.

Milla ouviu a voz da Matriarca que ia ficando cada vez mais longe. Tentou responder, mas não pôde. Desfaleceu, inteiramente inconsciente.

Quando voltou a si, havia três Matriarcas diferentes em seu quarto, e várias Donzelas Guerreiras.

— A Matriarca Mãe do Navio em ruínas determinou que você seja julgada — disse a mais velha delas, com seus olhos leitosos. — Está forte o bastante para enfrentar o seu destino, seja ele qual for?

Milla assentiu. Não estava conseguindo falar, nem encarar as Donzelas Guerreiras. Quando a menina se pôs de pé, vacilante, elas se agruparam mais, com as mãos no punho de suas facas.

— Siga-me — disse a Matriarca mais velha. Afastou as cortinas de pele e conduziu Milla para fora do quarto. As outras Matriarcas ficaram para trás mas duas Donzelas Guerreiras se postaram junto de Milla, uma de cada lado.

Avançavam lentamente. Milla jamais se sentira tão esgotada. Mal podia pôr um pé diante do outro mas, de alguma maneira, estava conseguindo ir em frente. As Donzelas Guerreiras paravam quando ela parava. Em momento algum, porém, nem elas nem as Matriarcas se ofereceram para ajudá-la.

Afinal, chegaram a uma ampla porta cujas cortinas já haviam sido abertas. As Matriarcas entraram por ela, juntamente com Milla. As Donzelas Guerreiras permaneceram do lado de fora. Fecharam as cortinas de pele assim que a última Matriarca entrou.

Durante todo o percurso, Milla mantivera os olhos fixos nos próprios pés. Agora, ergueu a cabeça, lentamente.

Estavam num imenso aposento, tão grande quando o Salão do Calculador. No entanto, esta sala estava quase vazia, uma ampla câmara com paredes, teto e chão de metal dourado reluzente. Não havia Pedras-do-Sol ali, mas centenas de lamparinas de óleo de Selski acesas estavam dispostas em círculos concêntricos, em torno da única peça de mobiliário que se via em

todo o salão — uma cadeira alta, de osso claro, que ficava bem no meio da sala.

Milla foi levada até lá, e sentou-se. As duas Matriarcas mais jovens amarraram seus pulsos e tornozelos na cadeira, usando tiras de couro de Wreska. As correias estavam apertadas e os nós eram bem firmes.

Milla não opôs qualquer resistência.

As Matriarcas giraram, então, o anel em seu dedo para que ela não pudesse ver a Pedra-do-Sol, e afastaram-se, postando-se junto às paredes.

Milla ficou sentada em silêncio, esperando. Só, ela e três Matriarcas no imenso aposento silencioso.

Estava cansada demais para imaginar o que aconteceria em seguida. O que poderia acontecer? Ela trouxera uma sombra para o Navio em ruínas, e matara uma Guerreira Mãe. Provavelmente, invocariam a Prece de Asteyr e mandariam que ela se pusesse diante do Mar Vivo dos Selskis. Seu nome seria amaldiçoado, uma palavra desprezível, um lastro abominável que o Clã dos Caçadores teria de arrastar por muitos circuitos.

Desgraçara a si mesma, mas também a seu clã e a seu povo. Agora, até mesmo um fim um pouco mais digno, no Gelo, por opção própria, estava fora de seu alcance.

Milla fechou os olhos e deixou o queixo deslizar um pouco para a frente, numa pequena demonstração do desespero que sentia.

Ouviu, então, a cortina se abrir e voltou a erguer a cabeça.

Eram Matriarcas que entravam. Muitas delas, mais do que Milla jamais havia visto. Várias Matriarcas, com o olhar azul-brilhante, das mais novas, e o olhar leitoso, das mais velhas, todas vestidas de preto. Espalharam-se pelo salão, ficando junto às paredes, e só se ouvia o arrastar de seus pés e de suas roupas.

Havia centenas de Matriarcas, como Milla pôde ver. De todos os clãs e navios. Talvez até a Matriarca do seu próprio clã estivesse ali.

Milla voltou a baixar a cabeça, envergonhada. Não queria ver a Matriarca que sempre depositara tantas esperanças nela.

Afinal, a Matriarca Mãe do Navio em ruínas entrou no salão. Enquanto todas as demais estavam encostadas nas paredes, ela atravessou a sala a passos largos, uma figura alta cuja sombra tremeluzia a seu lado à luz da lamparina.

Parou junto da cadeira, abriu a garrafa que trazia debaixo do braço e a pôs no chão, perto de Milla. Ficou de pé atrás da cadeira e ergueu os braços bem alto.

O silêncio era total, e todas as Matriarcas estavam imóveis.

E o silêncio continuou. Ninguém se movia. Milla prendeu a respiração.

Finalmente, a Matriarca Mãe começou a falar, com uma voz suave mas que ecoou pelo vasto aposento.

— Hoje, vamos decidir o destino de Milla, do Clã dos Caçadores, filha de Ylse, filha de Emor, filha de Rohen, filha de Cloyo, da linhagem de Danir desde a Ruína do Navio.

— Antes que o seu destino seja decidido — prosseguiu a Matriarca Mãe — devemos ouvir o que Milla, do Clã dos Caçadores, tem a nos dizer. Pois ela trouxe más notícias, e as notícias que ela trouxe devem pesar ao decidirmos sua sorte.

— O que... devo dizer? — perguntou Milla.

— Tudo — disse a Matriarca Mãe. — Comece por sua partida do Navio em ruínas, junto com o Escolhido Tal, em sua missão para conseguir uma Pedra-do-Sol. Conte-nos tudo.

Milla limpou a garganta e, lentamente, começou a falar. Relatou às Matriarcas ali reunidas a sua viagem até o Castelo, o esqueleto com a Pedra-do-Sol, o tio-avô Ebbitt e o ataque dos guardas, a Câmara dos Pesadelos, o Mausoléu, a ida para Aenir, os Pastores de Tempestades, Tal usando a Prece de Asteyr, como Odris ficou vinculada a ela enquanto ela estava inconsciente, o lago que propunha adivinhas, a Casa da Aurora, o lagarto Zicka, o navio de Asteyr, o Códex, Sushin e a espada de chifre de Merwin, as Grandes Pedras, a ameaça ao Véu... tudo isso veio saindo aos borbotões.

As Matriarcas ficaram ouvindo em silêncio, embora houvesse, por vezes, alguma comoção entre elas, como aconteceu quando Milla se referiu ao navio de Asteyr.

Ficaram ouvindo, com os estranhos olhos azuis, ou prateados, ou enevoados voltados para a garota. E depois de ouvirem, julgaram.

Tal temia que o sino começasse a tocar assim que ele encostasse na árvore. Mas isso não aconteceu. Passou uma perna por cima de um ramo e conseguiu erguer o corpo, dando graças por ser um galho de cristal roliço, sem pontas aguçadas.

— Aquele sino, ali — disse o Corvo, apontando para um ramo que ficava a mais ou menos um trecho.

Tal se equilibrou e se debruçou sobre o ramo onde estava. Correu a mão por ele, até alcançar o sino, e segurou o fio que o faria soar.

— Pronto — disse ele.

O Corvo assentiu e deu um salto. Seu pé caiu sobre um ladrilho branco, tocando parcialmente num vermelho. Assim que ele pisou ali, Tal sentiu o fio ser puxado em sua mão, mas segurou firme e o sino não tocou.

— Aquele lá — disse o Corvo, apontando novamente.

— Esse aqui vai tocar assim que eu o soltar — protestou Tal. Podia sentir que o fio estava tensionado. Quando olhou para cima, viu que a mão de prata da base da árvore ainda continuava a fazer o gesto de puxar.

— Dá para segurar os dois — garantiu o Corvo, sem se dar o trabalho de olhar.

Tal suspirou e avaliou a situação. Se conseguisse se esticar todo entre dois ramos, poderia segurar os dois sinos, a duras penas. Mas havia uma boa chance de cair dali.

— Você não pode ir por outro caminho? — perguntou.

— Não — disse o Corvo, que estava na ponta dos pés. — Depressa!

Tal fez uma careta e esticou bem a perna. Testou se seu pé estava bem apoiado e, depois, dividiu seu peso, sempre segurando o primeiro sino.

Conseguiu. Só que, agora, estava agarrado no primeiro sino muito mais para se equilibrar do que para impedi-lo de tocar. A posição era muito incômoda, mas dava para segurar o segundo sino, embora não o seu fio. Pôs, então, a mão por dentro do sino e segurou o badalo.

— Pode ir! — disse ele, ofegando.

O Corvo pulou novamente. Tal sentiu que o fio de um dos sinos e o badalo do outro estremeceram em suas mãos.

— Agora, aquele! — gritou o Corvo. Mas Tal não podia vê-lo. Estava virado para o lado errado e seu equilíbrio era precário.

— Não dá para ver — gritou Tal.

— Com mil Escuridões! — praguejou o Corvo. — Solte o primeiro sino e gire o corpo.

— Não posso! — disse Tal. — Vou cair.

— É o que dá confiar num Escolhido! — dardejou o Corvo. — Só faltam dois ladrilhos! Pendure-se no badalo daquele sino.

— Falar é fácil! — gritou Tal, furioso. Estava segurando o badalo do sino com três dedos, apenas.

O Corvo não respondeu.

Tal tentou virar a cabeça para poder ver o garoto da Resistência, mas não conseguiu.

Então, respirou fundo, soltou o fio e se deslocou de ambos os galhos, de forma que todo o seu peso ficou apoiado nos três dedos que agarravam, precariamente, o badalo de um sino.

Balançou o corpo, passou ambas as pernas para um ramo mais alto e parou, pendurado de cabeça para baixo, com a mão ainda segurando o badalo e virando o sino para cima ao máximo.

— Melhorou, assim? — perguntou, sarcástico.

O Corvo olhou para cima e começou a rir, um riso genuíno e inesperado. Tentou dizer algo, mas ria tanto que nem conseguia falar. E seu corpo se sacudiu todo, a ponto de ele quase não poder se manter na ponta dos pés.

— Não tem graça nenhuma! — gritou Tal.

O Corvo parou de rir, enxugando os olhos.

— Eu sei — disse ele, franzindo a testa. — Não sei por que comecei a rir. Dá para você saltar esse sino, quando eu contar "três", e segurar aquele que está mais à sua esquerda?

Tal olhou para o sino que o Corvo indicava. Teria de continuar de cabeça para baixo, deslocar o corpo e agarrar o ramo com uma das mãos e o sino com a outra, tudo isso a tempo de o Corvo pular.

— Posso tentar — disse ele. — Mas para quê?

Se o Corvo saltasse, teria de se equilibrar num único ladrilho vermelho, na ponta de um dos pés, mantendo o outro no ar.

— Eu consigo — disse o Corvo. — Quando eu disser "três", está bem?

— Estou pronto — declarou Tal.

— Um. Dois... Três!

O Corvo pulou. Tal se deslocou. O pé do Corvo pisou no chão uma fração de segundo antes que a mão de Tal agarrasse o fio.

O sino tocou uma vez.

Ambos franziram a testa, esperando que os outros sinos disparassem ou que outra coisa qualquer acontecesse. Mas, afora a vibração do fio na mão de Tal, a árvore permaneceu silenciosa.

— Mais um só, e chego lá — disse o Corvo, com os braços estendidos já que seu equilíbrio era instável, com um perna dobrada para trás. — Se é que consigo.

Tal olhou para os ladrilhos que o Corvo teria de pular. Junto do pedestal, não havia nenhum ladrilho branco. Mais uma vez, ele deveria se equilibrar num vermelho. Para piorar, Tal não sabia ao certo qual era o sino correspondente àquele ladrilho — a essa altura, os sinos ficavam muito próximos uns dos outros.

Ele também teria que se esticar mais para cima, e havia um galho no meio.

— Acho que não consigo pegar o sino certo — disse Tal, preocupado.

O Corvo tentou olhar para cima mas desistiu porque quase se desequilibrou.

— Você tem de conseguir — disse ele. — Não posso ficar aqui, desse jeito. Quando eu disser "três"?

— Não! — gritou Tal, subitamente. — E se você saltar direto para a pirâmide e agarrar as mãos de prata? Tocaria no chão?

O Corvo olhou para o pedestal. As mãos ficavam na altura de seu pescoço. Era um pulo considerável, especialmente com um pé só. Mas, se conseguisse agarrar as mãos, poderia se pendurar nelas, encolhendo os pés, ao menos até que Tal alcançasse o sino certo e o imobilizasse.

— Dá para fazer — disse ele, confiante. — Fique onde está.

Agachou-se, apoiado num pé só, com os dedos doendo por causa da posição. Bem devagarinho, inclinou-se para a frente, com os braços tremendo para manter o equilíbrio do corpo. Toda a sua atenção estava voltada para o pedestal e as mãos de prata. Saltaria até lá e conseguiria agarrá-las. Faria isso. Precisava fazer.

Foi só quando já estava inteiramente entregue ao salto que uma idéia terrível lhe passou pela cabeça.

E se as mãos não fossem presas no pedestal?

Finalmente, a voz de Milla, rouca e enfraquecida, se calou. Ela umedeceu os lábios e ficou esperando para ver o que ia acontecer.

— Agora, vamos ouvir a Sombra-que-fala — anunciou a Matriarca Mãe. Bateu com o pé no chão, perto da garrafa, e ouviu-se o som de metal contra metal. A tampa já havia sido desatarraxada.

Odris saiu dali com facilidade, assumindo seu tamanho normal e ficando junto de Milla, fazendo sombra à Matriarca Mãe. Mas a anciã não vacilou, nem se afastou.

— Então, Odris, Sombra da Tempestade — disse ela —, você ouviu Milla, do Clã dos Caçadores. Deseja contestar algum ponto de sua história?

— Não — disse Odris. — Só queria dizer que eu ficaria muito feliz em devolver a Milla a sua sombra natural, se alguém aqui souber como fazer isso. Desde que isso não vá me matar, ou machucar demais, ou coisa semelhante — apressou-se a acrescentar. Ou seja, tudo o que quero é voltar para Aenir, com Adras.

— Você nasceu depois do Esquecimento, não foi? — perguntou a Matriarca Mãe.

Odris concordou.

— Não pode, pois, ser acusada de ter feito a guerra contra nosso povo — decretou a anciã.

— Ótimo — disse Odris. — Podemos ir, então?

— Não. — A Matriarca Mãe se pôs atrás da cadeira de Milla e falou às Matriarcas ali reunidas por sobre a cabeça da garota.

— Milla, do Clã dos Caçadores, como ela mesma disse, está sendo acusada de ter trazido uma sombra independente para o Gelo e de ter matado a Guerreira Mãe Arla, filha de Halla, filha de Luen, filha de Rucia, filha de Nuthe, da linhagem de Grettir desde a Ruína do Navio. Vocês ouviram Milla, transitaram por seus sonhos, viram através de seus olhos. Que punição deve ser aplicada a ela, e o que deve ser feito com a sombra que caminha a seu lado?

Ninguém se moveu. Então, uma Matriarca de olhar prateado se adiantou, e deu uma dúzia de passos lentos e ameaçadores.

Parou diante de Milla, encarando-a. Mas não disse nada.

— Em termos de justiça — declarou ela, um ou dois minutos mais tarde — devemos falar com a voz, não com a mente.

A Matriarca Mãe parecia contrariada. Mas ela prosseguiu.

— Chamo-me Jerrei, sou irmã de Halla, mãe da Guerreira Mãe Arla. Ora! Para que falar? Os crimes são evidentes. Ela não está em condições de ir para o Gelo. Que ela seja esquartejada e sirva de alimento para as Wreskas de seu clã, e que o nome... Milla... jamais volte a ser dado a qualquer pessoa dos Homens-do-Gelo.

Milla fechou os olhos. Esta era praticamente a pior das punições, uma das hipóteses em que tinha evitado pensar. Se, pelo menos, deixassem que ela se lançasse decentemente ao Gelo!

Outra Matriarca avançou doze passos, ficando no mesmo nível de Jerrei, mas longe dela. Era mais velha e, apesar de seus olhos ainda serem tenuemente prateados, já havia ali vestígios

daquela aparência leitosa.

— Chamo-me Kallim, sou filha de Clir, irmã de Rucia — disse ela. — Ouvi Milla, e caminhei por seus sonhos, assim como caminhei pelo sonho de morte de Arla, filha da filha de minha irmã. Quero dizer que a sua morte se deu num combate leal. Não foi assassinato e, portanto, não cabe qualquer punição. Quanto à sombra, ela veio com Milla mas não foi por sua opção. Devemos considerar, também, que Milla nos prestou um grande serviço ao trazer notícias do mal que os Escolhidos vêm fazendo e do perigo que ameaça o Veu. Tais notícias não poderiam ter sido trazidas sem a sombra. Portanto, também a este respeito, declaro que ela é inocente.

Milla ouviu aquilo, perplexa. Essa Matriarca parecia estar dizendo que ela não devia receber punição alguma!

Nenhuma outra Matriarca se adiantou para falar. No entanto, alguns minutos depois, começaram a se reunir atrás de Jerrel ou de Kallim, demonstrando seu apoio a uma ou a outra.

— Elas estão falando — sussurrou Odris, que se aproximara furtivamente de Milla. — Mentalmente. Posso quase ouvi-las. Como sussurros no vento.

Milla prestou atenção. Tinha perdido toda a esperança mas, agora, uma centelhazinha se acendera em seu coração. Talvez houvesse uma chance de ela ser perdoada, e poder, afinal, tornar-se uma Donzela Guerreira...

Só que uma quantidade assustadora de Matriarcas se pusera atrás de Jerrel, aquela que havia proclamado que ela devia servir para alimentar as Wreskas. Um número maior do que o grupo que se postara atrás de Kallim.

Minutos mais tarde, ninguém mais se movia entre as Matriarcas. Não dava para ter certeza, mas Milla achava que mais da metade delas estava atrás de Jerrel. Se fosse como no conselho de um navio comum, aquilo significava que Jerrel tinha vencido.

Milla teria uma morte ignóbil, e seu nome seria amaldiçoado para sempre.

Fechou os olhos mas voltou a abri-los quando ouviu o ruído de pés que se arrastavam.

Uma terceira Matriarca, uma Matriarca Mãe, de olhos leitosos, avançava a passos largos, vinda da outra extremidade da sala. Quando parou, começou a falar.

— Sou a Matriarca Mãe dos Clãs Orientais — disse ela, com uma voz possante. Ao ouvi-la, os cabelos da nuca de Milla se arrepiaram. — Digo que há uma terceira maneira de decidirmos o destino de Milla, do Clã dos Caçadores, e da Sombra Odris.

Houve uma comoção nos dois grupos de Matriarcas. Uma comoção ligeira, mas suficiente para que Milla a percebesse.

Uma terceira maneira?

— Por seus erros, proponho que ela seja banida de seu clã — declarou a Matriarca Mãe. — E que seu nome lhe seja retirado.

Milla conteve um soluço. Essa era a pior das punições. Mesmo que fosse servir de alimento para as Wreskas, continuaria pertencendo ao seu clã, e seu nome, apesar de não poder mais ser usado, continuaria a ser lembrado.

Ser banida significava ser apagada, jamais ter feito parte dos Homens-do-Gelo.

— Por seus feitos, e pelo sangue que carrega — prosseguiu a Matriarca Mãe —, que a Renegada ingresse no Clã do Navio em ruínas, receba o nome de Milla, e seja confirmada em sua ancestralidade.

Milla ficou perplexa. Como podia ser banida do Clã dos Caçadores, num minuto e, no minuto seguinte, ser adotada pelo clã mais elevado na hierarquia dos Homens-do-Gelo?

— Ademais, que essa nova Milla, Milla do Navio em ruínas, detentora da Garra de Danir, assuma o comando da expedição que planejamos — disse a Matriarca Mãe dos Clãs Orientais. — Mas, como ela conspirou com sombras, que tanto ela quanto a sua companheira-de-sombra fiquem vinculadas à tarefa mencionada.

— Que expedição? — perguntou Milla. — Como posso ser banida e adotada? O que... o que isso tudo significa?

Ninguém respondeu às suas perguntas. Todas as Matriarcas estavam se movendo para se juntar à Matriarca Mãe dos Clãs Orientais.

O Corvo agarrou as mãos de prata e deu com os joelhos no pedestal. A pancada doeu, mas seus pés não encostaram nos ladrilhos e as mãos de prata não cederam. Pendurou-se nelas por um momento para tomar impulso e, depois, ergueu o corpo, passando os braços pelo topo da pirâmide, de ambos os lados daquelas mãos.

Acima dele, Tal estava dando um jeito de arranjar uma posição mais confortável e segura, encarapitando-se no galho que, por sua posição, lhe permitia ver a Grande Pedra exatamente abaixo dele.

Ambos a fitaram. O Corvo, a um palmo de distância, e Tal uns quatro ou cinco trechos acima dela.

A Grande Pedra era uma Pedra-do-Sol de tamanho considerável, correspondendo mais ou menos ao círculo formado pela junção do polegar com o indicador. Era de um vermelho profundo e continuava pulsando com a lenta regularidade de batimentos cardíacos.

De repente, o Corvo aproximou o rosto dela para observá-la mais de perto.

— Há... há alguém lá dentro! — disse ele. — Estou vendo uma mulher!

Tal se inclinou mais para baixo. Estava longe demais para ver qualquer detalhe. Para ele, a pedra parecia simplesmente vermelha.

— E há uma sombra com a mulher — disse o Corvo. — Menor do que ela, algum tipo de animal saltador... com uma cauda comprida.

— Deve ser a Guardiã — disse Tal. — Lokar, prima de Jarnil, e seu Espírito-Sombra. O que ela está fazendo?

— Simplesmente flutuando, como se a pedra fosse cheia de água. — O Corvo abanou a cabeça, atônito. — E seu Espírito-Sombra fica pulando em círculos a seu redor.

— Você pode tocar a pedra? — perguntou Tal. Devia haver algum jeito de fazer a Guardiã sair dali, ou entrar em contato com ela.

O Corvo assentiu e transferiu seu peso para a outra mão. Rapidamente, estendeu o braço e deu uma batidinha na pedra.

Ela oscilou no engaste das mãos de prata, e quase caiu no chão.

Logo depois, a luz vermelha tornou-se mais intensa e ouviu-se uma voz, vinda da Grande Pedra.

— Quem me acordou? Quem está aí? Fale!

— Chamo-me Tal Graile-Rerem — gritou Tal. — Junto comigo está o Corvo, da Resistência.

— Quem? — indagou a voz que vinha da pedra. — O filho de Rerem? E o Corvo, irmão de Bennem?

— Exatamente — respondeu o Corvo, surpreso com o fato de ela conhecer seu irmão.

— Você é Lokar, a Guardiã da Grande Pedra Vermelha? — perguntou Tal.

— Sou — disse a mulher. — Depressa, concentrem-se em minha Pedra-do-Sol, dirigindo-a à Grande Pedra. Luz vermelha, no segundo grau de intensidade, vai me libertar.

— Há? Sua Pedra-do-Sol não está conosco — respondeu Tal. — Posso usar a minha?

A resposta foi o silêncio, e um soluço contido.

— Não — disse Lokar afinal. — Tive esperança que vocês houvessem sido enviados para me soltar.

— Fariamos isso, se pudéssemos — disse Tal. — Onde está sua Pedra-do-Sol?

— Não sei — respondeu Lokar. — Mas eu a estava usando para tirar o lacre da Grande Pedra, e ela foi apanhada quando eu estava fazendo isso. Portanto, quem quer que tenha me aprisionado deve estar com ela agora. O Vêu foi... o Vêu está...?

— Ainda está funcionando — disse-lhe Tal.

Ouviu-se um suspiro de alívio vindo da Grande Pedra.

— Então, a Imperatriz continua guardando os segredos da Grande Pedra Violeta — disse Lokar. — Pelo menos... talvez ainda haja outras Grandes Pedras lacradas. Rerem deve saber. Foi ele que mandou vocês aqui?

— Não — disse Tal, sentindo a garganta seca. — Achamos que ele está preso, como você, dentro da Grande Pedra Laranja. Como... isto é... como você foi parar aí dentro?

— As Grandes Pedras são lacradas ao Vêu e pelos Guardiães — explicou Lokar. — Vim até aqui para sintonizar a Grande Pedra, o que deve ser feito anualmente. Tirei o lacre mas, não sei como, apanharam a minha Pedra-do-Sol quando eu entrei aqui. Não há como sair sem minha pedra e, pelo lado de dentro, não posso voltar a lacrar a Grande Pedra.

— Quem pegou sua Pedra-do-Sol? — perguntou o Corvo.

— Não sei — respondeu Lokar. — Alguém capaz de ultrapassar as barreiras e os sinos da Torre. Alguém que detém o antigo conhecimento, um verdadeiro perito em Magia da Luz.

— O Vizir das Trevas? — perguntou Tal. — Sushin?

— Sushin é o Vizir das Trevas? — perguntou Lokar, obviamente estarrecida. — Não poderia supor... é claro que a Imperatriz não nomearia alguém como ele... O que está acontecendo no Castelo?

— Não há tempo para falarmos disso agora — interveio o Corvo. — Posso tirar a Grande Pedra daqui?

— Pode — disse Lokar. — Mas ela precisa estar aqui para acionar o Vêu. E pode se perder, ou ser destruída fora da Torre. Deixe-a aqui, e encontre minha Pedra-do-Sol.

— Não recebo ordens de Escolhidos — disse o Corvo. Voltou a se equilibrar como antes e se esticou para pegar a Grande Pedra entre as mãos de prata.

— Não! — gritou Tal. — Deixe-a aí!

O Corvo o ignorou. Assim que ele ergueu a Grande Pedra, as mãos de prata se abriram e voltaram as palmas para cima.

O Corvo perdeu o equilíbrio. Desesperado, agarrou-se ao pedestal com os joelhos, tentando segurar a Grande Pedra ao mesmo tempo.

Mas não conseguiu. Um de seus pés escorregou e pressionou fortemente um ladrilho vermelho.

Tal percebeu o que ia acontecer e saltou para o ramo onde estava o sino correspondente. Ou,

pelo menos, o que ele pensou que fosse. Mas não era o ramo certo e exatamente quando Tal segurou o fio, um outro sino tocou, apenas a meio trecho de distância.

O sino começou a tocar, um som dissonante que ecoou pela sala toda. O sino mais próximo ao primeiro começou, então, a tocar também e, depois, mais outro. Em poucos segundos, todos os sinos da árvore soavam furiosamente, exceto aquele que Tal estava segurando.

Ele o soltou, pendurou-se pelas mãos e pulou para o chão. O Corvo já estava correndo para o passadiço, levando consigo a Grande Pedra. Tal foi atrás dele. Teriam que descer a Torre o mais depressa possível, antes que alguém ou alguma coisa, alertado pelo toque dos sinos, subisse pelas escadas.

Visivelmente, Adras estava dormindo quando eles irromperam arcada afora. O Espírito-Sombra estava deitado no chão do passadiço, como uma espessa manta de neblina de sombra, e levou alguns segundos para se recompor.

— O que está acontecendo? — trovejou ele.

Tal ignorou-o e correu para o parapeito, pronto para saltar. O Corvo já estava lá, mas tinha parado e olhava para baixo.

Tal olhou também.

Seu coração pareceu que ia parar.

Havia luz em todas as janelas, fortes raios de luz que se espalhavam em todas as direções. Enquanto estava olhando, a luz se tornou mais intensa, à medida que Pedras-do-Sol iam sendo ativadas no interior da Torre.

Não era a luz que assustava Tal.

Eram as sombras.

Centenas de Espíritos-Sombra vinham saindo pelas janelas. Espíritos-Sombra das mais variadas espécies, todo tipo de feras de Aenir. Tal nunca havia visto a maioria daquelas criaturas, a não ser no jogo de Criaferas e, por certo, não eram companheiros de Escolhidos.

Tal não podia acreditar no que via. A Torre Vermelha estava abrigando Sombras Independentes, criaturas de Aenir que não deveriam absolutamente estar ali, mas estavam.

Agora, todas elas vinham subindo pela Torre, em resposta ao alerta da árvore de sinos.

Tal gritou:

— Adras! —, pronto para mandar o Espírito-Sombra tirá-los dali, voando. Mas a ordem morreu em seus lábios quando viu duas Vêsboras-de-sombra saírem por uma janela e virem subindo.

Não poderiam escapar voando.

Tinham sido apanhados.

Tudo aconteceu muito depressa depois que as Matriarcas chegaram a uma decisão. Milla foi solta da cadeira mas mandaram-lhe permanecer sentada ali. E mandaram que Odris ficasse a seu lado.

Em seguida, as Matriarcas foram se deslocando até formarem um círculo em volta de ambas. Milla tentou fitá-las, mas eram tantos olhos estranhos voltados para ela que teve de baixar os seus.

Quando o círculo estava formado, a Matriarca Mãe do Navio em ruínas ergueu lentamente uma mão pálida e cheia de cicatrizes.

Com o seu gesto, um vento começou a soprar, embora isso não fosse normal dentro do Navio. E foi ficando mais forte à medida que a mão se erguia.

Milla foi cercada por um vento que uivava e assobiava, vindo de todas as direções. Estranhamente, ele era ora frio, ora quente, à diferença de qualquer outro que ela jamais houvesse visto no Gelo.

Milla ergueu os olhos e viu que as Matriarcas estavam assobiando, com os lábios contraídos, e todos aqueles olhos brilhantes focalizados nela.

De alguma forma, elas tinham convocado o vento.

O vento ficou ainda mais forte e as lamparinas se apagaram.

Os olhos das Matriarcas continuavam brilhando no escuro.

Então, todas começaram a falar, ao mesmo tempo, com uma voz possante que era ainda mais forte que o vento.

— Milla do Clã dos Caçadores — trovejou a voz coletiva. — Pela primeira vez, você está sendo banida!

Milla sentiu que o vento a erguia, tirando-a da cadeira. Foi lançada para o ar, acima da cabeça das Matriarcas, chegando quase lá no teto. Suas roupas foram arrancadas e ela voou, nua, pelos ares.

O vento a levou em direção à parede mais afastada e, por um momento, Milla pensou que fosse se espatifar de encontro a ela. No último instante, o vento diminuiu e ela foi atirada para um corredor através da cortina de peles de uma porta.

O vento continuava a carregá-la e todas as Matriarcas a seguiram, enchendo o corredor.

— Milla do Clã dos Caçadores! — gritou aquela voz imensa novamente. — Pela segunda vez, você está sendo banida!

Milla foi lançada por outra porta. Sentiu que o vento que a levava encontrou-se com um outro, mais natural, e, por um momento, ela ficou planando enquanto as duas correntes de ar lutavam entre si. Mas a ventania das Matriarcas era mais forte, e ela voltou a ser arrastada.

Chegou a uma outra porta fechada por cortinas de peles. Do outro lado, estava o Gelo. Milla podia senti-lo.

— Milla do Clã dos Caçadores! Pela terceira vez, você está sendo banida!

O vento atirou Milla porta a fora e desapareceu.

Ela foi lançada pelos ares e caiu no chão, abrindo um profundo sulco na neve.

O súbito choque do frio a fez perder o fôlego. Ficou deitada na neve, com o vento natural soprando cristais de gelo em seu cabelo. O frio queimava-lhe a pele e ela sentiu uma pontada aguda de dor atravessar a profunda cicatriz do ferimento provocado pelo Merwin em sua barriga.

Seu coração começou a bater mais lentamente e o sangue pulsava lá no fundo de seus ouvidos. Os batimentos foram ficando cada vez mais lentos, mas Milla não estava assustada, nem preocupada. O que quer que estivesse acontecendo, era o que tinha de acontecer. Aqui, do lado de fora, no Gelo.

O coração de Milla parou.

Silêncio absoluto. Ela já não ouvia nem mesmo o vento.

Aquele silêncio continuou por um segundo. Dois segundos. Três segundos.

Então, as Matriarcas voltaram a falar.

— Milla do Navio em ruínas, venha para o seu clã!

O coração de Milla recomeçou a bater com um estremecimento que percorreu seu corpo do topo da cabeça até os dedos dos pés.

Mãos vasculharam a neve e agarraram Milla, tirando-a dali. Ergueram seus braços e vestiram-lhe, pela cabeça, um casaco de pele de Ursek prateada — perfeito para um Cavaleiro da Espada das lendas.

Escovaram os cristais de gelo de seu cabelo e puseram uma tiara de osso de Selski em sua cabeça, ao mesmo tempo em que a erguiam momentaneamente para lhe calçarem grossas botas de couro forradas de pele. Em sua cintura, puseram um cinto, negro e prateado, com uma fivela dourada que tinha a forma de um Merwin saltando.

Ainda aturdida, Milla foi levada de volta para dentro, no meio de uma multidão de Matriarcas. Sentia-se estranhamente leve, quase como se ainda estivesse sendo carregada por aquele vento que a arrastara para fora. O peso de suas antigas preocupações tinha desaparecido. Não sentia mais que devesse se lançar ao Gelo e morrer por causa de seus erros.

Quando voltaram ao salão do julgamento, Odris veio correndo ao seu encontro, balbuciando, aliviada:

— O que aconteceu, Milla? Senti você... desaparecer... e, agora, você volta. Não gosto disso aqui. Quando poderemos voltar para Aenir? Lá é melhor, para nós duas...

— Silêncio, Odris — disse Milla, com toda calma. — Ainda temos o que fazer aqui. Venha, fique perto de mim.

Dirigiu-se para a cadeira e sentou-se. Mas, com as peles prateadas e a tiara de osso, e com a Garra de Danir brilhando em seu dedo, ela não parecia alguém que fosse ser julgado.

— Seja bem-vinda, Milla do Navio em ruínas — disse a Matriarca Mãe. — Vamos confiar-lhe uma grande responsabilidade. Você a aceita, em seu nome e em nome de sua sombra?

— Aceito — respondeu Milla, solenemente. E ergueu a mão para calar Odris que ia começando a dizer algo.

— Devemos, então, recitar a Prece de Asteyr para confirmar seu compromisso — declarou a Matriarca Mãe.

Mais uma vez, as Matriarcas falaram todas juntas, numa única voz gigantesca.

Voz de mulher.

O poder daquela voz era irresistível e, portanto, depois de umas poucas palavras iniciais, Milla e Odris praticamente não ouviram mais nada. Era mais como se tivessem sido cativadas por um poema ou uma canção que lhes chegava até os ossos, fossem eles reais ou de sombra.

Com a prece, veio uma instrução profunda que elas jamais poderiam romper. Ela falava de absoluta lealdade ao Povo-do-Gelo, uma lealdade que seria determinada pela voz dos Homens-do-Gelo.

As Matriarcas. Elas falariam juntas, daquele seu jeito silencioso, e tomariam as decisões na grande mente que compartilhavam. Quaisquer que fossem essas decisões, Milla as receberia e deveria respeitá-las, assim como a sombra que a ela estava ligada.

A prece se modificou e a voz ficou mais suave. Finalmente, só a Matriarca Mãe do Navio em ruínas falou. Mesmo isolada, sua voz tinha o poder de encantar.

— Vamos confiar-lhe três coisas — disse a Matriarca Mãe. — A primeira delas é o nome que você levará pela vida toda. Doravante, você se chama Milla Mão-de-Garra. A segunda é o cargo que foi meu antes: a Espada Viva de Asteyr. A terceira é um título e uma responsabilidade que, há mais de dois mil circuitos, não são conferidos a nenhum Homem-do-Gelo.

Ela fez uma pausa, e respirou fundo, antes de prosseguir.

— Milla Mão-de-Garra, nós a nomeamos Capitã-Mor dos Homens-do-Gelo, e a incumbimos de concluir o que começamos há muito tempo. Nós a encarregamos de proteger nosso mundo para sempre, contra as Sombras de Aenir.

Tal ficou olhando aquele verdadeiro mar de Espíritos-Sombra que vinha subindo até onde eles estavam. Mais uns poucos minutos e seriam atacados.

Olhou para o Corvo, mas o rapaz estava paralisado, com os olhos fixos na direção do inimigo e a Grande Pedra Vermelha esquecida nas mãos.

Quando Tal viu aquilo, teve uma idéia.

Agiu rápido, e apoderou-se da Grande Pedra, já que o Corvo não a segurava firmemente.

Este se virou de imediato, com a faca na mão.

— Devolva isso! — grunhiu o Corvo.

— O que está acontecendo? — disse uma voz queixosa, vinda do interior da Grande Pedra, enquanto Tal recuava.

— Preciso dela para nos tirar daqui — explicou Tal, falando o mais depressa que podia. — A menos que você queira enfrentar esses Espíritos-Sombra.

Depois de alguma hesitação, o Corvo baixou a faca.

Tal fitou a Grande Pedra. Podia ver Lokar, flutuando em meio à luz vermelha. Ela parecia estar boiando na água. Obviamente, precisava fazer algum esforço para entrar em contato com o mundo exterior.

— Lokar — disse ele, em tom de urgência, — milhares de Espíritos-Sombra estão subindo pelo lado de fora da Torre. Há algum lugar aqui onde possamos nos esconder, e ficar a salvo deles? Eles podem passar pelos arcos?

— Podem, se alguém tiver lhes transmitido a Senha — disse Lokar, franzindo a testa, refletindo. — Vocês não estarão a salvo aqui. Que Espírito-Sombra você tem? Ele pode voar?

— Um Pastor de Tempestades. Ou seja, pode voar, sim. Mas há sombras voadoras e, portanto, seremos perseguidos. — Tal ergueu os olhos para o Corvo que ainda estava parado lá, fitando-o com um ar de desconfiança. — Corvo! Fique de olho. Avise-me quando eles estiverem a mais ou menos cinqüenta trechos daqui.

Embora relutante, o Corvo foi olhar por sobre a mureta.

— Você parece jovem — disse Lokar. — Domina as sete cores?

— Dominar, exatamente, não — respondeu Tal. — Mas posso fazer algumas coisas... já fiz algumas coisas...

— Noventa trechos — gritou o Corvo. — Há centenas deles!

— Você sabe combinar todas as sete? — perguntou Lokar.

— Sei — disse Tal, antes mesmo de Lokar concluir a pergunta.

— Então, pode fazer um véu de escuridão em miniatura e esconder-se debaixo dele — disse Lokar. — Procure um canto, agache-se, e eu lhe direi como construir um véu. Rápido!

Tal passou os olhos por todo o aposento.

— Cinqüenta trechos! — gritou o Corvo. Ele estava olhando para Tal, de olhos arregalados, nitidamente assustado. — Seja lá o que você esteja pretendendo fazer, ande depressa.

— Vamos lutar! — trovejou Adras. Inclinou-se por sobre o parapeito e disparou relâmpagos-de-sombra. Um guincho terrível anunciou que ele havia acertado o alvo.

— Não, Adras! — berrou Tal. Foi até a parede e tentou arrancar um cano para escoamento da água de chuva da abóbada que ficava mais acima. — Ajude-me a arrancar isso aqui!

O cano eslava instalado numa reentrância da parede. Se pudessem se agachar ali, e construir um véu, havia uma chance de que os Espíritos-Sombra não os encontrassem.

O Corvo não sabia o que ele estava planejando mas correu até lá e começou também a puxar o cano.

Ele cedeu um pouco, mas só quando Adras se esticou por cima dos meninos e deu um puxão, o cano foi arrancado com o ruído de metal arranhando a pedra.

— Depressa! — disse Tal. — Agache-se aqui. Vamos ficar o mais juntos possível!

Enfiou-se naquele recinto, com o Corvo. Adras se afinou ao máximo, e se meteu entre Tal e a parede.

— E agora? — perguntou o Corvo.

Tal não respondeu. Estava fitando a Grande Pedra, observando Lokar e, ao mesmo tempo, concentrado em sua própria Pedra-do-Sol.

O Corvo e Adras olhavam o parapeito da varanda, esperando ver um Espírito-Sombra saltar para atacá-los a qualquer momento.

— Aprese-se! — murmurou o Corvo. Filamentos de luz de várias cores começavam a brotar da Pedra-do-Sol de Tal, mas bem devagar.

Esses filamentos saíram da pedra e vieram, ondulando, juntar-se diante dos três que se apertavam naquela reentrância. Quando se juntaram, uma mancha escura formou-se no ar. Ela foi se ampliando rapidamente, curvando-se para cima, para baixo e em volta deles.

— Mais depressa — sussurrou o Corvo. Ele viu as garras de uma mão-de-sombra segurarem o parapeito, por detrás do véu que estava se formando. — Mais depressa!

Um Espírito-Sombra pulou pelo parapeito — uma imensa Vêsbora, ainda batendo as asas-de-sombra, e com um ferrão que, à luz vermelha, parecia bem sólido.

O Corvo o viu e prendeu a respiração quando a cabeça da criatura foi se virando lentamente em sua direção. O véu quase tapava sua visão. Teria sido por um triz. Será que o Espírito-Sombra ia vê-lo, ou o véu se formaria a tempo?

O véu em miniatura se espalhou e suas extremidades se uniram para formar uma esfera perfeita em torno deles, uma fração de segundo antes de o Espírito-Sombra virar a cabeça.

O Corvo estremeceu e se espantou ao perceber que precisava de ar, de muito ar.

— Não faça isso — disse Tal bruscamente.

— O quê? — indagou o Corvo, falando baixinho. Ele não sabia ao certo se o som ultrapassaria o véu.

— Dá para falar — disse Tal. Tocou o véu e seu dedo afundou nele e voltou, como se aquilo fosse feito de tecido bem estirado. — Só não respire demais.

— Por quê? — perguntou o Corvo.

— Eu estava com pressa... — principiou Tal, à guisa de explicação.

— O quê? — perguntou o Corvo.

— Ele está sólido demais — disse Tal. — Acho que não está passando nenhum ar.

— O quê? — disse o Corvo, aflito. Esticou a mão e suas unhas arranharam o véu.

Era sólido mesmo.

— Temos que sair — sussurrou o Corvo. — Vamos morrer aqui.

— Tem ar suficiente para alguns momentos — disse Tal. Estava lutando para se manter tranqüilo. O simples fato de saber que o ar estava acabando fazia com que se sentisse terrivelmente mal. Fraco e péssimo. — Temos de ficar quietos.

O Corvo o fitou, e havia pânico em seus olhos. Ergueu a mão e Tal se encolheu, achando que ele ia esmurrá-lo. Mas o Corvo recuou.

— Desculpe — disse ele. — Vou... vou ficar quieto.

Por uns momentos, ficaram sentados, em silêncio. De súbito, o Corvo voltou-se para Tal.

— Onde está Adras? — perguntou, olhando ao redor.

Não havia sinal do Espírito-Sombra. Todo o sangue fugiu do rosto de Tal. Não era à toa que estava se sentindo tão mal.

— Ele deve estar lá fora! Estão matando ele!

— Não está, não! — disse uma vozinha vinda da Grande Pedra. Mais que depressa, Tal olhou para ali.

— Ele está em seu véu! — exclamou Lokar. — Você o envolveu ali, e ele está sem luz!

— Nós sem ar, e Adras sem luz — resmungou o Corvo.

— Melhor do que ser morto por Espíritos-Sombra! — retrucou Tal. — Além disso, só precisamos esperar eles irem embora.

— Eles podem nos matar — disse o Corvo. — Como vamos saber se já foram?

Lokar disse algo que nenhum dos dois ouviu. Curvaram-se ambos, tentando ouvir melhor, e deram uma cabeçada.

— Escuridão! — praguejou o Corvo. Pegou de volta a Grande Pedra, dizendo: — Tenha mais cuidado!

Tal chegou a erguer a Pedra-do-Sol mas, depois, pensou melhor. Não queria que o Corvo ficasse com a Grande Pedra, mas agora não podia fazer quase nada a esse respeito.

— O que foi? — perguntou o Corvo, dirigindo-se a Lokar.

Tal baixou a cabeça de novo, com mais cuidado.

— Vocês precisam poupar o ar — disse Lokar. — Pelo que posso perceber, daqui de dentro, Tal caprichou demais nesse véu.

— O que você quer dizer com isso? — indagou Tal.

— Ele não é apenas sólido — disse Lokar. — Duvido que consigam desmanchá-lo. Vão ter de esperar que ele se desfaça sozinho.

Tal e o Corvo se entreolharam. Pareciam ter palavras na ponta da língua, mas nenhum dos dois disse nada. Em vez disso, recostaram-se e exalaram bem devagar, ao mesmo tempo.

Quem dera eu tivesse aprendido aquela respiração Rovkír que Milla fazia, pensou Tal, enquanto o tempo ia passando, marcado pelo brilho de sua Pedra-do-Sol. Estava ficando cada vez mais quente e abafado ali dentro, e ele tinha a impressão que o Corvo estava gastando muito ar.

Deu uma olhada e percebeu que os olhos do Corvo estavam brilhando. E ele tinha a mão na faca. Era óbvio que tinha tido a mesma idéia. Talvez só houvesse ar suficiente para um deles sobreviver.

Um deveria morrer para que o outro pudesse viver.

O Corvo puxou a faca, um pouquinho.

Tal ergueu a Pedra-do-Sol apesar de ela parecer pesadíssima, e abanou a cabeça.

O Corvo voltou a guardar a faca. Tal baixou a mão.

Continuaram ambos a se encarar, atentos ao mínimo movimento.

Pelo menos, Tal achou que estivesse. Mas, de repente, percebeu que seu queixo estava encostado no peito. Endireitou-se e tudo que viu foi a cabeça do Corvo pendendo de lado.

O rapaz parecia inconsciente.

Por um momento, Tal ficou tentado a liquidá-lo, para ter mais ar. Mas foi só por um momento. O que era mesmo que seu tio-avô tinha dito?

— NÃO seja uma cavarata.

Matar o Corvo para ter mais um pouco de ar, que talvez nem fosse suficiente, seria agir como uma cavarata. Em vez disso, Tal pressionou levemente o véu de escuridão. Como antes, seus dedos bateram ali e voltaram. Ele parecia tão forte quanto antes, e Tal podia sentir Adras aprisionado ali dentro, enfraquecendo a cada momento que passava.

Tal fez uma inspiração pouco profunda e fechou os olhos.

Seria mais fácil tentar simplesmente dormir.

Assim que Tal fechou os olhos, o Corvo abriu os seus. Levou a mão à faca uma vez... duas vezes... mas depois voltou a fechar os olhos lentamente.

Tal acordou subitamente em pânico, com a luz vermelha em seu rosto, o ar fresco em suas narinas e uma terrível dor de cabeça latejando acima de seus olhos. O Corvo se remexia a seu lado, mas não havia sinal de Adras.

Ou dos Espíritos-Sombra inimigos.

Tal olhou para sua Pedra-do-Sol. Tinha se passado quase uma hora. Foi muita sorte o véu ter se desmanchado. A julgar pelo mal-estar que sentia, mais uns poucos minutos e teriam provavelmente morrido asfixiados.

Ouviu, então, um grunhido surdo vindo do lado onde estava o Corvo. Tal rastejou até lá e olhou horrorizado para a minúscula sombra murcha que era tudo o que restava de Adras.

— Luz! — choramingou aquela manchinha de escuridão, mais ou menos do tamanho do pé de Tal. — Luz!

Havia muita luz vermelha por todo lado, mas Tal baixou sua Pedra-do-Sol, protegendo-a com a mão em concha, e enviou um facho de luz brilhante, da cor do sol de Aenir, diretamente para o seu Espírito-Sombra que estava num estado deplorável.

Lentamente, a sombra foi se tornando mais espessa e começou a se espalhar pelas pedras do chão. A medida que ela ia crescendo, a dor de cabeça de Tal ia diminuindo.

O menino estava tão absorto revitalizando Adras que só notou que o Corvo também tinha se recuperado quando o Resistente já estava de pé a seu lado. Estava segurando a Grande Pedra quase na altura do queixo e falava com ela em voz baixa.

— Lokar está dizendo que há uma escada secreta que começa dois níveis abaixo daqui — disse ele.

Evidentemente, tinha decidido esquecer o que acontecera enquanto estavam sob o véu em miniatura.

— Se descermos até lá, ela pode nos guiar através das armadilhas. A escada vai dar...

Parou para escutar a Grande Pedra e, depois, prosseguiu:

— Ela vai dar no Corredor Branco, que fica entre Vermelho Um e Laranja Sete. De lá, não deve ser muito difícil chegarmos a uma das lojas do Povo Inferior e voltar, então, para o meu território.

Tal assentiu, embora, lá no fundo, tivesse tomado um susto quando ouviu o Corvo dizendo que uma parte qualquer do Castelo era "seu território". Se havia algo que aprendera desde que caíra no mundo fora do Castelo, era a importância de manter a boca fechada — até o momento oportuno.

— Fraco — disse Adras. Ele tinha recuperado sua forma habitual mas sua carne-de-sombra

ainda estava quase transparente, mal podendo ser vista.

— A recuperação vai ser lenta — disse o Corvo, repetindo as palavras de Lokar. — É melhor você lhe dar luz por bastante tempo, e em grande quantidade, antes de atravessarmos o Véu de verdade.

Tal concordou.

— Onde estão os Espíritos-Sombra? — perguntou ele. — Você está vendo algum?

— Acho que voltaram para seus esconderijos — disse o Corvo. — Pelo menos, não vi nenhum quando olhei pelo parapeito.

— Estão por aqui, em algum lugar — disse Tal. — Escondidos. Esperando. Gostaria de saber por que motivo.

O Corvo deu de ombros. Isso era um problema para outra ocasião. Já estava com o que tinha vindo buscar. Com todo cuidado, escondeu a Grande Pedra numa bolsinha de couro pendurada na corrente que usava no pescoço.

— Venha — disse ele, subindo cautelosamente no parapeito. — Fique perto de mim. Talvez você precise fazer outro véu. Mas é melhor que, no próximo, a gente possa respirar.

Tal o viu desaparecer. Estava cada vez mais desconfiado do Corvo. Não havia dúvida que o rapaz só queria tê-lo por perto pelas coisas que podia fazer. O Corvo odiava tanto os Escolhidos que não hesitaria em se livrar de Tal se achasse que não precisava mais dele.

E o pior, pensou Tal tristemente, é que, na verdade, não podia culpar o Corvo por isso. Ele tinha mil motivos para odiar os Escolhidos.

— Adras — disse ele, erguendo a mão, — enrole-se em volta de minha Pedra-do-Sol e de meu braço, e absorva o máximo de luz que puder.

Adras fez que sim com a cabeça, porque estava fraco demais para tropejar. Tal pôde senti-lo movendo-se em seu braço. Era um toque suave que provocava uma comichão em sua pele por causa dos pequenos disparos de relâmpagos. Sua Pedra-do-Sol ficou menos luminosa quando Adras a envolveu, embora a luz continuasse a brilhar por baixo da sombra.

Tal subiu no parapeito e, com todo cuidado, procurou apoiar os pés.

Milla estava de pé no Salão do Calculador tendo, a seu lado, a Matriarca Mãe. Olhavam ambas para o complexo quebra-cabeças formado por centenas de lajotas e miniaturas de navios que representavam todo o mundo do Gelo e os navios dos clãs que se moviam sobre ele. Donzelas Guerreiras novatas deslocavam-se, de um lado a outro do imenso mapa, movendo as miniaturas e, com menor frequência, trocando as lajotas que informavam sobre a qualidade e as condições do Gelo. Sete Matriarcas, sentadas em cadeiras de espaldar alto, feitas de ossos, comandavam essas jovens.

Da última vez que Milla tinha visto o Calculador, os navios dos clãs estavam espalhados por todo lado, sem respeitar qualquer formação aparente. Agora, havia grupos de navios em formação em diversas partes do mapa. Enquanto Milla observava aquilo, uma Matriarca convocou uma Donzela Guerreira e falou com ela. Depois de ouvi-la, a jovem atravessou cuidadosamente aquelas lajotas até chegar a um dos grupamentos de navios e escolheu um dos menores, que tinha uma lasquinha de Pedra-do-Sol incrustada na proa. Pegou aquele navio e deslocou-o para a lajota mais próxima.

Milla reparou que ele estava se dirigindo para a lajota que ficava no centro do Calculador, onde havia a miniatura de uma montanha e, junto dela, uma do Navio em ruínas.

— É isso mesmo — disse a Matriarca Mãe. — Os clãs estão se reunindo onde podem, e um em cada sete navios está vindo trazer todas as Donzelas Guerreiras e todos os Caçadores de que os clãs possam prescindir em sua viagem seguindo a migração dos Selskis. Convocamos também os Cavaleiros da Espada, se bem que, como eles não aparecem no Calculador, não podemos saber quantos vão poder responder à convocação — ou vão decidir fazê-lo.

Milla assentiu. Aquilo tudo estava sendo um pouco demais para ela. Só naquela manhã, tinha sido banida, renascera como Milla Mão-de-Garra, e fora nomeada Capitã-Mor. Agora, todos esperavam que assumisse o comando e fizesse o que tivesse de ser feito para controlar o Castelo, obrigar os Escolhidos a desistir de seus Espíritos-Sombra e, então... ela não sabia o que teria de fazer... voltar a Aenir e estabelecer de novo o Esquecimento?

— Os navios virão o mais depressa possível — disse a Matriarca Mãe. — No entanto, várias jornadas terão se passado até que todo o contingente esteja reunido. É seu desejo, Capitã-Mor, que as Donzelas Guerreiras e os Caçadores de que dispomos se reúnam para um ataque inicial ao Castelo, assegurando o acesso a ele?

— Hum, é — respondeu Milla.

A Matriarca Mãe sorriu, mas foi um sorriso tão ligeiro que Milla quase nem o percebeu. Na verdade, a Matriarca Mãe não estava lhe fazendo uma pergunta. Estava ajudando-a a descobrir o que fazer, mas disfarçadamente, fazendo parecer que era ela que tomava as decisões de estratégia militar. Embora todos soubessem que Odris e ela tinham de fazer o que as Matriarcas determinassem.

— Sim — disse Milla, com firmeza. — Que eles estejam preparados. Vou guiá-los até lá depois do período de repouso. Preciso... preciso descansar um pouco.

— Eles estarão prontos — respondeu a Matriarca Mãe. — Antes que vá descansar, Capitã-Mor, quero que conheça Malen. É a mais jovem das Matriarcas e, portanto, a pessoa mais indicada para a árdua tarefa de acompanhá-la em seu primeiro ataque.

Antes que a Matriarca Mãe tivesse acabado de falar, uma jovem Matriarca passou pelas cortinas da porta e se aproximou delas. Era jovem mesmo, como Milla pôde perceber. Como todas as Matriarcas principiantes, tinha os olhos azuis, com uma luminosidade nesse azul. Mas não parecia ter mais de dezesseis circuitos, ou seja, era pouco mais velha que Milla. Ela sentiu uma pontinha de inveja no coração. Aquela Garota-do-Gelo tinha encontrado o seu lugar sem maiores problemas, pensou Milla. Não estava sujeita à imposição da Prece de Asteyr, não era aquela criatura indigna de confiança, aquele mal necessário que os Homens-do-Gelo estavam dispostos a agüentar unicamente em função do imenso perigo que os ameaçava.

— Eu a saúdo, Capitã-Mor Milla Mão-de-Garra — disse Malen. Bateu os punhos cerrados, assim como Milla.

Até a voz dela era perfeita, pensou Milla. Era uma voz clara, sonora como um sino, perfeita para cantar ou para entoar as antigas epopéias. Todos em seu clã deviam tê-la amado muito e, agora, estariam orgulhosos dela, uma Matriarca ainda tão jovem.

— Vou com você, como a Voz das Matriarcas — disse Malen.

Milla assentiu. Aquilo era ainda pior. Quando Malen quisesse, poderia falar com a autoridade de todas as Matriarcas, e Milla, sob a imposição da Prece, teria de fazer o que ela dissesse.

A menos que ela o dissesse, Milla não saberia se Malen estava em conexão com as outras Matriarcas ou se falava em seu próprio nome.

Por um momento, Milla pensou em perguntar à Matriarca Mãe se outra pessoa, mais velha e mais experiente, não poderia vir com ela como a Voz das Matriarcas. Mas não fez nada disso.

— Vamos partir imediatamente depois que eu acordar — disse Milla secamente. — Agora, preciso descansar. Venha, Odris.

Todas as Donzelas Guerreiras novatas que estavam no salão bateram os punhos cerrados quando Milla saiu, mas ela percebeu que várias delas pareciam relutar em fazê-lo. As Matriarcas a tinham nomeado Capitã-Mor de todos eles, mas as coisas não eram tão fáceis assim. Ela teria de conquistar o respeito das novatas, das Donzelas Guerreiras, dos Caçadores e dos Cavaleiros da Espada que estavam para chegar.

Também teria de descobrir como passar pelo ar ruim dos túneis de aquecimento, como enfrentar a Magia das Pedras-do-Sol dos Escolhidos, e garantir a segurança do caminho para o Castelo, a fim de poder trazer reforços depois de estabelecer uma base nos níveis do Povo Inferior. Mas precisava pensar também nos próprios Inferiores, e na probabilidade de Ebbitt, Jarnil e os membros da Resistência ajudarem os Homens-do-Gelo ou voltarem-se contra eles.

E havia Tal. Milla se perguntava o que ele estaria fazendo, e se teria sido bem-sucedido na tentativa de chegar até a Grande Pedra. Não sabia ao certo se queria que as coisas tivessem dado certo ou errado. Se Tal tivesse efetivamente apanhado a Grande Pedra e, de alguma maneira, conseguido fazer com que os Escolhidos se voltassem contra Sushin e as sombras independentes, ele poderia ser capaz de garantir a segurança do Véu. Mas, conhecendo-o como ela conhecia, tinha certeza que ele não ia querer mandar todos os Espíritos-Sombra dos Escolhidos de volta para Aenir.

Então, ele seria um inimigo, e só havia uma forma, absolutamente garantida, de lidar com um inimigo.

Matá-lo, antes que ele nos matasse.

A descida foi angustiante. Tanto Tal quanto o Corvo esperavam encontrar Espíritos-Sombra hostis a todo instante. Qualquer oscilação de luz os assustava e, às vezes, bastava isso para eles escorregarem ou perderem o apoio da mão ou do pé. E, depois, lá vinha outro momento de pânico, porque eles quase despençavam.

Mas nenhum Espírito-Sombra saiu da Torre e eles chegaram a salvo à janela que Lokar descrevera para o Corvo. Entrando por ela, viram a escada secreta. Era uma escada estreitíssima, oculta na grossa parede da Torre. Qualquer pessoa de ombros um pouco mais largos que os do Corvo poderia facilmente ficar entalada ali.

As armadilhas também eram freqüentes. O Corvo teve de tirar a Grande Pedra da bolsinha, e carregá-la junto ao ouvido para receber as instruções de Lokar enquanto fazia extensos comentários visando a descrever para a Guardiã em que ponto estavam.

A pior das armadilhas era um conjunto de cutelos afiadíssimos que balançavam, atravessando a escada de lado a lado. Eles ficavam na altura dos joelhos, da barriga e do pescoço, disse Lokar. E eram acionados se a pessoa pisasse em qualquer ponto que não fosse o centro exato de um em cada seis degraus. Tal ficava sempre na expectativa de tropeçar, ouvir o clique do mecanismo e, então, sentir, subitamente, a lâmina do cutelo.

Sabe-se lá como, conseguiu passar.

Ja seguindo o Corvo de perto, desconfiado de que o rapaz da Resistência pudesse não adverti-lo sobre as armadilhas. Achava que, ficando mais perto, estaria a salvo.

Adras continuava enrolado em seu braço e em sua Pedra-do-Sol, absorvendo luz. Sua carne-de-sombra estava escurecendo lentamente, mas ele estivera bem perto da morte. Tal não queria nem imaginar o que teria acontecido com ele se seu Espírito-Sombra tivesse morrido.

O Véu estava esquisito quando chegaram perto dele. Atravessava as muralhas da Torre, como se elas não existissem. Parecia que a escada descia por um tanque de água negra, tingida com a mais carregada das tintas.

Ao se aproximar do Véu, o Corvo hesitou e ouviu o que dizia Lokar, na Grande Pedra colada a seu ouvido. Depois, enfiou-se por ele adentro, deslizando a mão pela parede.

Tal também fez uma pausa e se concentrou na Pedra-do-Sol, liberando um raio de luz possante e incrivelmente luminoso. Adras o absorveu e só um brilhozinho tênue se espalhou, vindo da mão de Tal.

— Está pronto para enfrentar o Véu? — indagou Tal.

— Estou — sussurrou Adras. — Vá depressa!

Tal tomou fôlego, estendeu o braço para tocar a parede e desceu.

Um degrau, dois degraus, três degraus... e o Véu se fechou diante de seu rosto.

A escuridão era total. Tal continuou descendo, esfolando os dedos na parede porque tentava apertá-la com força para ter a certeza que ela estava ali.

Dez degraus... onze... doze... e Tal começou a entrar em pânico. O Véu parecia mais espesso aqui. E, sem dúvida, estava demorando mais para atravessá-lo. Achava que vir por aqui seria mais fácil do que escalando pelo lado de fora.

Começou a descer mais rápido, quase caindo em sua pressa de chegar ao fim. Perdeu a conta dos degraus, e começou a descer de dois em dois.

Tinha que sair do Véu!

De repente, saiu. O Corvo o fitava, bem mais abaixo, naquela estreita escada sinuosa, e a Grande Pedra Vermelha brilhava em sua mão.

Tal engoliu em seco e, lentamente, se aprumou. Ele tinha se encurvado, ficando quase de quatro, de tão desesperado que estava para chegar logo lá embaixo, ultrapassando o Véu.

— Você está bem? — perguntou a Adras. O Espírito-Sombra continuava enrolado em seu braço e não se movia.

— Estou — foi a resposta bem fraquinha. — Enjoadado. Luz é bom.

— Vamos — chamou o Corvo. Ele estava nitidamente apressado.

Na base da escada, onde uma passagem secreta se abria para um dos corredores incolores, tiveram que esperar que dois Espíritos-Sombra passassem. Pela fresta aberta. Tal e o Corvo ficaram olhando até os verem desaparecer numa curva.

Um deles era uma Besta Klenten. Tinha a cabeça recoberta por uma couraça maciça, com espessas pontas de osso, e plantada sobre ombros imensos. Tanto se movia em duas patas como em quatro. O outro era um Dretch, uma combinação de aranha com bicho-de-pau, parecido com ambos esses primos. Mas esse Espírito-Sombra era maior, e sua carne-de-sombra era mais forte e mais definida.

Tal mordeu o lábio, preocupado. Todos os Espíritos-Sombra no Castelo deveriam estar com os seus Escolhidos. Esses dois eram independentes, como aqueles que estavam na Torre Vermelha. Quantos Aeniranos estariam rondando pelo Castelo enquanto os Escolhidos estavam em Aenir? Estavam tão confiantes que simplesmente caminhavam pelos corredores. Não contavam encontrar qualquer obstáculo.

— Acho que Sushin está muito perto de destruir o Véu — sussurrou para o Corvo. — Já há tantos Espíritos-Sombra por aqui. Precisamos conversar sobre isso com Lokar, assim que chegarmos em algum lugar seguro.

— Talvez — disse o Corvo. Ele parecia distraído. — Olhe, tem um outro ali!

Tal se inclinou para olhar pela fresta. O que sentiu, a seguir, foi um terrível golpe na parte posterior da cabeça, e uma dor intensa.

Meio confuso, compreendeu que o Corvo o havia golpeado com o cabo de sua faca. Tentou se levantar, mas seus músculos não tinham força. Tampouco podia ver claramente. Tudo estava embaçado, e as paredes e o chão dançavam.

— Nada pessoal, Tal — disse o Corvo, e sua voz vinha do alto e de longe. — Se você não fosse um Escolhido, tudo bem. Mas você é um Escolhido, e vou fazer com essa Grande Pedra certas coisas com as quais você não concordaria.

Tal gemeu. Podia sentir que Adras lutava para se recompor e atacar o Corvo, mas o Espírito-Sombra também estava muito enfraquecido.

O olho de Tal percebeu o brilho de algo metálico, e um medo súbito se apossou dele.

— Não — tentou dizer, enquanto o Corvo se abaixava junto dele, com a faca na mão.

— Seu povo matou meus pais e fez meu irmão ficar louco — sussurrou o Corvo. — Meus

avós também foram para a Câmara dos Pesadelos, e nunca mais foram os mesmos. É... uma questão de... justiça... matar qualquer Escolhido.

Apesar do que dizia, o Corvo não fez nenhum movimento com a faca. Apenas ficou sentado ali, olhando para Tal.

Seus olhos se encontraram. Tal não podia ver nem pensar com clareza, mas não era ódio o que via nos olhos do Corvo. Era medo, embora não houvesse nada que o Corvo pudesse temer, aqui.

Exceto ele. O rapaz desviou os olhos de Tal, e olhou para a faca. A lâmina brilhava, vermelha, à luz que vinha da Grande Pedra.

— Desculpe — disse o Corvo, abruptamente. — Não venha atrás de mim.

Pôs-se de pé, voltou a olhar pela fresta e, então, esgueirou-se para o corredor.

Tal gemeu e apalpou a cabeça. Não havia sangue, mas estava doendo muito. Apoiando-se no chão com as mãos, conseguiu ficar de pé, cambaleando.

Adras tentou ajudá-lo, mas estava sem forças. O Escolhido e o Espírito-Sombra encostaram-se, um no outro, e caíram ambos, deslizando pela parede.

— O que vamos fazer? — perguntou Adras, num tom queixoso.

— Pegar de volta a Grande Pedra — disse Tal, carrancudo. Apoiando-se na parede, conseguiu chegar até a porta secreta e olhou para fora. O Corvo estava virando uma esquina, na direção oposta à que os Espíritos-Sombra haviam tomado.

— Venha — disse ele, fazendo um esforço para sair dali. Ainda estava zozzo, mas podia andar. O Corvo não ia escapar tão fácil assim, levando a Grande Pedra.

Quando Tal conseguiu chegar à curva do corredor, o Corvo já tinha desaparecido. O corredor se estendia a perder de vista e a luz branca, brilhante, das Pedras-do-Sol instaladas no teto, fazia doer a cabeça machucada de Tal. Vários corredores se comunicavam com este, levando ao nível Vermelho Um ou Laranja Sete.

Mas Tal sabia que o Corvo não tinha ido por um desses. Ia direto procurar a loja ou a passagem de serviço mais próximas.

Ainda vacilante. Tal ia seguindo em frente pelo corredor com Adras enganchado em seu cinto como um cego sendo guiado. Era a raiva que o mantinha andando. Com que direito o Corvo o tinha golpeado?! Ainda por cima, numa atitude covarde. Milla, pelo menos, sempre atacava cara a cara.

Escancarou a primeira porta que encontrou, com a Pedra-do-Sol erguida e já acesa com luz vermelha.

Mas era apenas um grande armário, cheio de túnicas sobressalentes, material de limpeza e outras coisas do gênero.

Tal já ia saindo quando seus olhos vislumbraram alguma coisa por detrás das roupas penduradas lá no fundo. De relance, percebeu uma tênue luz vermelha, apenas por um instante. A luz vermelha da Grande Pedra.

Precipitou-se para lá e afastou as roupas freneticamente. Havia uma porta, que estava fechada. Ela não tinha maçaneta ou qualquer sinal evidente de que podia ser aberta.

Mas Tal sequer procurou. Ergueu a mão e pôs toda a sua raiva na Pedra-do-Sol. A resposta foi luz vermelha, um raio ardente que se lançou sobre a porta.

Tal recuou quando voou metal derretido. Cerrrou o punho, anel em riste, e formou um amplo círculo com aquele fecho de luz.

Num minuto, tinha cortado a porta metálica ao meio. Qualquer que fosse o tipo de tranca que ela tivesse, estava agora derretida. Tal apanhou um escovão e usou-o para amassar as rebarbas da porta fumegante, antes de atravessá-la.

Atrás dela, havia um pequeno aposento e uma grande porta de metal, bem familiar, fechada por uma roda. Era uma das entradas para a tubulação de vapor do Castelo. Alguns trechos adiante, na mesma parede, havia uma outra escada estreita que servia para inspecionar o sistema de vapor.

O Corvo estava no alto dessa escada. Virou-se quando viu Tal.

— Eu disse para você não vir atrás de mim!

— Me dê a Grande Pedra! — ordenou Tal. E continuava erguendo a Pedra-do-Sol. O brilho vermelho era nitidamente um alerta.

— Não — disse o Corvo. — A Resistência precisa dela.

— Por quê? — perguntou Tal. — Por que você me atacou? Quem sabe eu não concordaria com você?

O Corvo deu um riso breve e amargo.

— Um Escolhido concordar com meu plano! Ouça, Tal. Há cinco anos que tenho uma Pedra-do-Sol. Eu a tirei... bem, eu consegui uma para mim. Mas ninguém vai me ensinar a usá-la da maneira adequada. É claro que Jarnil me mostrou uns poucos truques, e seu tio-avô Ebbitt também. Mas eles têm medo. Medo de deixar que um Resistente descubra os seus segredos. Mas agora eu tenho Lokar e ela vai me ensinar qualquer coisa, contanto que eu converse com ela. É muito solitário aí dentro. Nada acontece. A pessoa pode enlouquecer.

— Então é isso? — perguntou Tal. Não podia acreditar que fosse tão simples. — Eu ensino, se você quiser.

— Não, não é só isso! — gritou o Corvo. — Tenho algumas Pedras-do-Sol bem escondidas. Assim que soubermos usá-las, os Resignados vão se juntar a nós. Vamos usar as Pedras-do-Sol para dominar os Espíritos-Sombra que estão tomando conta dos Escolhidos mais importantes enquanto eles estão em Aenir. E, quando tivermos os corpos como reféns, poderemos comandar os Escolhidos.

— Mas, e Sushin, e o Vêu? — disse Tal. — Corvo, é o nosso mundo inteiro que está em perigo! Não é hora de lutarmos entre nós.

— Nunca é hora, se formos dar ouvidos aos Escolhidos — sussurrou o Corvo, praticamente falando sozinho. A faca brilhou em sua mão e, num instante, ela estava no ar, voando na direção de Tal.

Ela acertou a parede atrás dele, com uma chuva de faíscas.

Instintivamente, Tal revidou com um Raio Vermelho da Destruição.

O Corvo se abaixou e o raio atravessou a pedra acima de sua cabeça, fazendo voarem fagulhas. Uma delas cortou o rosto do rapaz, deixando um fio de sangue em sua face.

O Corvo deu um grito e partiu para cima de Tal. No mesmo instante, Adras deu um salto à frente. Ele ainda estava fraco para poder fazer muita coisa, mas estendeu um de seus pés fofos e o Corvo tropeçou nele.

Infelizmente, acabou caindo exatamente onde estava Tal.

Os dois meninos rolaram pelo chão, aos socos e pontapés. Adras deu um jeito de passar um braço-de-sombra pelo pescoço do Corvo e conseguiu tirá-lo de lá. Quando eles se separaram, Tal se apoderou da bolsinha onde estava a Grande Pedra.

Adras não conseguiu segurar o Corvo. O rapaz se livrou do Espírito-Sombra e agarrou a faca.

Os dois meninos se encararam, um de cada lado do aposento. Adras foi se pôr junto de Tal.

— Não me obrigue a feri-lo outra vez — disse o Corvo. — Me dê a Grande Pedra.

— Não — disse Tal, erguendo a Pedra-do-Sol. Ela agora irradiava luz laranja pois Tal tinha outros planos. Sua raiva tinha se abrandado. Não queria matar o Corvo. Usaria luz laranja para afastar o rapaz.

O Corvo começou a erguer a faca.

Tal preparou um disparo maciço.

Por um longo momento, havia a tênue possibilidade de ambos recuarem.

Foi então que Tal ouviu vozes vindas da escada por trás do Corvo. Vozes de Resistentes. Certamente, o Corvo tinha marcado encontro com eles nesse lugar, depois de ter traído Tal, como planejado.

Tal disparou a luz laranja, mirando bem acima da cabeça do Corvo.

O Corvo também tinha ouvido as vozes, mas a que pôde distinguir foi a de Ebbitt, tio-avô de Tal. Ebbitt era um perito entre os Escolhidos, e seu Espírito-Sombra era forte e feroz. Ficaria do lado de Tal, se soubesse o que realmente estava acontecendo.

O Corvo arremessou a faca.

Clovil estava no topo da escada, com Ferek, Tinty, e Ebbitt vinha logo atrás. Ebbitt viu o Corvo, de costas, e chamou por ele no exato momento em que o jorro de luz laranja explodiu bem acima deles todos.

A explosão derrubou o Corvo para trás, mas não foi só. Acertou também as grandes vigas do teto e a verga acima da porta. Começaram a cair estilhaços de pedra. De início, eram apenas pedrinhas minúsculas mas, em pouco tempo, aquilo virou uma cascata de blocos de rocha.

Tal ficou olhando o que estava acontecendo. Viu o Corvo ser lançado para trás, em cima de Clovil. Viu os outros Resistentes olharem, apavorados, para o teto que cedia, e ouviu o grito de espanto de seu tio-avô.

— Para trás! Para trás, senão vocês morrem!

E logo a escada foi completamente soterrada por uma avalanche de pedras. Um pedaço enorme do teto caiu bem diante de Tal, espatifando-se em mil pedaços que voaram e cortaram seu rosto e suas mãos. Caíram ainda mais pedras e a poeira se levantava em nuvens imensas.

Apesar do perigo, Tal se precipitou na direção da escada. Concentrou-se em sua Pedra-do-Sol para fazer uma Mão de Luz, tentando sustentar o grande peso da rocha.

Mas, de súbito, enquanto a Mão estava se formando, um terrível assobio se fez ouvir acima e diante de Tal. Instintivamente, ele se agachou, um minuto antes de uma grande onda de vapor explodir acima de sua cabeça.

A tubulação tinha estourado! E era justamente o imenso cano que levava grandes quantidades de vapor vindas dos tanques de lava fervente que ficavam bem mais lá embaixo.

Desesperado, Tal procurou se concentrar para criar a Mão antes que o vapor superaquecido começasse a vazar pelas rachaduras.

O assobio foi ficando ainda mais forte e estridente pois o vapor uivava sob grande pressão. O calor era insuportável, e Tal foi obrigado a recuar, rastejando. Perdeu a concentração, e a Mão, que começava a se formar, se desmanchou.

Empurrado pelo vapor. Tal teve de recuar para o depósito do Povo Inferior. Agora, já não enxergava nada. A peça estava cheia de vapor e de poeira. Por trás da nuvem assassina, Tal podia ouvir que as pedras continuavam a cair, com um estrondo que fazia o chão vibrar.

— Socorro! — gritou Tal. Pouco se importava com quem aparecesse. Tinha de haver alguém que pudesse fazer alguma coisa. — Socorro!

Tentou voltar para o outro aposento, mas foi empurrado para trás. Mesmo nas proximidades da porta, o vapor estava quente demais. Mais para dentro, ele arrancaria a carne dos ossos.

Tossindo, Tal recuou de novo e, mais uma vez, gritou por socorro.

Mas ninguém apareceu. Todos os Escolhidos estavam em Aenir, e os Inferiores não viriam ver o que estava acontecendo até terem certeza que era o que se esperava que eles fizessem.

Tal não podia fazer nada. Adras não podia fazer nada.

Tal não conseguia acreditar no que acontecera.

Provavelmente, tinha matado o Corvo, Clovil, Ferek, Tinty... e o tio-avô Ebbitt.

Tudo isso num segundo fatal.

Não pretendia fazer aquilo. Simplesmente, acontecera. Mesmo que, por sorte, tivessem se esquivado das pedras que caíam, não teriam sobrevivido à explosão de vapor.

Adras deu um puxão em sua manga.

Tal baixou os olhos e, estarrecido, viu que a faca do Corvo estava presa numa dobra da camisa, debaixo de seu braço. A pele não tinha sido atingida, mas a faca não acertara seu coração por menos de um palmo.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Adras, com uma voz baixa que nem parecia a de um Pastor de Tempestades. — Queria que Odris estivesse aqui.

Tal correu os olhos por todos os lados. Não estava conseguindo pensar. Não sabia o que fazer.

Uma vozinha miúda, vinda da bolsa que trazia presa ao pulso, finalmente chamou sua atenção.

— O que está acontecendo?

Tal pegou a Grande Pedra e olhou dentro dela. Uma lágrima caiu na pedra e Tal a enxugou. Não tinha percebido que estava chorando.

— O que foi? — perguntou Lokar. — O que está acontecendo?

— O Corvo morreu — disse Tal, aturdido. Nem mencionou os outros.

— Não se preocupe com isso — disse Lokar. — Era apenas um Inferior, e maluco. Você precisa me levar até a Imperatriz. Esta é a coisa mais importante a fazer. Questão de vida ou morte!

— Vida ou morte — repetiu Tal. Sentia-se como se outra pessoa estivesse usando a sua voz.

— O único problema é saber como chegar até ela sem passar pelo Vizir das Trevas... ou o da Luz, no caso — continuou Lokar, meditando. — Tal, você está ouvindo?

— Estou — murmurou Tal. Não estava conseguindo pensar. Estava absolutamente em choque.

— Que dia é hoje? Estamos perto de algum dos Festivais, ou de alguma comemoração a que a Imperatriz vá comparecer?

— É o Dia da Ascensão — disse Tal. — Ou o dia seguinte. Não sei...

— Aenir! — gritou Lokar. — A Imperatriz estará em Aenir. Você tem de me levar até lá, Tal!

— Eu matei... — começou a gritar Tal, mas Lokar o interrompeu.

— Aenir! A Imperatriz. Ela vai resolver tudo. Ela pode libertar Rerem usando a Grande Pedra Violeta! — Aquilo interessou Tal. Libertar seu pai. Precisava falar com seu pai sobre o que tinha acontecido.

— Aenir — murmurou ele. Teria de encontrar um lugar seguro para esconder seu corpo, porque não podia deixar Adras aqui tomando conta dele. Não dava para confiar que Adras fosse cumprir sua tarefa.

— O Mausoléu — sussurrou ele. Pela última vez, olhou para o turbilhão de vapor e poeira. O suor cobria seu rosto, misturando-se com as lágrimas. — Vamos fazer a passagem para Aenir do Mausoléu — decidiu Tal, em voz alta.

— Aenir? — indagou Adras quando Tal já tinha começado a correr, deixando para trás aquele lugar terrível. — E Odris e Milla?

Tal não respondeu. Continuou correndo.

— Devíamos esperar — implorou o Espírito-Sombra. — Odris está vindo para cá, com Milla. Posso sentir isso!

Tal nem o ouviu. Havia apenas uma coisa em sua mente.

Tinha de fazer a passagem para Aenir. Tinha de fazer o que quisera fazer desde o começo.

Contar tudo à Imperatriz.

E então, tudo passaria a ser problema dela.

EPÍLOGO

Três dias depois do episódio das pedras caindo no Castelo, mas num ponto bem abaixo, na Montanha da Luz, Milla Mão-de-Garra observava a construção da ponte de cordas sobre o abismo na estrada. A seu redor, mais de quarenta Donzelas Guerreiras trabalhavam, pregando pinos de sustentação e amarrando cordas. Havia mais delas do outro lado, perto da pirâmide de Imrir, fazendo o mesmo trabalho. Outras ainda seguravam lanternas-mariposas para iluminar a área, ou empunhavam espadas, para proteger o grupo contra os Brocais.

Dois Cavaleiros da Espada estavam de guarda junto à entrada do sistema de aquecimento, preparados para o que quer que pudesse vir do alto ou de baixo. Ambos empunhavam grandes arcos de osso recurvado e traziam aljavas cheias de setas de osso, guarnecidas de penas do pássaro cego Arug.

Malen, a Matriarca, estava perto dos Cavaleiros da Espada, com os olhos azuis luminosos atentos à escuridão que estava além das luzes dos Homens-do-Gelo. Milla não sabia o que ela estaria procurando.

Em breve, desde que as Matriarcas pudessem lhes fornecer ar puro, seu primeiro pelotão de ataque estaria começando a viagem pelo sistema de aquecimento.

E Milla estaria à sua frente.

FIM.